

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO PARANÁ
ESCOLA DE EDUCAÇÃO E HUMANIDADES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO**

CARMEN TEREZINHA KOPPE

**MARCIA PRISCILLA BROWN: UMA PEDAGOGA AMERICANA NA
REFORMA DA ESCOLA NORMAL DE SÃO PAULO (1890-1896)**

CURITIBA

2021

CARMEN TEREZINHA KOPPE

**MARCIA PRISCILLA BROWN: UMA PEDAGOGA AMERICANA NA
REFORMA DA ESCOLA NORMAL DE SÃO PAULO (1890-1896)**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Escola de Educação e Humanidades da Pontifícia Universidade Católica do Paraná – PUCPR, como requisito Parcial para obtenção do título de Mestre em Educação.

Orientadora: Evelyn de Almeida Orlando

Curitiba
2021

Dados da Catalogação na Publicação
Pontifícia Universidade Católica do Paraná

Koppe, Carmen Terezinha
Marcia Priscilla Brown: uma pedagoga americana na Reforma da Escola Normal de São Paulo (1890-1896)
Caetano de Campos / Carmen Terezinha Koppe;
Orientadora: Evelyn de Almeida Orlando – 2021.

Dissertação (mestrado) – Pontifícia Universidade Católica do Paraná
Curitiba, 2021.

Bibliografia:

1. Brown, Marcia Priscilla, 1835-1923. 2. Educação. 3.
I. Orlando, Evelyn de Almeida. II. Pontifícia Universidade Católica do Paraná. Programa de Pós-Graduação em Educação. III.
Título.

CDD

Sistema Integrado de Bibliotecas – SIBI/PUCPR
Biblioteca Central



PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO PARANÁ
ESCOLA DE EDUCAÇÃO E HUMANIDADES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

**ATA DA SESSÃO PÚBLICA DE EXAME DE DISSERTAÇÃO N.º 918
DEFESA PÚBLICA DE DISSERTAÇÃO DE Mestrado DE**

Carmen Terezinha Koppe

Aos dez dias do mês de dezembro do ano de dois mil e vinte e um, reuniu-se às 14h, por videoconferência, a Banca Examinadora constituída pelas professoras: Prof.ª Dr.ª Evelyn de Almeida Oriando, Prof.ª Dr.ª Fabiane Lopes de Oliveira, Prof.ª Dr.ª Rosa Lydia Teixeira Corrêa para examinar a Dissertação da mestranda **Carmen Terezinha Koppe**, ano de ingresso 2019, aluna do Programa de Pós-Graduação em Educação, Linha de Pesquisa "História e Políticas da Educação". A mestranda apresentou a dissertação intitulada "**MARCIA PRISCILLA BROWN: UMA PEDAGOGA AMERICANA NA REFORMA DA ESCOLA NORMAL DE SÃO PAULO (1890-1896)**" que, após a defesa foi aprovada pela Banca Examinadora. A sessão encerrou-se às 16h42min. Para constar, lavrou-se a presente ata, que vai assinada pela presidente da banca e pela coordenação do Programa. As avaliadoras participaram da defesa por videoconferência e estão de acordo com os termos acima descritos.

Observações: A banca ressalta a importância da temática para a História da Educação, o ineditismo das fontes e indica a necessidade ainda de maior aprofundamento em relação à contextualização sobretudo no que concerne ao seu marco temporal e o liberalismo que orienta as reformas da Instrução Pública na Primeira República no Estado de São Paulo.

Presidente:
Prof.ª Dr.ª Evelyn de Almeida Oriando

Convidado Externo:
Prof.ª Dr.ª Fabiane Lopes de Oliveira

Participação por videoconferência

Convidado Interno:
Prof.ª Dr.ª Rosa Lydia Teixeira Corrêa

Participação por videoconferência

Prof.ª Dr.ª Patricia Lupion Torres

Coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Educação
Stricto Sensu



Ao meu companheiro de vida, Geraldo.

Mestre, são plácidas
Todas as horas
Que nós perdemos.
Se no perdê-las,
Qual numa jarra,
Nós pomos flores.

Não há tristezas
Nem alegrias
Na nossa vida.
Assim sabemos,
Sábios incautos,
Não a viver,

Mas decorrê-la,
Tranquilos, plácidos,
Tendo as crianças
Por nossas mestras,
E os olhos cheios
De Natureza...

À beira-rio,
À beira-estrada,
Conforme calha,
Sempre no mesmo
Leve descanso
De estar vivendo.

O tempo passa,
Não nos diz nada.
Envelhecemos.
Saibamos, quase
Maliciosos,
Sentir-nos ir.

Não vale a pena
Fazer um gesto.
Não se resiste
Ao deus atroz
Que os próprios filhos
Devora sempre.

Colhamos flores.
Molhemos leves
As nossas mãos
Nos rios calmos,
Para aprendermos
Calma também.

Girassóis sempre
Fitando o Sol,
Da vida iremos
Tranquilos, tendo
Nem o remorso
De ter vivido.

(Ricardo Reis)

AGRADECIMENTOS

A Deus pelo dom da vida e por sempre estar junto nas horas mais difíceis, especialmente, o de 2020.

A Geraldo, meu companheiro de vida, que sempre me incentivou estando sempre ao meu lado. Sem ele, isso não teria sido possível.

Aos meus filhos, pela força nesta caminhada cheia de percalços.

Às colegas e aos colegas, que no início era só o Lucas, do GEHED, começando lá em 2015 e que continuam na caminhada até hoje nas aulas, nos grupos de pesquisas, encontrando novos voos para alçarem.

Aos professores com quem aprendi tanto em uma área diversa a que tinha seguido na graduação, mas que sempre gostei: história e educação. À professora Maria Lourdes, por ter me direcionado à História da Educação, em 2015.

Meu muito obrigada à professora Rosa Lydia que, com seu imenso conhecimento sobre as escolas normais, tanto me orientou na qualificação, assim como à professora Fabiane, que indicou as falhas existentes no trabalho durante a qualificação.

Ao professor Peri por todas as suas histórias que me inspiravam a querer saber mais. Ao professor Lindomar, essa doce pessoa que tanto conhecimento sempre transmitiu, sempre incentivando seus alunos.

Por último, mas a mais importante, à minha orientadora, professora Evelyn, que acreditou em mim e não me deixou desistir. Sempre que precisei, estava lá para me dar ajuda e guiar-me até a informação correta.

Não posso deixar de mencionar meus amigos e amigas que, apesar da pandemia e sem o contato pessoal, sempre me incentivaram, dizendo que eu conseguiria, e a todos e todas da PUC Idiomas, que sempre me deram incentivo.

Também agradeço à minha amiga e revisora Laís que ajudou para que o texto fosse coeso e coerente e, que me ensinou muito com as regras da língua portuguesa.

Ao meu novo amigo americano, que vou conhecer pessoalmente no próximo ano, Daniel Ladue, por tanta informação que conseguiu para mim. Com certeza, sem sua ajuda, parte desta pesquisa não teria sido possível. Da mesma

forma Lily Mysona que, tão atenciosamente, enviou dezenas de recortes de jornais da época que possibilitaram iniciar esta pesquisa.

Por último, quero agradecer ao meu sobrinho Phillip, que tão gentilmente foi meu motorista de Nova York à Filadélfia para que eu pudesse pesquisar na Sociedade Histórica Presbiteriana e à viagem super divertida que tivemos.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	15
1. A TRAJETÓRIA DE MARCIA PRISCILLA BROWN: DOS ESTADOS UNIDOS PARA O BRASIL	40
1.1 MARCIA BROWN: AS ORIGENS DE UMA TRAJETÓRIA NA EDUCAÇÃO	41
1.2 A TRAJETÓRIA DE MARCIA BROWN NA EDUCAÇÃO AMERICANA.....	45
1.3 MARCIA BROWN: UMA EDUCADORA PROTESTANTE EM MUITAS FRENTE DE AÇÃO	58
1.4 MARCIA BROWN E SUA EXPERIÊNCIA EM MALDEN COMO GESTORA EDUCACIONAL E O TRÂNSITO PARA O BRASIL	64
2 MARCIA PRISCILLA BROWN NO CONTEXTO DA REFORMA DA ESCOLA NORMAL EM SÃO PAULO	70
2.1 CHEGADA DE MARCIA BROWN A SÃO PAULO	70
2.2 CAMINHOS DA ESCOLA NORMAL NO BRASIL	71
2.3 A ESCOLA NORMAL DE SÃO PAULO.....	73
2.4 MARCIA BROWN ANTES DA REFORMA CAETANO DE CAMPOS (1888-1890)	80
2.5 A REFORMA CAETANO DE CAMPOS E A PARTICIPAÇÃO DE MARCIA BROWN.....	86
2.6 GRUPOS ESCOLARES	99
CONSIDERAÇÕES FINAIS	103
REFERÊNCIAS	108
FONTES COMPLEMENTARES	111

ANEXO A – A CARREIRA DE MARCIA BROWNE DEVIDO AOS ESFORÇOS DE MISS EMMA F. FOSTER (06 ABR 1923)	123
ANEXO B – POEMA PARA MARCIA BROWN DURANTE A RECEPÇÃO NA SUA DESPEDIDA PARA A VIAGEM AO BRASIL (1888)	124
ANEXO C – CARTA DE MARCIA BROWN PARA DR. MITCHELL ENVIADA EM 22 DE SETEMBRO DE 1890	125
ANEXO D – PARTE DA CARTA MANUSCRITA DE MARCIA BROWN	127
ANEXO E – CARTA ENVIADA POR MARCIA BROWN DEZ MESES APÓS TER CHEGADO NO BRASIL (1889)	128
ANEXO F – <i>19º RELATÓRIO ANUAL DO CONSELHO DE MULHERES DAS MISSÕES ESTRANGEIRAS DA IGREJA PRESBITERIANA (1889)</i>	129
ANEXO G – CARTA DE MARCIA BROWN ENVIADA APÓS A PROCLAMAÇÃO DA REPÚBLICA.....	124
ANEXO H – <i>20º RELATÓRIO ANUAL DO CONSELHO DE MULHERES DAS MISSÕES ESTRANGEIRAS DA IGREJA PRESBITERIANA (1890)</i>	132
ANEXO I – PARTE DA CARTA ENVIADA POR HORACE LANE RESPONDENDO A UM QUESTIONAMENTO QUANTO À APTIDÃO DE TRABALHAR DE MISS BROWN.....	133
ANEXO J – CARTA DE CAETANO DE CAMPOS DE 30 DE MARÇO DE 1890 ESCLARECENDO PONTOS DA REFORMA	135
ANEXO K – <i>21º RELATÓRIO ANUAL DO CONSELHO DE MULHERES DAS MISSÕES ESTRANGEIRAS DA IGREJA PRESBITERIANA (1891)</i>	138

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Boston Latin School, a escola mais antiga nos Estados Unidos, fundada em 23 de abril de 1635.....	25
Figura 2 – Boston Latin School (foto atual)	25
Figura 3 – Marcia Priscilla Brown	41
Figura 4 – Túmulo de Marcia P. Brown, em Malden, Massachusetts.....	42
Figura 5 – Foto da escola em que, provavelmente, Marcia Brown estudou (deve ser demolida em breve).....	43
Figura 6 – Foto da Springfield Academy, onde Márcia Brown deve ter estudado	44
Figura 7 – Burlington High School, na década de 1900	46
Figura 8 – Entrada original do prédio principal da Vassar University	47
Figura 9 – The Northern Home for Friendless Children em 1874.....	62
Figura 10 – Escola Normal de São Paulo de 1846.....	74
Figura 11 – Escola Normal de São Paulo na Rua da Boa Morte, depois estabelecida na Rua do Carmo	87
Figura 12 – Pavilhão brasileiro na <i>World's Fair</i> de 1893, em Chicago	95

O centro em torno do qual todos os melhores esforços do professor se agrupam, seus pensamentos mais elevados se cristalizam, não é sua própria felicidade e sucesso, mas o bem das crianças.

Our Work, Marcia P. Brown

KOPPE, Carmen Terezinha. *Marcia Priscilla Brown e a Reforma de Educação em São Paulo de Caetano de Campos*. 2021. Dissertação (Mestrado em Educação). Escola de Educação e Humanidades. Pontifícia Universidade Católica do Paraná – PUCPR, Curitiba, 2021.

RESUMO

Este trabalho buscou avaliar a trajetória de Marcia Priscilla Brown e sua participação na Reforma da Escola Normal de São Paulo. Para isso, fizemos um recuo no espaço-tempo, desde Springfield, Vermont, até outras cidades no nordeste dos Estados Unidos. A dissertação examina suas primeiras incursões na educação pública no estado de Vermont, sua função como diretora de uma escola primária em Malden, Massachusetts, e sua chegada a São Paulo, em 1888. Devido ao seu grande conhecimento e trabalho com as novas metodologias de ensino de Johann Heinrich Pestalozzi e Friedrich Froebel e, nos Estados Unidos, baseada em Horace Mann, ajudou a modernizar a educação pública em São Paulo na reforma de 1890, contribuições que permaneceram até a década de 1960 nas Escolas Normais. Esse processo de modernização orientou o quadro de reformas da Instrução Pública do Estado de São Paulo, na gestão de Caetano de Campos, o qual promoveu – com a participação efetiva da pedagoga americana Marcia Brown – uma das primeiras grandes reformas da Escola Normal, a qual não ficou restrita a São Paulo, mas tornou-se modelo para todo o Brasil. Do ponto de vista teórico-metodológico, esta pesquisa foi produzida no campo da História da Educação sob o aporte da História Cultural. Informações foram construídas a partir de fontes documentais localizadas, sobretudo, nos arquivos norte-americanos, fundamentalmente, nos jornais americanos, e com a assistência do historiador da cidade de Springfield, e fontes locais em Plattsburgh, Nova York, que foram lidas sob a luz de Roger Chartier e de referenciais da História das Mulheres. Brown fez circular saberes e práticas modernas de ensino, adaptando-se a uma cultura muito diversa da sua. Como mulher solteira, Brown soube impor-se no meio de um ambiente masculino por excelência e onde a autoridade emanava dos homens conseguindo ser um nome conhecido e respeitado como diretora das escolas-modelo. Ela foi uma profissional da educação formadora de novos professores, e considerada, na sua época, uma mulher competente para intervir no campo educacional, demarcando um espaço e um projeto na história da educação brasileira.

Palavras-chave: Reforma Caetano de Campos; Marcia P. Brown; Escola Normal; novas metodologias; conhecimento e práticas modernas.

ABSTRACT

This study sought to evaluate the arc of Marcia Priscilla Brown's role and participation in the reform of the *Escola Normal de São Paulo*. In order to do this, we took a step back in space and time, journeying first to her hometown in Springfield, Vermont, as well as in other communities in the northeastern United States of America. The dissertation examines her first forays into public education in the state of Vermont, her role as principal of an elementary school in Malden, Massachusetts, and her subsequent arrival in São Paulo, in 1888. Because of her great knowledge and work with the new older teaching methodologies of Johann Heinrich Pestalozzi and Friedrich Froebel, and current educational theory, in the United States, based on Horace Mann, she helped revolutionize public education in São Paulo in the educational reform of the 1890s, contributions that continued until the 1960s, in the Normal Schools. This modernization process guided the reform framework of the Public Instruction of the State of São Paulo, under Caetano de Campos, who promoted - with the effective participation of the American pedagogue Marcia Brown - one of the first major reforms of the *Escola Normal*, which it was not restricted to São Paulo, but became a model for all of Brazil. From a theoretical-methodological point of view, this research was done in the History of Education field under the contribution of Cultural History. Information was gleaned from documentary sources located, especially, in American newspapers, and with the assistance of the town historian of Springfield, Vermont and local sources in Plattsburgh, New York. These sources were read under Roger Chartier's education theories and Women's History referential. Brown disseminated knowledge and modern teaching practices at the time, adapted to a culture very different from her own. As a single woman, Brown learned to assert herself in the midst of the long-standing culture of Brazilian patriarchy, where authority emanated from men. Nonetheless, she became a well-known and respected principal of the model schools. An education professional training new teachers, Marcia Priscilla Brown was considered at her time as competent to intervene in the educational field, making a place for herself and a project in the history of Brazilian education.

Key words: Caetano de Campos Reform; Marcia P. Brown; Normal School; New methodologies; Modern knowledge and practices.

INTRODUÇÃO

A vida educa. Mas a vida que educa não é uma questão de palavras, e sim, de ação. É atividade.

(Johann Heinrich Pestalozzi)

O interesse por Marcia Priscilla Brown¹ surgiu por meio das leituras feitas nas disciplinas de mestrado do Programa de Pós-Graduação em Educação da PUCPR, como a intitulada *Mulheres intelectuais, modernidade e educação no Brasil*. A disciplina abordou inúmeras mulheres, desde as do século XIX até quase as dos nossos dias. De acordo com Joan Scott (1995), estudamos na referida disciplina as mulheres como sujeitos históricos e o gênero como uma categoria útil para analisarmos e pensarmos a mulher como intelectual. Várias foram estudadas, como Armanda Álvaro Alberto, Nísia Floresta e outras, discutindo-se o lugar delas no campo pedagógico e sua participação nesse cenário.

Nos estudos realizados, foi possível observar que, desde cedo, as mulheres começaram a aparecer em certos campos da educação, sendo umas mais que outras, primeiro ensinando seus filhos e, com o tempo, filhos de parentes e vizinhos. É dentro desse cenário que várias mulheres, geralmente, junto com seus esposos, ao chegarem ao Brasil, vindos dos Estados Unidos, no final do século XIX, como missionárias ou esposas de pastor não só ajudavam na evangelização como também passavam a dar aulas às crianças e jovens que não sabiam ler nem escrever, como nos mostra a historiografia da educação protestante. Em Loyde Anne C. Silva Veras (2017, p. 110), vemos isso no trabalho sobre Eva Mills que veio com seu marido, como missionários, em 1928. Ela era considerada a “esposa do missionário” e, não só trabalhava como missionária, mas como alfabetizadora para que a população que estava sendo doutrinada pudesse fazer a leitura da Bíblia. É possível constatar isso também, em Ester Fraga Vilas-Bôas Nascimento (2004, p. 146), onde ela discorre sobre a vinda dos missionários presbiterianos americanos, os quais ao chegarem ao Brasil, observaram o alto índice de analfabetismo. Com isso, constataram que, antes de tudo, a população necessitava aprender a ler e escrever, para poderem

¹No material encontrado sobre Marcia Brown, inicialmente, o sobrenome é sem a letra “e” final. Mais tarde, este é encontrado nas duas formas: Brown e Browne. Como o primeiro é mais comum, foi usado em todo o trabalho, com exceção de material publicado com a letra “e” final.

ler a Bíblia, o livro de hinos e outros materiais religiosos, bem como escrever atas, registros de nascimentos, casamentos e óbitos.

Da mesma forma, foi possível constatar que algumas dessas mulheres presbiterianas, eram solteiras e vinham como missionárias tornando-se educadoras. Infelizmente, estas não eram realmente vistas como educadoras ou reconhecidas como tal.

Ao estudar a dissertação de mestrado de Laura Sanchez Pereira, *Nísia Floresta: memória e história da mulher intelectual oitocentista* (2017, p. 31), percebi como as mulheres foram silenciadas e houve uma invisibilidade histórica delas:

[...] a historiografia não contemplou o gênero feminino como objeto de estudo e em consequência existiu um silêncio e uma invisibilidade das mulheres ao longo da história. [...] E sem relatos, sem história escrita – a historiografia –, as mulheres durante séculos ficaram silenciadas, fora do seu tempo e espaço. E esse silêncio não se conformou com existir durante tanto tempo, se não que, envolveu junto com ele também uma invisibilidade. Uma invisibilidade que, entre outros fatores, pode se explicar, desde a concepção de que a mulher vivia confinada a seu lar.

Pereira (2017, p. 53) escreve sobre a educação feminina: “Os homens eram instruídos para desenvolver o intelecto, porém as mulheres eram educadas – e não instruídas – para formar o caráter.” Dessa maneira, pode-se imaginar a dificuldade para uma mulher solteira emigrar de seu país enfrentando problemas diversos. Foi a partir desse panorama que me veio a ideia de escolher uma mulher como meu objeto de estudo.

Na busca pelo objeto de pesquisa, outros fatores de minha trajetória ganharam relevo: por ter sido normalista na década de 1960, em Porto Alegre, e por ter morado alguns anos nos Estados Unidos, minha atenção voltou-se à influência americana nessa instituição e, paulatinamente, o foco foi a Reforma da Escola Normal, em São Paulo, no começo da República, que se tornou referência e modelo para as demais, marcando as trajetórias dessas instituições.

Assim, naquele contexto, encontrei Marcia Priscilla Brown, americana, solteira e que veio para o Brasil como missionária. Porém, como veremos adiante, talvez essa não tenha sido a história completa. Foi difícil encontrar informações

no início da pesquisa: busquei em sites americanos sobre a sua procedência e a razão de ter vindo para o Brasil. Descobri que houve uma escola de ensino de primeiro grau, em Malden, próximo a Boston, Massachusetts, com o nome dela. Meu interesse aumentou e, após alguns meses de tentativas, por meio de e-mails enviados à Malden Historical Society, um deles foi encaminhado para a Malden Public Library. Finalmente, uma pessoa muito especial da biblioteca, Lily Mysona, interessou-se pela minha pesquisa e ajudou-me com inúmeras informações dos jornais da época sobre Marcia Brown. Para ser mais precisa, Lily encaminhou em torno de 46 notícias de jornais (desde 1879 até 1939), o que nos mostra que Miss Brown continuou sendo notícia mesmo após sua morte, em 1923.

Enquanto estava buscando dados, Lily Mysona me informou que Daniel Ladue, professor e bibliotecário aposentado, morador de Plattsburgh, N. Y., também estava pesquisando Marcia Brown. Ladue estava escrevendo um livro sobre 25 mulheres que influenciaram, de alguma maneira, a área norte do estado de Nova York, e Marcia P. Brown estava entre elas. A bibliotecária o colocou em contato comigo e, desde então, temos ajudado um ao outro com trocas de informações. Ele me enviou muitos dados sobre Miss Brown que, provavelmente, eu não teria conseguido e, da mesma forma, passei referências a ele sobre o tempo em que ela esteve no Brasil. Assim, esperamos que esta pesquisa contribua para colocar Marcia P. Brown na historiografia da educação brasileira, no começo da República, quando ela ajudou a reformar a Escola Normal de São Paulo, reforma esta que se estendeu pelo Brasil, permanecendo até meados do século XX. Espero também que Marcia P. Brown possa ser conhecida na historiografia da educação americana no norte do Estado de Nova York.

Esta pesquisa não teria sido possível se não fosse todo o material obtido dos jornais de Malden, na época, assim como as notícias dos jornais no Brasil, disponíveis na internet e enviados por meio de correio eletrônico (e-mails). Além disso, o uso de sites, downloads de livros, artigos e blogs foram muito úteis, pois não há livros que discutam Marcia P. Brown, a não ser tangencialmente, como já foi apresentado inicialmente.

As informações coletadas permitiram uma descrição cronológica da trajetória profissional de Marcia Brown. Também, por meio de cartas e artigos escritos por ela, foi possível conhecer um pouco mais essa pessoa reclusa e

dedicada ao trabalho e que cooperou em uma das mais importantes reformas da Escola Normal, na cidade de São Paulo, em 1890.

Assim como as informações obtidas foram exploratórias, a escrita deste trabalho, da mesma forma, foi descritiva uma vez que, ao explorar cartas e artigos de jornais, foi possível descrever os acontecimentos de sua trajetória profissional. Trata-se também de uma pesquisa bibliográfica embasada no que foi mencionado anteriormente como também em teses, dissertações e artigos em que Miss Brown era referida, confirmando o que os jornais traziam. De fato, a imprensa periódica teve um lugar central nesta pesquisa no contexto em que foi desenvolvida, constituindo-se como uma das principais fontes.

Comparando com outras partes do mundo, a imprensa só chegou definitivamente ao Brasil com a vinda da família real portuguesa em 1808. As primeiras pessoas que queriam, por meio de impressos, contar, informar o que estava acontecendo, não eram chamadas de jornalistas, denominação comum entre nós atualmente, mas eram os redatores, os gazeteiros. Também não compravam ou liam o jornal, mas sim, a gazeta, a folha ou o periódico. As notícias vinham todas juntas, tanto as de opinião como as de informação. Não havia uma separação como temos hoje. Na mesma folha podiam ser encontradas notícias da província, nacionais e internacionais. As informações eram de âmbito local, doutrinárias e assim por diante. Os jornais podiam ser comprados em tipografias ou nas livrarias que começavam a surgir e, lá, tanto os redatores como os leitores eram encontrados.

Em São Paulo, um dos primeiros jornais foi o *Farol Paulistano*, de 1827. Contudo, foi durante as Regências (1831-1840) que houve um grande desenvolvimento e muitos manifestos apareceram assinados por mulheres, que eram leitoras ativas. Houve também, em 1827, o surgimento do *Jornal do Comércio*, partidário e de perfil conservador e que é o mais antigo e ininterrupto impresso na América Latina. São Paulo ainda era uma pacata cidade; porém, com o advento do café e a Faculdade de Direito, tornou-se um lugar com novas ideias e um centro para o jornalismo mais atual. Assim, outros jornais nasceram nessa época, como *O Observador Constitucional* (1829), *O Constitucional* (1853), *O Correio Paulistano* (1854) e *A Província de São Paulo* – hoje *O Estado de São Paulo*, um dos maiores jornais no país (MARTINS & LUCA, 2015, p. 61).

As mulheres também se sobressaíram nessa época em periódicos como *O Espelho Diamantino* (1827), *O Correio das Modas* (1839), *O Espelho das Brasileiras* (1831) e, em 1852, *O Jornal das Senhoras*, que “convidava todas as senhoras ‘dotadas de inteligência’ a apresentar suas produções literárias sob o anonimato” (MARTINS& LUCA, 2015, p. 68).

Com o advento da República, os jornais cresceram e houve muitos avanços; entre eles, a relação entre imprensa e educação: geralmente as novidades em educação e informação sobre escolas eram divulgadas pela imprensa escrita.

Nos Estados Unidos, a primeira imprensa aconteceu em 1638, em Cambridge, Massachusetts, e, em 1690, a primeira fábrica de papel foi fundada na Pensilvânia. O primeiro jornal em Nova York surgiu em 1725, o *New York Gazette*, um dos primeiros na Nova Inglaterra.² Na segunda metade do século XIX, já havia muitos jornais e alguns de mais prestígio, como o *New York Daily Times*, que foi fundado em 1851 por George Jones e ele tinha interesse em publicar reportagens com qualidade. Esse jornal é hoje o *New York Times*.³

Nesse contexto, constata-se que, no século XIX, tanto os Estados Unidos como o Brasil tinham seus jornais importantes e era por meio da imprensa que as notícias, novidades, informações sobre vários assuntos, inclusive a educação, eram divulgadas, tornando-se parte da historiografia da educação. Assim, os meios impressos vieram crescendo e, hoje, a mídia é muito abrangente. Além de se obter informações de livros, jornais, artigos, a mídia eletrônica também proporciona grande parte de informação para as pesquisas.

Do ponto de vista pedagógico, no século XVIII, na Europa, a educação já havia avançado mais que no Brasil. A partir de 1763, muitos governos, como o da Prússia, Áustria, Dinamarca, França e de outros, e mais tarde o da Inglaterra, decretaram que todas as crianças, tanto meninos como meninas, deviam frequentar a escola. Dependendo do país, as idades variavam entre 5 e 7 anos, até 11, 12 anos e havia uma escolaridade obrigatória de três anos.

De acordo com Luzuriaga (1984, p. 149), “o século XVIII é o século pedagógico por excelência. [...] Desenvolve-se a educação pública estatal e inicia-

² Disponível em: <<https://www.waldenfont.com/OnPrintinginAmerica.asp>>. Acesso em: 27 maio 2021.

³ Disponível em: <<https://www.thoughtco.com/here-is-a-brief-history-of-print-journalism-in-america-2073730>>. Acesso em: 27 maio 2021.

se a educação nacional.” O Século das Luzes ou o Iluminismo ganha dimensão quando as ideias do sensualismo e do idealismo, do empirismo e do racionalismo dos séculos anteriores aparecem mescladas. É durante o Iluminismo que a educação estatal e a educação nacional, a do povo pelo povo, tem começo. Desenvolve-se o princípio da educação universal, gratuita e obrigatória para a escola primária. A escola é laica e ocorre a organização dessa escola.

Entretanto, é com a Revolução Francesa, no fim do século XVIII, que a educação transforma-se radicalmente: passa da educação da obediência para a da liberdade; do caráter intelectual e instrumental para o caráter cívico e patriótico; do dever imposto para um dos direitos do homem e do cidadão. Nesse percurso, no final do século XIX, a educação em massa tornou-se um fator que influenciou o crescimento econômico quando a Inglaterra também impôs a educação primária, pois já havia sido provada a sua eficácia na Alemanha, a sua grande rival (ZINKINA, J., KOROTAYEV, A., ANDREEV, A., 2012).

Nos Estados Unidos, no século XVIII, as escolas atendiam à população durante 10 a 12 semanas por ano, principalmente nas colônias britânicas do norte. Atendiam mais aos meninos que às meninas, e as famílias com poder financeiro pagavam professores ou tutores para ensinarem seus filhos. As escolas não eram muito importantes e, geralmente, eram poucas e transitórias.

Para líderes como Thomas Jefferson, a sobrevivência da jovem República dependia da educação de seus cidadãos. Em 1778, ele propôs três anos de escola pública para todas as crianças, com exceção dos escravos. Era um começo da educação universal, porém, somente aos meninos era oferecida uma educação universitária. Jefferson continuou insistindo pela escola pública como secretário de estado, vice-presidente e presidente (MONDALE, S.; PATTON, S., 2001). Contudo, foi nas décadas de 1830 e 1840 que Horace Mann transformou-se no paradigma para a promoção da escola pública, como será visto mais adiante.

Já no Brasil, em 1759, ainda América Portuguesa, houve a primeira reforma de ensino. O rei Dom José I, de Portugal, por meio de seu ministro Marquês de Pombal, expulsou os jesuítas do país e criou “um sistema de organização e controle de uma escolarização de Estado” (BOTO, 2011, p. 46), por

meio do Alvará de 28 de junho de 1759, que trouxe grandes mudanças em Portugal e em suas colônias.⁴

Foi o Marquês de Pombal (Sebastião José de Carvalho e Melo) que introduziu várias reformas, inclusive na educação, as quais ficaram conhecidas como Reformas Pombalinas da Instrução Pública. De acordo com Boto (2011, p. 109, apud MAXWELL, 1996, p. 104), os três objetivos da Reforma Pombalina da Instrução Pública foram: “trazer a educação para o controle do Estado, secularizar a educação e padronizar o currículo”. Esta ocorreu durante o Iluminismo português, colocando o comando da educação nas mãos do Estado. O Iluminismo português, diferentemente de outros países europeus, era “não revolucionário, nem anti-histórico, nem irreligioso como o francês, mas essencialmente progressista, reformista, nacionalista e humanista” (CARVALHO, 1978, p. 225). Assemelhava-se ao Iluminismo italiano, mais cristão e católico.

Com a chegada da família imperial ao Brasil, em 1808, o ensino tomou novas direções. Realmente, foi o ensino superior que sofreu maiores alterações e essas se prolongaram até 1821, chamado de *período joanino* (época de D. João VI). Foi o começo do ensino formal superior com a criação de vários cursos, tais como: cirurgia e economia, agricultura, química, desenho técnico e a Academia Real Militar. Como ainda não existiam universidades no Brasil, os cursos eram lecionados como cátedras isoladas e formavam profissionais para as elites e a corte (FRANÇA, 2008).

Não houve grandes mudanças na educação brasileira até a chegada do Método Lancaster ou Mútuo no começo do século XIX. O método foi desenvolvido na Inglaterra, primeiramente por Andrew Bell, e, com a publicação de *Experiment in Education*, em 1796, tornou-se conhecido promovendo a educação dos pobres, mas Bell veio a falecer em 1832.

Em 1798, Joseph Lancaster, cujo nome foi dado ao método mais tarde, fundou, com suas próprias fontes financeiras, uma escola para filhos da classe trabalhadora, na Inglaterra. Ele conseguiu atrair muitos alunos pelo baixo valor cobrado, contudo começou a faltar dinheiro para que a escola continuasse. De

⁴ Sobre a origem da educação pública no Brasil, dentre os quais destaco, entre outros: *Origens da educação pública*, de Eliane Marta Santos Teixeira Lopes (1981); *As Luzes da educação: fundamentos, raízes históricas e práticas das Aulas Régias no Rio de Janeiro (1759-1834)*, de Teresa Maria Rolo Fachada Levi (1998); e a tese de livre docência de Carlota Boto, *Instrução pública e projeto civilizador: o século XVIII como intérprete da ciência, da infância e da escola* (2011).

acordo com Neves (2003, p. 65), a perspectiva para Lancaster conseguir “manter sua escola repleta de crianças foi a de adotar algumas práticas pedagógicas de Bell”.

As escolas de Lancaster eram para todos, independentemente da situação financeira ou religiosa, e a instrução incluía leitura, escrita, numeração e contas. Assim como Bell, Lancaster começou a divulgar suas ideias em panfletos chamados *Improvements in Education* e, em 1805, estes foram publicados como livro. A proposta de Lancaster era transformar o projeto pedagógico em um plano nacional para instruir a população pobre. A partir dessa ideia, já no começo do século XIX, o método alastrara-se por vários países: Estados Unidos, França, Portugal, Itália, Alemanha, Rússia, Índia, Austrália, Canadá, entre outros, assim como Argentina e Brasil.

De acordo com Maria Helena Câmara Bastos (2005), os alunos, em grandes números, eram colocados em uma sala de aula com um professor, divididos de acordo com o conhecimento e controlados por monitores. Ainda, de acordo com Bastos (2005), atribui-se ao Conde de Sceaux, francês, vindo para o Rio de Janeiro em 20 de abril de 1819, no navio holandês *Aimble S. Jean*, a primeira implantação do método no Brasil em 1819 e, a partir de 1820, o Estado o implanta de modo gradativo e oficial. Para a disseminação no Brasil, um soldado era enviado para uma província para aprender o método e depois voltava para a sua área de origem para propagá-lo. O método continuou sendo aplicado no Brasil e a Assembleia Constituinte de 1823 apresentou várias vantagens para a sua utilização. Inclusive, na Constituição de 1824, no art. 179, inciso XXXIII, o seguinte encontra-se registrado sobre a educação primária: “A Instrução primária é gratuita a todos os Cidadãos”. Porém, não chegou a ser regulamentada pela legislação ordinária (HILSDORF, 2003, p. 43-44), sem contar que não incluía os negros e escravos porque estes não eram considerados cidadãos. Além disso, os filhos de famílias abastadas não frequentavam as escolas públicas, pois eram educados em casa por professores particulares ou iam a escolas pagas. Sendo assim, a escola pública tornou-se lugar de educação para pobres, negros e mestiços.

Anterior às escolas de formação do pessoal docente, as escolas de ensino mútuo começaram, a partir de 1820, a ensinar as primeiras letras e a preparar os

docentes. Em 1823, foi decretada a criação de “uma escola de primeiras letras pelo método de ensino mútuo para instrução das corporações militares” (TANURI, 2000). Já a Lei de 15 de outubro de 1827 criava escolas de primeiras letras por quase todo o Império e estabelecia exames de seleção para os mestres e mestras que não tivessem a instrução necessária; e estes deveriam fazê-lo às suas próprias custas.

Em 15 de outubro de 1827, entretanto, o Imperador Dom Pedro I decretou o seguinte⁵ para as escolas primárias, incluindo o Método Lancaster ou Ensino Mútuo:

Art. 1º Em todas as cidades, vilas e lugares mais populosos, haverá as escolas de primeiras letras que forem necessárias. [...] Art. 4º As escolas serão do ensino mútuo nas capitais das províncias; e serão também nas cidades, vilas e lugares populosos delas, em que for possível estabelecerem-se. Art. 5º [...] os Professores que não tiverem a necessária instrução deste ensino, irão instruir-se em curto prazo e à custa dos seus ordenados nas escolas das capitais. Art. 6º Os professores ensinarão a ler, escrever, as quatro operações de aritmética, prática de quebrados, decimais e proporções, as noções mais gerais de geometria prática, a gramática de língua nacional, e os princípios de moral cristã e da doutrina da religião católica e apostólica romana, proporcionados à compreensão dos meninos; preferindo para as leituras a Constituição do Império e a História do Brasil. [...] Art. 11. Haverão escolas de meninas nas cidades e vilas mais populosas [...]. Art. 12. As Mestras, além do declarado no art. 6º, [...] ensinarão também as prendas que servem à economia doméstica; [...]. [...] Art. 15. [...] os castigos serão os praticados pelo método Lancaster.

Devido à exigência de ordem e disciplina nas grandes salas de aula, os militares foram convocados para as aulas de primeiras letras. Isso continuou até a Decisão nº 166 do Império, de 12 de maio de 1837, quando a função de militar e professor público foi considerada incompatível.

Foi a partir de 1827, com o decreto do imperador, que as escolas primárias, os liceus, os ginásios e as academias começaram a organizar-se mais sistematicamente. O Método Mútuo continuou sendo aplicado; porém, nem sempre era viabilizado, por vários motivos, tais como: não haver os espaços

⁵Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/LIM/LIM..-15-10-1827.htm>. Acesso em: 30 set. 2021.

adequados; falta de material didático-pedagógico para os alunos; professores não formados e treinados para aplicarem o método.

Em 1834, houve o Ato Adicional, em que as províncias assumiam a responsabilidade direta pelo ensino primário e secundário. Estes nem sempre eram implementados, pois os problemas continuavam. No final dos anos 1830, instituíram-se os “métodos mistos” que eram ou a combinação dos métodos individual e mútuo, ou os aspectos positivos do mútuo com o método simultâneo. Esses se mostraram os melhores para as condições da época, com classes mais homogêneas, divisão em níveis, produção do material didático-pedagógico e o uso do quadro-negro. Entretanto, ainda era necessária a construção de escolas com espaços apropriados para o ensino, o que só aconteceu no final do século XIX (FARIA FILHO, 2011).

Voltando à educação americana, no começo do século XIX, as escolas ensinavam as virtudes da família, religião e comunidade em vez de ensinarem disciplinas como Matemática e Leitura. As meninas não aprendiam a escrever, só a ler. Geralmente, as crianças aprendiam a ler e a escrever em casa. Eram ensinadas por seus pais ou estes contratavam um tutor ou tutora. É possível observar que o ensino era, mais ou menos, o mesmo em várias partes do mundo no começo dos anos de 1800.⁶

As primeiras escolas nas 13 colônias originais nos Estados Unidos surgiram no século XVII. A primeira escola pública foi a Boston Latin School, fundada em 1635, em Boston, Massachusetts, e é a escola mais antiga existente no país. Na figura 1 e na figura 2 são mostradas fotos dessa escola: a primeira é a original, de quando foi fundada em 1635, e a segunda é uma foto atual. Apesar do novo prédio, é a mesma escola, no mesmo lugar.

⁶ 11 Facts about the history of education in America. Disponível em: <<https://www.americanboard.org>>. Acesso em: 25 ago. 2021.

Figura 1 – Boston Latin School, a escola mais antiga nos Estados Unidos, fundada em 23 de abril de 1635



Fonte: Site Boston Latin School

Figura 2 – Boston Latin School (foto atual)



Fonte: Boston Latin School

O estado de Massachusetts, em 1642, aprovou a primeira lei compulsória de educação no Novo Mundo, exigindo que as crianças aprendessem a ler e a escrever em escolas. A lei não era observada por muitos e, em 1647, uma nova lei estabeleceu que todas as cidades deveriam abrir escolas públicas. Contudo, somente em meados do século XIX a escola pública, gratuita e universal foi compulsória para as crianças em Massachusetts.

Até 1647, geralmente, as crianças estudavam em casa. A lei foi fortalecendo-se e mais escolas foram abertas, mas em números insuficientes;

meninas ainda não frequentavam tanto as escolas como os meninos, e estas admitiam somente brancos, sendo os negros discriminados. Pode-se constatar que a situação não era muito diferente do que ocorria no Brasil. De acordo com o site *Education in Early America*⁷, (*1800's Education*) o ensino fundamental só foi organizado na segunda metade do século XIX, porém, já havia várias universidades, como Harvard, Yale, Brown, Vassar, entre outras, a partir de 1636.

Em 1837, Horace Mann foi nomeado secretário do novo Conselho de Educação, o primeiro nos Estados Unidos. Durante os 11 anos em que foi secretário, publicou 12 relatórios anuais sobre a relação integral entre educação, liberdade e governo republicano. Ele queria uma escola disponível e igual para todos, parte do direito ao nascer de cada criança americana. Uma escola para ricos e pobres. Mann descobriu que a "harmonia social" era seu objetivo principal na escola. Enquanto secretário de educação, Mann visitou a Europa, com autorização do governo, mas às suas próprias custas, e ficou impressionado com o sistema educacional da Prússia, liderado por Pestalozzi (CREMIN, 1957).⁸

Na metade do século XIX, as escolas dos Estados Unidos já possuíam unidades organizadas em ensino fundamental e médio. Muitos dos conceitos educacionais vieram das ideias europeias do século XIX. Tais princípios foram idealizados por dois líderes educacionais importantes da época, Johann Pestalozzi e Friedrich Froebel, e Mann os introduziu nas escolas de Massachusetts após voltar da Europa.⁹

Assim, ao retornar aos Estados Unidos de sua viagem à Europa, em 1843, Mann estabeleceu os seguintes princípios que influenciaram a escola pública:

1. Os cidadãos não podem obter a ignorância e a liberdade;
2. O público deve pagar, controlar e manter a educação;
3. Filhos de diferentes níveis financeiros devem ter a mesma escolaridade;
4. A educação que é ensinada deve ser não sectária (não religiosa);
5. A educação ensinada deve usar os princípios de uma sociedade livre;
6. Essa educação deve ser ministrada por professores treinados profissionalmente.¹⁰ (Tradução nossa)

⁷ Site: *Education in Early America*.

⁸ *The Republic and the school: Horace Mann on the education of free men*. New York: Teachers College, Columbia University.

⁹ Horace Mann and the Public Schools in the United States (Compayré/Gabriel, N.Y. 1907), P. 37.

¹⁰ 1. Citizens may not obtain both ignorance and freedom.

2. The public should have to pay for, control, and maintain education.

3. Children of different financial ladders should get the same schooling.

Como secretário da educação, Mann visitou inúmeras cidades em Massachusetts, promovendo a ideia de um novo sistema o qual ele chamou de *Common School*, que:

É um sistema de escola gratuito, não havendo distinção entre ricos e pobres... abre suas portas e propaga a mesa de recompensas para todas as crianças do estado... A educação, então, além de todos os outros dispositivos de origem humana, é o equalizador das condições dos homens, a grande roda de equilíbrio da máquina social.¹¹ (Tradução nossa)

Já no Brasil, entre a Independência (1822) e a Proclamação da República (1889), houve quatro reformas de ensino: Couto Ferraz (1854), Paulino de Souza (1870), João Alfredo (1873) e Leôncio de Carvalho (1879). Na última reforma houve alguns pontos positivos, entre os quais a introdução à coeducação nas escolas primárias dirigidas por mulheres, o que não era um ponto de consenso entre os educadores e as famílias brasileiras. De 1860 a 1900, o ensino protestante prosperou na capital da corte e, em 1884, já havia dez escolas secundárias (MESQUIDA, 1994, p. 58), mas a educação primária passava por vários desafios.

De acordo com Veiga (2007, p. 184):

No final do século XIX a educação brasileira vive um momento contraditório. Ocorre, de um lado, uma importante movimentação intelectual e política para a melhoria da qualidade pedagógica do ensino, enquanto as escolas públicas primárias funcionam em condições extremamente precárias em grande parte do Brasil.

Entretanto, o ensino particular em São Paulo, a partir da segunda metade do século XIX, era mais encorajador. No começo, era geralmente de ensino

4. The education that is taught must be nonsectarian (nonreligious).

5. The education taught has to use tenets of a free society.

6. This education should be taught by professionally trained teachers. Disponível em: <<https://horacemannaira.weebly.com>

¹¹ "It is a free school system, it knows no distinction of rich and poor... it throws open its doors and spreads the table of its bounty for all the children of the state... Education then, beyond all other devices of human origin, is the equalizer of the conditions of men, the great balance wheel of the social machinery." School: the story of American public education: Mondale, Sarah, editor: Free Download, Borrow, and Streaming: Internet Archive, p. 29).

primário dirigido ao setor masculino. Havia pouquíssimas escolas direcionadas às meninas. As moças de famílias ricas estudavam em casa com preceptores ou nas escolas confessionais mantidas por religiosos, especialmente, nas cidades de Taubaté, Guaratinguetá, Santos e São Paulo (MESQUIDA, 1994, p. 63).

O ensino secundário foi direcionado aos homens de orientação positivista ou maçom, e os colégios, na cidade de São Paulo, eram os seguintes: Delgado (Itu); Brasileiro, O Ateneu, Culto à Ciência (Campinas); Emulação, Paulistano, Glória, Ipiranga. Os padres católicos também fundaram escolas sem vínculo oficial com a Igreja, e as irmãs de São José de Chambery foram as pioneiras do ensino feminino católico na Província de São Paulo (MESQUIDA, 1994, p. 64-65).

A partir de 1860, missionários norte-americanos começaram a instalar escolas para seus filhos no Brasil. De acordo com Mesquida (1994, p.66), “Entre 1861 e 1869, seis autorizações para o exercício do ensino foram outorgadas aos protestantes Horace Manley Lane, George Chamberlain, Thomaz Bruce, John King (Capital), Guilherme Krugner (Piracicaba) e Francisco Way (Campinas e Piracicaba)”. Para os republicanos, a educação e a instrução os ajudariam a convencer o povo da superioridade e vantagens de um regime republicano. Em 1871, fundaram uma escola noturna, a qual os maçons incentivavam para difundir os ideais republicanos. O partido republicano acreditava na força da instrução popular e criava escolas para a infância e adultos. Em 1874, o Colégio Culto à Ciência, em Campinas, foi fundado, assim como a Escola Neutralidade, em 1884, foi fundada também (MESQUIDA, 1994, p. 84).

O Colégio Pestana, fundado em 1876, era destinado à educação das mulheres e filhas de importantes famílias republicanas, tendo como professores Francisco Rangel Pestana, Américo Brasiliense e Caetano de Campos, entre outros. Já nessa época, o modelo cultural e político norte-americano, com o novo sistema educacional, era ensinado aos alunos, que acreditavam ser a fonte de liberdade, trabalho, democracia, progresso e independência (MESQUIDA, 1994, p. 85).

Em 1872, a Igreja Presbiteriana norte-americana fundou, em São Paulo, a Escola Americana, mais tarde Mackenzie College. Dezesesseis anos depois, Marcia P. Brown vem para o Brasil, supostamente, como missionária e vai dar aulas na Escola Americana (MESQUIDA, 1994, p. 66).

Após a Proclamação da República, em 1889, algumas pessoas proeminentes em São Paulo demonstravam maior preocupação com a melhoria do ensino na capital. Foi com esse espírito que Prudente de Moraes¹², Rangel Pestana¹³ e Artur Breves¹⁴ foram até o Dr. Antonio Caetano de Campos¹⁵ para pedir que assumisse a direção da Escola Normal e a reforma educacional desejada.

De acordo com Reis Filho (1981, p. 5), a fase entre 1890 e 1896 é muito importante para a educação brasileira. Segundo o autor, “a organização escolar, então implantada, irá marcar duradouramente a evolução do ensino brasileiro, e não só do ensino paulista, pela influência que passou a exercer em outras unidades da federação”.

Assim, surgiu o interesse por um novo sistema educacional e pelos novos métodos com a participação de Rangel Pestana na instalação das escolas americanas e de confissão protestante, como a Escola Americana, o Colégio Morton, o Colégio Internacional de Campinas e o Colégio Piracicabano, de Piracicaba. Para Pestana, essas instituições eram modelos para os projetos de Reforma da Instrução Pública e, já em 1880, ele havia apresentado um projeto para a Assembleia Legislativa de São Paulo. Pestana representava, como deputado provincial republicano, os cafeicultores, mas houve grande polêmica, pois ia contra a política educacional monárquica. Ele apresentou outro projeto para uma reforma para todo o sistema de ensino provincial. Depois de longa tramitação, aprovado, revogado, reformulado, novamente aprovado, foi posto em execução no final de 1887. Já, então, trocava a escola de primeiras letras pelo curso primário, método intuitivo, estudos seriados, regulares e simultâneos, divididos em três níveis.¹⁶

Entretanto, é em 1890, após a Proclamação da República, que acontece a grande reforma, trazendo de volta as ideias educacionais de 1880 quando Caetano de Campos, Rangel Pestana e Cesário Mota assumem o compromisso de reformar a Escola Normal.

¹² Prudente de Moraes, governador do Estado de São Paulo. (Reis Filho, 1981, p. 38).

¹³ Francisco Rangel Pestana, redator do jornal *A Província de São Paulo* (Reis Filho, 1981, p. 27).

¹⁴ Artur Breves, professor na cidade de São Paulo (Reis Filho, 1981, p. 30).

¹⁵ Antonio Caetano de Campos, diretor da Escola Normal da cidade de São Paulo (Reis Filho, 1981, p. 35).

¹⁶ Hilsdorf, M. L. S. (2003).

É dentro desse quadro mais ampliado da historiografia educacional que esta dissertação toma, como objeto de estudo, a participação de Marcia Priscilla Brown na Reforma da Escola Normal de Caetano de Campos, em São Paulo. Ela já estava na capital há dois anos e era professora na Escola Americana, quando foi convidada a participar desse projeto de reforma. Horace Lane, diretor da escola, foi quem a convidou. Ele veio para o Brasil em 1859 e em 1870, juntamente com sua família, foi para a Europa, depois para os Estados Unidos, onde estudou medicina e, em 1884, voltou para o Brasil. Em São Paulo assumiu a direção da Escola Americana, tornando-se presidente do *Protestant College (Mackenzie College)* em 1889 e permaneceu até a sua morte, em 1912. Horace Lane queria viabilizar o projeto educacional desde o Jardim de Infância até a Universidade e apresentava a Escola Americana aos políticos republicanos em São Paulo como um modelo a ser instituído na reforma da instrução pública da capital, já aceita por Rangel Pestana, juntamente com Prudente de Moraes, primeiro governador do estado.¹⁷

O trabalho tomou como principais fontes notícias de jornais de Malden, Ma, USA, e do Brasil, durante um período de 60 anos, começando em 1879, indo até 1939. Também se recorreu a artigos, dissertações, teses, blog e às fontes preservadas pela Biblioteca Pública de Malden, Massachusetts (USA). Essas informações da biblioteca foram enviadas por e-mail, viabilizando o trabalho sobre a trajetória de Marcia Priscilla Brown: americana pouco conhecida em nossa historiografia, que teve um lugar na educação confessional protestante no Brasil, além de ter participado na Reforma da Escola Normal de São Paulo de Caetano de Campos, no começo da República, na gestão da escola-modelo.

De acordo com fontes consultadas, como teses, dissertações e artigos que serão discutidos a seguir, Marcia Brown veio ao Brasil como missionária; porém, como será demonstrado adiante, ela foi convidada a vir ao Brasil por Emma F. Foster, gerente da Agência de Professores Orientais, que, a pedido de autoridades brasileiras,¹⁸ estava à procura de alguém que pudesse reorganizar o sistema educacional no Brasil.¹⁹

¹⁷Sobre Horace Lane, ver José Veloso dos Santos (2011).

¹⁸ De acordo com notícia publicada no jornal *Malden Evening News* (06/04/1923). (Anexo A)

¹⁹ Esta carta será vista em mais detalhes no Capítulo 1.

Isso pode ser confirmado também por meio de uma carta que Brown enviou para os Estados Unidos em 1890, em que ela explica que, ao chegar a São Paulo, imediatamente começou a dar aulas em uma escola americana. Essa carta será abordada no Capítulo 2. É possível que uma das maneiras de vir para o Brasil com patrocínio fosse pela *Presbyterian Association of New York*, na época denominada *Madison Square Presbyterian Church* que, mais tarde, mudou-se para Filadélfia, Pa., onde encontra-se até hoje com o nome de *Presbyterian Historical Society*.²⁰

Não foi localizado até o momento, no campo da história da educação brasileira, nenhum trabalho sobre Marcia P. Brown. Sua presença na produção científica do país foi registrada tangencialmente em algumas teses, dissertações e artigos que abordam outros objetos que se entrecruzam, em alguns momentos, com a trajetória da referida educadora. Desses, destacam-se quatro teses de doutorado, cinco dissertações de mestrado e 11 artigos.

Na tese de doutorado de Carla Simone Chamon (2005), *Maria Guilhermina Loureiro de Andrade: a trajetória profissional de uma educadora (1869-1913)*, Marcia Brown é mencionada juntamente com Maria Guilhermina Loureiro de Andrade, que havia estudado por quatro anos nos Estados Unidos (1883-1887), quanto às teorias de Froebel. Ambas as educadoras ajudaram na Reforma da Escola Normal de São Paulo sob a orientação de Caetano de Campos. Eram conhecedoras do método intuitivo, das inovações pedagógicas vindas da Europa e disseminadas nos Estados Unidos. No começo da implementação da reforma, Maria Guilhermina assumiu a direção da ala feminina e Marcia Brown, da masculina. Entretanto, Maria Guilhermina, por motivos de saúde, só ficou em São Paulo por dez meses, e Brown assumiu ambas as alas. Maria Guilhermina voltou para o Rio de Janeiro e enviou uma carta pedindo seu desligamento.

De acordo com Chamon (2005, p. 289), houve rumores de que a saída de Maria Guilhermina teria ocorrido em razão de desentendimentos entre ela e Miss Brown: “Esses rumores chegaram até nós pelas memórias de João Lourenço Rodrigues (1930), aluno da Escola Normal de São Paulo no mesmo período em que Guilhermina ali trabalhou, e de José Feliciano de Oliveira (1932), professor público em São Paulo na mesma época.”

²⁰ Disponível em: <https://www.history.pcusa.org>.

Chamon (2005, p. 291) acrescenta também que pode ter havido ainda um outro problema entre as duas professoras: “...os atritos entre Maria Guilhermina e Marcia Brown poderiam estar relacionados a diferentes apropriações a respeito dos métodos desenvolvidos por Froebel e Pestalozzi”.

Em seu artigo *A trajetória profissional de uma educadora: Maria Guilhermina e a pedagogia norte-americana*, Chamon (2008) esclarece ainda que foi Horace Lane quem indicou tanto Maria Guilhermina como Marcia Brown, que eram muito bem conceituadas entre os presbiterianos, para trabalharem na Reforma da Instrução Pública paulista em 1890.

Já na tese de Cesar R. A. Vieira (2006), *Protestantismo e educação: a presença liberal norte-americana na Reforma Caetano de Campos – 1890*, é apresentada a análise do campo educacional na organização das escolas-modelo anexas à Escola Normal com a Reforma da Instrução Pública e da Escola Normal de São Paulo, em 1890, no começo da Nova República. Prudente de Moraes, nomeado governador do Estado de São Paulo, propôs a reforma na capital do estado e indicou Rangel Pestana para executá-la e esse convidou Caetano de Campos para assumir o cargo de diretor da Escola Normal.

Em 2002, antes de escrever sua tese, Vieira já havia escrito um artigo sobre o assunto: *Contribuição protestante à reforma da educação pública paulista*. No texto, ele faz uma pequena menção sobre a ajuda de Marcia Brown que, juntamente com Maria Guilhermina, assumiu a direção das escolas-modelo, ala masculina e feminina respectivamente.

Em seu artigo, *Americanismo x iberismo: a influência do modelo educacional norte-americano no final do século XIX* (2008, p. 28), Vieira refere-se às duas professoras: “...foram assim os esteios da reforma na condução das duas escolas-modelo.” O autor também menciona que uma assumiu a ala feminina (Maria Guilhermina) e a outra (Brown), a masculina.

No artigo *Protestantismo e educação: a presença liberal norte-americana na reforma Caetano de Campos - 1890* (Vieira, 2015), há referências a Horace Lane, missionário protestante e membro do Instituto Histórico de São Paulo e Conselheiro para Assuntos Educacionais do Estado de São Paulo. Consta que Lane recomendou Marcia Brown e Maria Guilhermina, que eram especialistas do método intuitivo, e que estiveram envolvidas na reforma desde o começo, sendo

que Marcia Brown esteve à frente da ampliação e organização das escolas-modelo. O autor também relata que Marcia Brown ficou “...mais tempo à testa dos trabalhos de ampliação e organização de novas escolas-modelo na rede de ensino público do Estado”; e que foi diretora da Escola-Modelo da Luz ou Prudente de Moraes entre 1890 e 1894.

Leandro de Proença Lopes também menciona em sua tese *Educação, Protestantismo e Sociedade: Um Estudo sobre o Seminário Teológico de São Paulo* (2013, p. 76) que Marcia Brown foi convidada pelo governo de São Paulo para organizar as escolas-modelo e a uma dessas escolas, o Grupo Escolar do Carmo, foi dado o seu nome.

Na tese de Ivanilson Bezerra da Silva (2015), *A Figura de Horace Lane: lutas de representação e a formação da rede de Escolas Americanas no Brasil (1885 – 1912)*, há várias menções sobre Marcia P. Brown. Silva destaca que Brown “organizou a primeira escola moderna na então pequena cidade de São Paulo” (GOLDMAN, 1972, p. 17, apud SILVA, I. p. 45). Brown, juntamente com mais quatro moças, preparadas por Lane, trabalharam para o estado e é o modelo da escola americana que dá origem ao conhecido “Grupo Escolar”. A relação entre o grupo protestante norte-americano ligado a Horace Lane e o Estado de São Paulo tornou-se estreita.

No artigo *Horace Lane: consultor da instrução pública paulista e participação na exposição internacional de St. Louis (1885-1912)*, Silva (2018) escreve que tanto Marcia Brown como Maria Guilhermina L. Andrade foram colaboradoras vindas da Escola Americana, assim como outros educadores do setor público. Marcia Brown era professora de Pedagogia na Escola Normal Americana (Mackenzie) e era antiga conhecida de Rangel Pestana. É mencionada a dificuldade de ambas ao explicar os princípios que guiavam suas práticas quando apresentaram uma aula teórica na Escola Normal. Maria Guilhermina mostrava-se constrangida e dispersiva e Miss Brown, por não falar o português muito bem, foi dispensada e proferiu algumas vagas palavras.

Lane, Thompson e Reis (1903, p. 16, apud SILVA, 2018, p. 70) participaram da Exposição Universal de Saint Louis de 1904, e o artigo menciona que lembraram “da ilustre educadora norte-americana Miss Marcia P. Browne e consignar-lhe aqui um voto de muita gratidão, um preito de justa homenagem,

pelo seu benéfico concurso e dedicados esforços em prol do ensino primário de S. Paulo”.

Na dissertação de Jorge Uilson Clark (1998), *A imigração norte-americana para a região de Campinas: análise da educação liberal no contexto histórico e educacional brasileiro*, o autor afirma que Bernardino de Campos (presidente do Estado de São Paulo), Cezário Motta (secretário da Educação) e Caetano de Campos (diretor da Escola Normal) queriam impulsionar a instrução pública de acordo com os padrões da pedagogia moderna usada no Colégio Mackenzie. Marcia Brown foi indicada a conduzir o ensino primário e a Escola Normal no Estado de São Paulo durante a sua organização.

Em 1893, após a morte de Caetano de Campos (1891), Miss Brown, que estava na direção da Escola Normal e escola anexa, foi substituída por Oscar Thompson. Não foi encontrada a razão para isso (CLARK, 1998). O autor também comenta sobre o fato de Maria Guilhermina ter ficado pouco tempo em São Paulo e que Marcia Brown assumiu tanto os meninos como as meninas nas escolas-modelo.

De acordo com Azevedo (1976, p. 140, apud Clark 1998, p. 156), Miss Brown foi diretora de uma Escola Normal em São Luiz, Massachusetts. Entretanto, de acordo com pesquisas feitas por meio de jornais da época, Marcia Brown foi diretora de escola de ensino fundamental e médio em Malden, Massachusetts, próximo a Boston, entre 1879 e 1888.

Em seu artigo *A ideia pedagógica de Horace Lane e sua influência na educação pública paulista*, Clark (2015) menciona que Marcia Brown e Caetano de Campos introduziram o método intuitivo, indutivo ou lição das coisas. Uma vez que essa abordagem foi estabelecida na Escola Normal, os alunos a exercitavam na escola-modelo, sob a direção de Marcia Brown.

Já na dissertação de Ester Fraga Vilas-Bôas C. do Nascimento (2000), *Origens da educação protestante em Sergipe (1884-1913)*, encontra-se uma menção sobre Miss Brown:

As missões protestantes norte-americanas já se haviam tornado ativas na educação brasileira, e uma de suas realizações notáveis foi a Escola Americana, escola primária anexa ao Colégio Makenzie de São Paulo. O governador Prudente de Moraes ficou

tão impressionado com os métodos utilizados nessa escola que, em 1890, solicitou ao diretor Dr. Horace M. Lane que recrutasse um pequeno grupo de professoras norte-americanas para o sistema escolar de São Paulo. Lideradas por Marcia Browne, de Boston – figura histórica na educação brasileira -, essas jovens senhoras estabeleceram uma escola primária modelo, que se tornou o núcleo de um sistema de âmbito estadual, baseado nas ideias e técnicas norte-americanas. (HALLEWELL, L. 1985, apud NASCIMENTO, E., p. 158, 2004)²¹

Em seu artigo, *A influência da pedagogia norte-americana na educação de Sergipe e na Bahia: reflexões iniciais* (2001), Nascimento refere-se ao mesmo episódio descrito na citação anterior em sua dissertação. Dessa maneira é possível verificar que a experiência de Marcia Brown irradiou-se para outros estados também.

Na dissertação de José Veloso dos Santos (2011), *As contribuições de Horace Lane na instrução pública paulista*, o autor relata:

Márcia Browne era norte-americana com ampla experiência no magistério, trabalhava na Escola Americana com Horace Lane. Indicada por ele para atuar na reforma paulista, com a notoriedade de ser uma das educadoras mais competentes dentro e fora do Brasil. Com o seu estilo de “mulher-homem” esteve à frente da buliçosa e inteligente criançada paulista de 1890 a 1896. Permaneceu de forma decidida na instrução pública paulista de onde orientou, advertiu e dirigiu três das escolas-modelos instaladas na capital: Escola Modelo do Carmo, Escola Modelo da Praça e Escola Modelo da Luz. Por fim, retornou aos Estados Unidos em 1896. (D’ÁVILA, 1946, apud SANTOS, 2011, p. 51)

Santos (2011) também escreve que Miss Brown, juntamente com outros quatro professores e Horace Lane, foi nomeada pelo Estado de São Paulo, por lei especial, para atuar no ensino público paulista, orientando o ensino primário e normal. Entre 1890 e 1894, Miss Brown estava envolvida com as escolas-modelo e, em 1894, assume a direção da Escola Complementar. Ainda, de acordo com o autor, na Escola Americana, mais tarde Mackenzie, havia a Escola de Treinamento Manual, instalada em 1885, e uma Escola Normal sob a direção de Marcia Brown.

²¹ Esta citação também se encontra no livro publicado em 2004: *A Escola Americana – Origens da Educação Protestante em Sergipe (1886-1913)*.

Na dissertação de César Guimarães do Carmo (2012), *A práxis reformada e o desenvolvimento educacional do Brasil na segunda metade do século XIX* (2012), há uma pequena referência à Marcia Brown: o então governador de São Paulo, Prudente de Moraes, pediu a Horace Lane, diretor da Escola Americana, que contratasse professores para organizarem uma escola primária modelo nos moldes dos métodos utilizados dessa escola. Então, conforme o autor, Marcia Brown liderou esse grupo, e o sistema de ensino baseou-se nas ideias e técnicas americanas. Ainda, segundo Carmo (2012), Marcia Brown ficou encarregada da educação infantil e dirigiu a Escola Modelo do Carmo, Escola Modelo da Praça e Escola Modelo da Luz.

Algumas informações também foram encontradas em alguns artigos, como no de Jane Soares de Almeida (2002), *O movimento missionário e educacional protestante na segunda metade do século XIX: para cada igreja uma escola*. Nesse texto, consta que a Junta de Nova York enviou para o Brasil e, mais especificamente, para São Paulo, várias mulheres que assumiam as aulas e, inclusive, a direção e organização das escolas, sendo importantes na formação do sistema de educação brasileiro. Entre elas, encontra-se Marcia Brown, que era considerada grande conhecedora do método intuitivo. Em outro artigo, *Missionárias norte-americanas na educação brasileira: vestígios de sua passagem nas escolas de São Paulo no século XIX*, Almeida (2007) também menciona que Marcia Brown dirigiu a recém-formada Escola Normal do Mackenzie College.

Em 2018, Jane Soares de Almeida escreveu um novo artigo, *Educadoras protestantes em São Paulo no século XIX*. Neste, novamente se encontra a informação de que Marcia Brown foi diretora da Escola Normal do Mackenzie College e que, depois, foi convidada por Caetano de Campos para ajudar na Reforma do ensino Normal e primário em São Paulo.

Outra menção sobre Miss Brown, quanto ao fato de que foi convidada por Caetano de Campos a participar da reforma de 1890, encontra-se no artigo *A Introdução da gymnastica na Escola Normal de São Paulo (1890-1908)*, de Edivaldo Gois Júnior e José Carlos Freitas Batista (2010).

O artigo de Tony Honorato (2013, p. 6), *A escola complementar paulista (1890-1911)*, também nos informa que Marcia Brown presidiu a Escola Modelo do

Carmo para “praticar e difundir práticas educativas didáticas julgadas compatíveis com a evolução do intelecto da criança, ao propiciar uma educação dos sentidos, da observação e das verdades fixadas pela ciência”.

Em outro artigo, *Produção e distribuição do mobiliário escolar: uma história econômica do investimento na escola pública paulista (1854-1895)*, de Wiara Rosa Rios Alcântara (2018), estão registradas informações sobre os móveis para a Escola Normal e é pontuado o envolvimento de Marcia Brown nessa empreitada. No artigo, encontram-se três cartas entre Miss Brown, Horace Lane, Cesário Motta, entre outros, pedindo a importação de móveis e utensílios para serem usados nas escolas-modelo. O conteúdo dessas cartas será abordado no Capítulo 2.

Nesse cenário, pode-se dizer que tanto Dr. Lane como Miss Brown foram sujeitos importantes no processo de modernização da educação paulista, a qual se irradiou como referência modelar para todo o país. Ambos atuaram também como mediadores de uma cultura pedagógica norte-americana no Brasil, comprando móveis e materiais didáticos.

O artigo, *Relatório da Escola Americana, São Paulo (1887)*, de Analete Regina Schelbauer (2005, p. 139), cita Marcia Brown na sua “atuação durante a fase de implantação das reformas republicanas paulistas, nos trabalhos de organização das escolas-modelo, anexas à Escola Normal”.

Dados sobre Marcia Brown também são encontrados nos seguintes livros: *Hegemonia norte-americana e educação protestante no Brasil*, de Peri Mesquida (1994); *Protestantismo e educação brasileira*, de Osvaldo Henrique Hack (1985); *A educação e a ilusão liberal*, de Casemiro dos Reis Filho (1981), *Os sentidos da alfabetização: São Paulo (1876-1994)*, de Maria do Rosário Longo Mortatti (2000). Todos eles incluem Marcia Brown de modo tangencial visto que abordam um campo mais geral, não sendo ela o assunto principal. Assim, é possível observar que, apesar de Marcia Brown ser pouco conhecida na historiografia brasileira, as pistas deixadas por essa própria historiografia indicam que ela foi alguém que participou ativamente do movimento da reforma educacional da Escola Normal de Caetano de Campos (1890). Marcia contribuiu na mediação de uma pedagogia de matriz protestante e americana, em que as igrejas protestantes norte-americanas preocupavam-se em organizar escolas abertas a todas as classes sociais e

religiosas, introduzindo o sistema pedagógico americano no Brasil (HACK, 2000). Dessa forma, fortaleceu o envolvimento desse grupo na organização da educação pública paulista e na formação de seus quadros docentes, acirrando, portanto, as disputas em torno do campo educacional pelo campo religioso.

Apesar de o Brasil ser um país hegemonicamente católico, missões protestantes, especialmente metodistas e presbiterianas, entre outras, começaram a vir para o Brasil no começo do século XIX, para estabelecerem-se em novas terras, ampliando suas práticas evangelizadoras e civilizatórias, assunto que será explorado no capítulo 2.

Assim, o objeto de estudo desta dissertação é a presença de Marcia Priscilla Brown na reforma de educação da Escola Normal de Caetano de Campos, na cidade de São Paulo, em 1890.

O objetivo geral é investigar a trajetória profissional de Marcia Priscilla Brown, missionária presbiteriana e educadora e suas contribuições para a educação brasileira durante a Reforma da Escola Normal de Caetano de Campos. Há também dois objetivos específicos. O primeiro consiste em conhecer um pouco mais sobre Marcia Brown, considerando sua formação e seu trabalho antes de vir ao Brasil como embasamento para compreender a experiência que trouxe na bagagem e que a inspirou no trabalho desenvolvido neste país. O segundo objetivo específico é contribuir para uma reflexão sobre a atuação de Marcia Brown e como contribuiu para a implantação das escolas-modelo como parte fundamental do projeto de reformulação da Escola Normal em São Paulo, inspirada na experiência com a pedagogia norte-americana e protestante nas quais foi formada.

Diante desses objetivos, o problema de investigação desta pesquisa pode se traduzir nas seguintes perguntas: Qual teria sido o papel de Marcia Priscilla Brown, como missionária e educadora, na Reforma da Escola Normal em São Paulo no começo da República? Qual a relação da Igreja Presbiteriana com a modernização da educação no Estado de São Paulo no início da República? Que saberes/práticas Marcia Brown fez circular nas escolas em que trabalhou?

Desse modo, buscando responder a essas questões, a dissertação organizou-se da seguinte maneira:

No primeiro capítulo, o objetivo é conhecer um pouco melhor Marcia Brown e seu trabalho antes de vir para o Brasil - em especial, o tempo em que esteve em Malden, Massachusetts -, buscando embasar seu método de educar nas teorias de Mann, Froebel e Pestalozzi, procurando apreender aspectos da pedagogia na qual foi formada.

No segundo capítulo, será descrito o trabalho de Brown durante os anos em que esteve no Brasil e seu envolvimento na Reforma de Caetano de Campos e nos colégios de aplicação durante sua estadia em São Paulo, a qual não foi muito longa, de 1888 a 1896 (8 anos). Serão abordados os anos, especialmente a partir de 1890, os quais fizeram uma grande diferença no ensino da Escola Normal quando novas diretrizes foram implantadas perdurando até os anos 1960, apesar de ter havido outras reformas de educação durante esse período.

Nas considerações finais, será discutido o papel relevante na divulgação e circulação de saberes e práticas que foram apropriadas por Marcia Brown durante sua curta trajetória profissional enquanto esteve em São Paulo e que perduraram não só aí, como também no resto do Brasil até a década de 1960, nas escolas normais.

1. A TRAJETÓRIA DE MARCIA PRISCILLA BROWN: DOS ESTADOS UNIDOS PARA O BRASIL

As crianças devem dominar a linguagem das coisas antes de dominar a linguagem das
palavras.
Friedrich Froebel

A trajetória de vida e profissional de Marcia Brown alastrou-se por vários lugares: original de Springfield, Vt, foi para Newbury, Vt, depois para Fort Edward, NY, para Plattsburgh, NY, Rutland, Vt. E, finalmente, para Malden, Ma, onde se estabeleceu por mais tempo. Depois, em 1888, veio para o Brasil, mais especificamente, São Paulo.

Pode-se observar que sua trajetória foi diversa e que, provavelmente, estava sempre à procura de melhorar: primeiro, sua formação acadêmica e, mais tarde, sua formação profissional. Para Bourdieu (1986, p. 183), “[...], uma vida é inseparavelmente o conjunto dos acontecimentos de uma existência individual, concebida como uma história e o relato dessa história”. E é isso que se pretende contar durante esta narrativa – o desenvolvimento acadêmico de Marcia Brown, o que conseguiu adquirir enquanto crescia no âmbito educacional e também seu crescimento profissional, indo de escola em escola, de uma cidade a outra, chegando ao seu auge quando veio para São Paulo e fez parte integrante da reforma de educação da Escola Normal de São Paulo, sob a direção de Caetano de Campos.

O relato de sua trajetória buscará descrever, cronologicamente, alguns fatos importantes de sua vida desde um princípio até um possível fim. Será organizado em sequências ordenadas, com o objetivo de dar sentido, de encontrar a razão e de descobrir uma lógica para os seus passos e, ao mesmo tempo, fazer uma retrospectiva e prospectiva.

1.1 MARCIA BROWN: AS ORIGENS DE UMA TRAJETÓRIA NA EDUCAÇÃO

Figura 3 – Marcia Priscilla Brown



Fonte: <<https://ieccmemorias.wordpress.com>>.

Marcia Priscilla Brown, personagem central desta pesquisa, nasceu em Springfield, Vermont, USA, em 13 de maio de 1835 e faleceu em 3 de abril de 1923, em Malden, Massachusetts, aos quase 88 anos de idade, de choque, que sofreu alguns dias antes (não foram encontrados maiores detalhes), no *New England Sanitarium*, em Spot Pond, Massachusetts, onde estava internada havia um ano e meio. Era a mais jovem dos dez filhos de Abel e Priscilla Hodgkins Brown, e seu pai morreu quando ela tinha dez anos de idade. Está enterrada em um cemitério em Malden e seu jazigo ainda se encontra em bom estado.

Figura 4 – Túmulo de Marcia P. Brown, em Malden, Massachusetts



Fonte: Arquivo particular, Daniel Ladue, 2020.

De acordo com a Rede de Educação Histórica²², Vermont, diferentemente dos outros estados americanos, era um estado ainda rural, enquanto o resto do país tornava-se industrial. O desenvolvimento de Vermont deu-se de maneira mais lenta; porém, ao chegar ao final do século, era muito diferente da Vermont do começo do século. O estado de Vermont foi admitido como um dos estados federais em 4 de março de 1791, e a primeira escola de que se tem conhecimento é de 1773, na cidade de Eureka.

Marcia Brown nasceu em uma cidade que se industrializou de maneira mais lenta que o resto do país; porém, quando ela nasceu, o Champlain Canal, que possibilitou a conexão do Lago Champlain ao Rio Hudson, criando uma rota aquática para a cidade de Nova York, já havia sido construído, o que tornou a cidade de Springfield mais moderna e envolvida na economia de mercado nacional. O resultado foi um aumento da classe média que abraçou as causas de temperança e antiescavidão que influenciaram Miss Brown, como será visto adiante.

²² Disponível em: <<https://www.flowofhistory.org/vermont-in-the-nineteenth-century/>>.

Springfield sempre apoiou a abertura de escolas e, em 1784, foi dividida em 17 distritos escolares com o surgimento de outras escolas. A educação estava na pauta de seus dirigentes, os quais se preocuparam em oferecer boas oportunidades de estudos para as crianças e, entre 1847 e 1866, estas puderam estudar no Springfield Wesleyan Seminary.

Tem-se pouco conhecimento acerca da trajetória acadêmica de Marcia Brown, mas com pesquisas feitas no site da biblioteca de Springfield e, conforme o que o bibliotecário, Hugh Putman, conseguiu localizar sobre aquela época, é possível que seus primeiros anos de escolaridade tenham ocorrido em sua cidade natal, Springfield. Primeiramente, ela cursou a escola primária e há duas escolas em que poderia ter estudado: uma delas ainda está em pé; a outra já não existe mais, que ia além da educação primária e onde, mais tarde, ela foi professora também. Ainda havia também a *Springfield Academy*, onde talvez ela tenha estudado, mas não havia *high school* ou a chamavam de outra forma. A primeira *high school* em Springfield foi fundada em 1867.²³

Figura 5 – Foto da escola em que, provavelmente, Marcia Brown estudou (deve ser demolida em breve)



Fonte: Arquivos da Presbyterian Historical Society, em Filadélfia, Pa.

²³ Town of Springfield, Vermont with a Genealogical Record por C. Horace Hubbard & Justus Dartt 1752-1895, p. 116. Disponível em: <<https://babel.hathitrust.org>>.

Figura 6 – Foto da Springfield Academy, onde Márcia Brown deve ter estudado



Fonte: Arquivos da Presbyterian Historical Society, em Filadélfia, Pa.

Algumas outras informações foram encontradas sobre a sua educação, porém continuam vagas e não informam realmente o que ela estudou, pois não há mais nada concreto sobre essas instituições. Marcia Brown frequentou o *Newbury Seminary*, fundado em 1834, em Newbury, Vermont, que funcionava como uma instituição literária e também como *high school*. Também frequentou o *Female Collegiate Institute*, 15 milhas ao sul de Springfield.²⁴ No seu último ano, chamado de *senior year*, foi para o *Washington County Seminary and Collegiate Institute*, uma instituição metodista que promovia valores cristãos. Fort Edward Collegiate Institute ficava em Fort Edward, Nova York; foi fundado em 1854 e era considerado uma das instituições mais importantes na época. Oferecia um curso preparatório para entrar em uma universidade, um curso comercial e outro semelhante a um programa de formação para professores, como uma escola normal. De acordo com e-mail recebido do *Old Fort House Museum*²⁵, Brown frequentou um curso clássico (não foi explicado que tipo de curso era) e formou-

²⁴Infelizmente a Biblioteca Howe, onde essa informação se encontra, não permite pesquisa online. A pessoa deve ser afiliada à biblioteca. O mesmo acontece com a biblioteca sobre Washington County Seminary.

²⁵ Esse museu abriga o Fort Edward Historical Society. Disponível em: <<http://www.oldforthousemuseum.com>>.

se em 1861, aos 26 anos de idade. Não foi possível conseguir informações, isto é, se era algum curso após o *high school*²⁶ ou não.

Os seminários mencionados anteriormente eram escolas que preparavam profissionalmente as jovens para dar aulas, no começo do século XIX. O currículo era bem variado, incluindo história, filosofia, línguas modernas e ciências naturais. Foi a partir desses seminários, que as universidades femininas desenvolveram-se como *Mount Holyoke, Oberlin e Knox Colleges*.²⁷

Quanto à formação acadêmica de Miss Brown, essas informações foram as que consegui apurar, nos limites desta pesquisa. Provavelmente, ela tenha estudado por conta própria também, inclusive durante os anos em que começou a trabalhar como professora, assunto que virá a seguir.

1.2 A TRAJETÓRIA DE MARCIA BROWN NA EDUCAÇÃO AMERICANA

Aos 24 anos, entre o verão de 1859 e o inverno de 1860, Brown lecionou no *Upper Department* em Springfield. Possivelmente estava terminando seus estudos, pois ainda estudava em Fort Edward, onde se formou em 1861. Não foi registrado em nenhum lugar, na pesquisa feita, se Marcia frequentou a *high school*, que só começou a operar em Springfield quando ela já era professora, em 1867. Nada se encontrou sobre o *Upper Department*, mas talvez tenha sido o começo da organização do *high school*. No verão de 1862, ela organizou o *Upper Department* integrando o corpo docente; depois, lecionou no curso de verão²⁸ da *high school* em 1868 e lecionou na *high school* em Burlington, Vt., em 1870. Já em Springfield era considerada uma ótima professora, de acordo com o que foi encontrado no livro *History of the town of Springfield, Vermont with a Genealogical Record* (1895, p.114):

Em 1866, com a Conferência de Vermont prestes a se unir em uma, as duas escolas anteriormente apoiadas decidiram fechar o Seminário de Springfield. A influência e inspiração dessa escola

²⁶ Disponível em: <<https://www.wgpfoundation.org>>.

²⁷Horowitz, Helen Lefkowitz (1993). *Alma Mater: Design e experiência nas faculdades femininas desde o início do século XIX até os anos 1930 (2e)* (2ª ed.). University of Massachusetts Press. p. 11. ISBN 0-87023-869-8.

²⁸*Summer School* (Curso de Verão) nos Estados Unidos é para alunos que queiram avançar um semestre de alguma matéria de *high school* ou que precisam melhorar a nota de uma matéria.

durante os 20 anos de existência foram uma força para o bem entre as pessoas e uma atmosfera educacional impregnou toda a comunidade. Mais ou menos nessa época, os distritos do *Common*, da aldeia e da Colina do Seminário foram unidos em um, chamado de nº 7²⁹, tomando o nome daquele do *Common*, e começou a classificação das escolas. Uma nova casa foi construída no lado oeste do rio, agora a Igreja Católica, e um departamento superior organizado, que era ministrado por professoras superiores como a Srta. Holt, a Sra. Mary Lynde Foster e a Srta. Marcia Brown.³⁰ (Tradução nossa)

Figura 7 – Burlington High School, na década de 1900



Fonte: Family old photos.com

Nos anos de 1870 e 1871, Marcia Brown frequentou o curso preparatório de Vassar em Nova York. De acordo com um artigo da *Vassar College Encyclopedia*, a universidade começou em 1865 para as mulheres terem a mesma oportunidade dos homens que iam para as universidades de Harvard e Yale. Entretanto, elas chegavam mal preparadas para o currículo oferecido. Assim, a universidade viu-se obrigada a oferecer cursos de gramática inglesa básica, latim, história antiga, geografia física e botânica. Essas disciplinas eram estudadas no primeiro ano e, no segundo, estudavam retórica, álgebra e uma

²⁹ O "Nº 7" ficou como uma indicação para as escolas públicas e até hoje são dados números para as escolas de ensino fundamental.

³⁰ "In 1866, the Vermont Conference being about to unite into one, the two schools previously supported decided to close the Seminary at Springfield. The influence and inspiration of this school during the twenty years of its existence here had been a power for good among the people, and an educational atmosphere pervaded the whole community. About this time the districts on the Common, in the village, and on Seminary Hill were united into one, called No. 7, taking the name of the one on the Common, and the grading of the schools begun. A new house was built on the west side of the river, now the Catholic Church, and a higher department organized, which was taught by superior teachers as Miss Holt, Mrs. Mary Lynde Foster, and Miss Marcia Brown."

History of the town of Springfield, Vermont: with a genealogical record: Hubbard, C. Horace (Charles Horace): Free Download, Borrow, and Streaming: Internet Archive. Disponível em: <<https://archive.org/details/historyoftownofs00hubb>>. Acesso em: 25 fev. 2021.

segunda língua, como francês, grego ou alemão. Podiam fazer exames de admissão e excluir algumas das matérias, encurtando o período de preparação. Marcia Brown não se matriculou na universidade saindo em 1871.³¹ A *Vassar University* foi aberta em 1865 somente para mulheres e começou a admitir homens a partir de 1969.

Figura 8 – Entrada original do prédio principal da *Vassar University*



Fonte: Vassar Info

Em junho de 1873, Marcia Brown começou a trabalhar como diretora das mulheres na *Plattsburgh Academy*, que foi fundada em 1811 e destruída em um incêndio em 1871. A escola foi recolocada em outros prédios e começou a ser reconstruída. O prédio da *Plattsburgh Academy*, reconstruído em 1875, tornou-se a *Plattsburgh High School* e, hoje em dia, abriga a biblioteca pública da cidade. Miss Brown não fica muito tempo em Plattsburgh, pois em 1875 vai para Rutland, Vt., assumir a direção de uma escola de *high school*.

³¹ Preparatory School - Vassar College Encyclopedia - Vassar College. Disponível em: <<http://vcencyclopedia.vassar.edu>>

Em 3 de fevereiro de 1877, ela participou do encontro da *State Teacher's Association*³², em Bennington, Vt., representando Rutland. Foi a única mulher a participar e apresentou o trabalho *Nosso Trabalho*, (1877, s.p.):

[...] colegas professores, conforto pessoal, distinção social, recompensa pecuniária não são a nossa coroa; mas mantemos em nossas mãos uma comissão que transcende tudo isso. Essa comissão nos confere "licença para trabalhar" e isso também em um campo onde é possível ficar tão absorvido no trabalho que todas as considerações meramente pessoais e egoístas irão desaparecer. [...] Uma das maiores fontes de deleite que vem a ele como professor é a esperança de que, possivelmente, alguma palavra que ele solte possa se provar o germe de uma inspiração, que levará o aluno adiante em domínios de realizações impossíveis para ele e que, de outra forma, nunca foram tentados. Talvez não haja classe que receba menos reconhecimento pelo verdadeiro trabalho que realizam do que a dos professores.³³ (Tradução nossa)

Ela continua:

Da mesma forma, a instrução recai sobre a mente de uma criança, é assimilada, digerida e se torna parte de sua vida mental. O desenvolvimento de sua mente avança passo a passo; as leis que controlam seu crescimento são de criação de Deus, mas Ele, não obstante, deu-nos nossa parte a cumprir, e não há maior alegria do que sentir que Deus usa nossa mão para levar avante Sua obra.³⁴ (Tradução nossa)

O artigo *Our Work* (1877) continua sendo publicado integralmente e ela finaliza com o seguinte trecho:

³² A única informação encontrada sobre associação de professores nessa época foi sobre a *National Education Association of Vermont*, que foi inaugurada em 1850, com o nome de *Vermont Teachers' Association*. É possível que Marcia Brown tenha sido a sua representante. Disponível em: <<https://www.vtnea.org/about>>.

³³ *Our Work*: "[...] fellow teachers, personal ease, social distinction, pecuniary reward are not our crown; but we hold in our grasp a commission that transcends all these. This commission confers upon us 'leave to work' and that too in a field where it is possible to become so absorbed in the work that all merely personal and selfish considerations will disappear. [...] One of the highest sources of delight that comes to him as a teacher is the hope that possibly some word he drops may prove the germ of an inspiration, which will carry the pupil onward into realms of achievement impossible to himself and which, otherwise would never have been attempted. Perhaps there is no class who receive less recognition for the real work they do than teachers." Disponível em: <The Rutland daily globe.[volume] (Rutland, Vt.) 1873-1877, February 06, 1877, Image 2 «Chronicle America» Library of Congress (loc.gov)>.

³⁴ "Similarly, instruction falls upon the mind of a child, is taken in, digested, and becomes a part of his mental life. The development of his mind advances from step to step; the laws that control its growth are of God's creating, but He has none the less given us our part to do, and there is no higher joy than to feel that God uses our hand to carry forward His work."

O poder de fazer o que é certo e de falar a verdade e de pensar o que é bom, independentemente de quaisquer noções profissionais ou convencionais de que agir, ou falar, ou pensar convém ou é conveniente, são as mais altas qualificações que podemos desejar para “nosso trabalho”.³⁵ (Tradução nossa)

É possível observar, por esses indícios, que ela parecia ser muito bem-conceituada no campo educacional, pois, na época, como já se disse, foi a única mulher a participar do encontro, tendo seu trabalho posteriormente publicado na imprensa periódica local. O início da apresentação foi baseado no poema *Aurora Leigh* (1856), um dos mais importantes trabalhos de Elizabeth Barrett Browning, autora inglesa, nascida em 1806 e falecida em 1861. Pertencia ao movimento literário do romantismo e este foi seu legado:

Browning foi uma intelectual e ativista talentosa em uma época em que as mulheres ainda eram desencorajadas de se envolver em tais atividades. Ela foi uma poetisa inovadora que escolheu assuntos incomuns para a época e constantemente – e com sucesso – quebrou as regras da poesia.³⁶ (Tradução nossa)

Conforme a citação anterior, do site *ThoughtCo*, Browning era, de fato, uma intelectual e ativista, e esse tipo de seleção nos permite perceber algumas das influências de Marcia Brown. A pedagoga norte-americana deixa aparente um caminho e uma inspiração (na figura de outra mulher) que lhe serviu não apenas para iniciar um discurso, mas para orientar sua trajetória, como intelectual e ativista da educação conforme será evidenciado ao longo desta pesquisa.

Em 24 de janeiro de 1879, Marcia Brown participou de outro encontro da associação de professores (Otter Creek Valley Teachers' Association) que aconteceu em West Rutland e, novamente, apresentou um trabalho sobre a classificação das crianças para serem admitidas ou irem para o ano seguinte. Deve-se lembrar que, no começo, as salas de aula não eram divididas por idade

³⁵ “The power of doing what is right and of speaking what is true, and of thinking what is good, independently of any professional or conventional notions that so to act, or speak, or think, is becoming or expedient is the highest qualifications we can desire for “our work”. Disponível em: <The Rutland daily globe.[volume] (Rutland, Vt.) 1873-1877, February 06, 1877, Image 2 « Chronicling America « Library of Congress (loc.gov)>.

³⁶ “Browning was an accomplished intellectual and activist at a time when women were still discouraged from engaging in such pursuits. She was an innovative poet who chose subjects that were unusual for the time and constantly – and successfully – broke the rules of poetry.” Disponível em: <<https://www.thoughtco.com/elizabeth-barrett-browning-4767899>>.

ou turmas. Todas as crianças eram colocadas em uma mesma sala (*one-room classroom*), e a professora, com a ajuda de alunos mais avançados, ensinavam aos estudantes. Mais tarde, os alunos começaram a ser separados, mas ainda não havia o sistema de classificação. Ao terminarem um material, simplesmente, iam para o próximo. Foi sobre esse assunto que Marcia Brown fez a sua apresentação. Seguem abaixo alguns trechos:

Provavelmente não há um professor presente cujo sucesso em seus trabalhos escolares não seja materialmente diminuído pela classificação mais ou menos imperfeita que prevalece em toda parte em Vermont, desde a escola distrital do interior até as escolas graduadas de nossas grandes cidades e vilas.³⁷ (Tradução nossa)

Ela continua explicando seu ponto de vista: “As crianças não têm a mesma capacidade de aprendizagem, devendo ser classificadas de acordo com o grau de avanço nos respectivos estudos”.³⁸ (Tradução nossa).

Continuando, encontramos o seguinte:

Não tenho dúvidas de que a eficiência de nossas escolas distritais está grandemente diminuída, e o tempo e a paciência de seus professores desnecessariamente sobrecarregados porque eles não são capazes de colocar cada aluno nas classes em que seu progresso seria mais seguro e completo.³⁹ (Tradução nossa)

Mais adiante, ela complementa:

No sistema graduado, onde o sucesso das escolas depende principalmente do rigor da avaliação, o assunto não está ou não deveria estar nas mãos dos professores. Mas a cada passo, os superintendentes e conselhos escolares encontram a mesma dificuldade que perturba o arranjo do professor na escola distrital; ou seja, o desejo dos indivíduos de manipular o sistema de tal

³⁷ “There is probably not a teacher present whose success in their schoolwork is not materially lessened by the more or less imperfect classification that prevails everywhere in Vermont, from the country district school to the graded schools of our large towns and villages.”

³⁸ “Children have not the same capacity for learning, and they should be classified according to the degree of advancement in their respective studies.”

³⁹ “I have no doubt the efficiency of our district schools is greatly diminished, and the time and patience of its teachers unnecessarily taxed because they are not able to place each pupil in those classes where his progress would be most sure and thorough.”

forma que possam fazer tudo se curvar às ideias do que a escola deveria ser, para atender às necessidades especiais de seus próprios filhos.⁴⁰ (Tradução nossa)

Ela continua apresentando seus pontos de vista e encerra com o seguinte:

Para concluir, deixe-me dizer que nossa profissão não é uma mera ocupação, é uma alta e sagrada confiança, [...] A nós é confiado o mais precioso dos encargos – a educação das crianças, que em breve serão homens e mulheres, com responsabilidades de homens e mulheres. [...] Cultive o amor pela beleza, que é inato em todas as crianças, mas muitas vezes nunca é desenvolvido devido a uma educação maçante, árida e mecânica. Faça seus alunos sentirem que você é amigo deles, simpatizando com eles e compreendendo-os. [...] Sejam cautelosos, por um lado, ao introduzir em nosso trabalho métodos novos e não experimentados e, por outro, evitemos o erro igualmente perigoso de nos apegarmos aos costumes e tradições de sistemas desgastados. [...]⁴¹ (Tradução nossa)

De acordo com informações de jornais apresentadas, soube-se que Marcia Brown também instituiu o sistema seriado nas escolas de Massachusetts, que era algo inusitado, pois os alunos eram todos colocados em uma sala e, com a introdução da seriação, passaram a ser divididos por idade e conhecimento.

Como descrito na trajetória acadêmica e profissional de Marcia Brown, não há nada de concreto sobre sua formação acadêmica e, provavelmente, muito de seu estudo foi feito de maneira *self-study* (autoestudo). Como seus anos de formação ocorreram após a viagem de Horace Mann à Europa (1843) e depois da implantação das metodologias de Pestalozzi e Froebel no ensino americano, é possível afirmar que Brown seguiu essas teorias. Os seminários e institutos que ela frequentou eram instituições que preparavam professores, e as escolas

⁴⁰ "In the graded system, where the success of the schools mainly depends upon the thoroughness of the grading; the matter does not, or should not lie in the hands of the teachers. But at every step superintendents and school boards meet the same difficulty that upsets the teacher's arrangement in the district school; namely the desire of individuals to so manipulate the system that they can make everything bend to the ideas of what the school should be, to meet the special want of their own children."

⁴¹ "In conclusion let me say that our profession is not a mere occupation, it is a high and holy trust, [...] To us is entrusted the most precious of charges – the training of children, who are soon to be men and women, with men and women's responsibilities. [...] Cultivate the love of beauty, which is innate in every child, and yet is often never developed because of a dull, dry, mechanical education. Make your pupils feel that you are their friend, sympathizing with and understanding them. [...] Let us be cautious on the one hand, about introducing into our work new and untried methods, and let us, on the other, avoid the equally dangerous error of clinging to the customs and traditions of worn out systems. [...]"

normais já despontavam na Nova Inglaterra. Miss Brown começou a lecionar a partir de 1859, aos 24 anos e, provavelmente, foi muito influenciada pelas ideias pedagógicas de Horace Mann que trouxe as novas ideias de Pestalozzi e Froebel surgidas na Europa, a partir da metade do século XIX. Tais ideias foram introduzidas primeiramente em Massachusetts, durante o período em que Mann foi secretário de educação, entre 1837 e 1848. Durante esse tempo, Miss Brown estava estudando e deve ter aprendido os novos conceitos e foi com eles que lecionou tanto nos Estados Unidos como no Brasil ao vir para cá, auxiliando na Reforma da Escola Normal de São Paulo de Caetano de Campos.

Pestalozzi foi um educador nascido em Zurich, Suíça, em 1746, e suas ideias contribuíram para a prática dos anos fundamentais da escola moderna. Pensava que a escola deveria encontrar as necessidades da criança e seguir o desenvolvimento natural desta. A abordagem de ensino de Pestalozzi dava-se por meio dos sentidos, e a isso ele chamava de método *especial*. Esse método pode ter sido o prenúncio da educação experimental e das ideias de Dewey. A outra abordagem de Pestalozzi era o método *geral*. O primeiro focava nos sentidos e este último focava na atenção às necessidades socioemocionais das crianças. Para ele o conceito de educação estava ligado ao desenvolvimento moral, mental e físico da natureza da criança. A educação é o desenvolvimento natural, progressivo e harmonioso de todos os poderes e faculdades do ser humano.

As lições decoradas ficaram para trás e Pestalozzi descreveu um processo de ensino direcionado à criança visando que esta descobrisse suas forças latentes. Além disso, enfatizava o desenvolvimento harmonioso das faculdades individuais em uma personalidade completa. Foi ele quem desenvolveu o método *intuitivo* que norteia as práticas pedagógicas. É pela observação e investigação que os sentidos são estimulados (HARPER, 1939).

Pestalozzi foi contemporâneo de Rousseau e seguiu suas teorias, vindas de John Locke e David Hume, os quais introduziram o empirismo que propagava o conhecimento pela observação. O conhecimento vinha da experimentação e pelo uso dos sentidos: ver, ouvir, reconhecer o paladar, tocar e sentir as coisas diretamente. O empirismo fundamenta os resultados na experiência sensorial, sendo fundamental para o método científico e o desenvolvimento da ciência. Portanto, foi relevante para o processo ensino-aprendizagem e, com isso,

Pestalozzi introduziu o ensino centrado nas coisas, na experiência em que alunos trabalhavam e ao testarem o que haviam aprendido. Ele defendia o ensino prático e utilitário (PEREIRA et al, 1985).

Assim, o método de Pestalozzi introduziu 11 princípios gerais que foram resumidos por um de seus discípulos (não foi encontrado o nome da pessoa).

- 1) A observação ou percepção sensorial (intuição) é a base da instrução;
- 2) A linguagem deve estar sempre ligada à observação (intuição), isto é, ao objeto ou conteúdo;
- 3) Em qualquer ramo, o ensino deve começar pelo elemento mais simples e proceder gradualmente de acordo com o desenvolvimento da criança, isto é, em ordem psicológica;
- 4) A época de aprender não é época do julgamento e crítica;
- 5) Tempo suficiente deve ser consagrado a cada ponte de ensino a fim de assegurar o domínio completo dele pelo aluno;
- 6) O ensino deve ter por alvo o desenvolvimento e não a exposição dogmática;
- 7) O mestre deve respeitar a individualidade do aluno;
- 8) O fim principal do ensino elementar não é ministrar conhecimentos e talentos ao aluno, mas sim desenvolver e aumentar os poderes da sua inteligência;
- 9) O saber deve corresponder ao poder e à aprendizagem e à conquista de técnicas;
- 10) As relações entre professor e aluno, especialmente em disciplina, devem ser baseadas e reguladas pelo amor;
- 11) A instrução deve estar subordinada ao fim mais elevado da educação.⁴²

Outro educador que influenciou a educação americana foi Friedrich Froebel. Ele nasceu em 1782, na Alemanha, seguidor de Pestalozzi, e sua grande contribuição foi a instituição do jardim de infância (*kindergarten*).

Para Froebel, é nas brincadeiras que as crianças constroem sua compreensão do mundo por meio dele mesmo e com experiências diretas com a natureza. De acordo com o site Froebel Trust, a frase que engloba a sua teoria é a seguinte: “O brincar é a expressão mais elevada do desenvolvimento humano na infância, pois só ele é a expressão livre do que está na alma de uma criança.”⁴³ (FROEBEL TRUST, [s.d], tradução nossa).

Froebel levava em conta a saúde, o desenvolvimento físico, o meio ambiente, o bem-estar emocional, a habilidade mental, os relacionamentos

⁴² Disponível em: <<https://www.members.tripod.com/pedagogia/infantil/pestalozzi2.htm>>.

⁴³ “Play is the highest expression of human development in childhood for it alone is the free expression of what is in the child’s soul.” Disponível em: <<https://www.froebel.org.uk/about-us/the-power-of-play>>. Acesso em: 12 maio 2021.

sociais e os aspectos espirituais da criança como um todo importante. Ele desenvolveu um conjunto de presentes, como blocos de madeira de 1 a 6, e introduziu ocupações incluindo varas, argila, ardósia, giz, cera, conchas, pedras, tesouras, dobraduras de papel, que podem apoiar as brincadeiras iniciadas pelas próprias crianças.

A professora Tina Bruce (2015)⁴⁴, articulou dez princípios de Froebel, a seguir:

1. A infância é vista como válida em si mesma, como parte da vida e não simplesmente como preparação para a vida adulta. Assim, a educação é vista da mesma forma como algo do presente e não apenas como preparação e treinamento para o futuro.
2. A criança inteira é considerada importante. Saúde – física e mental – é enfatizada, assim como a importância dos sentimentos e aspectos do pensamento e do espiritual.
3. A aprendizagem não é compartimentada para todos os links.
4. A motivação intrínseca, resultando em atividade autodirigida e iniciada pela criança, é valorizada.
5. A autodisciplina é enfatizada.
6. Existem períodos de aprendizagem especialmente receptivos em diferentes estágios de desenvolvimento.
7. O que as crianças podem fazer (ao invés do que elas não podem fazer) é o ponto de partida na educação da criança.
8. Existe uma vida interior na criança, que surge especialmente em condições favoráveis.
9. As pessoas (adultos e crianças) com quem a criança interage são de importância central.
10. A educação de qualidade envolve três quesitos: a criança, o contexto em que a aprendizagem ocorre e o conhecimento e compreensão que a criança desenvolve e aprende⁴⁵ - (Tradução nossa).

Também, de acordo com Charles A. Harper (1939)⁴⁶, Mann não só preocupava-se com o sistema de educação para as crianças como também com a formação dos professores. Além de ser um entusiasta, foi ele quem tornou a escola normal uma realidade. Defendia que os professores fossem bem treinados, de acordo com o princípio seis que desenvolveu ao retornar de sua viagem à Europa, de acordo com o que foi exposto na introdução. A campanha para as

⁴⁴ Bruce, T. Early Childhood Education. 5th Ed. 2015. London: Hodder Education.

⁴⁵ Disponível em: <<https://www.early-education.org.uk/about-froebel>>. Acesso em: 23 fev. 2021.

⁴⁶ A Century of public school education: the story of the state teachers colleges as they evolved from the normal schools. Disponível em: <<https://archive.org/details/centuryofpublict00harp/page/16/mode/1up?q=James+G.+Carter>>.

escolas normais para treinamento de professores já havia começado em 1825 e James G. Carter, um político influente em Massachusetts e membro da legislatura do estado, posicionou-se a favor da implantação da escola normal e até foi chamado, na época, de Pai da Escola Normal Americana. Ele acreditava que as instituições privadas para a formação de professores não serviriam a esse propósito. Nesse mesmo ano Harper (1939, p. 16, tradução nossa) escreveu:

Uma instituição para a educação de professores formaria uma parte, uma parte muito importante do sistema da escola gratuita. Seria, além disso, precisamente aquela porção do sistema que deveria estar sob a direção do estado se os outros estão ou não. Porque deveríamos, portanto, assegurar imediatamente um tribunal uniforme, inteligente e independente para decisões na qualificação de professores.⁴⁷

Nesses primeiros anos, o sucesso da França e da Holanda e, em especial, da Prússia fez com que estabelecer a escola normal nos Estados Unidos se tornasse uma realidade. Já em 1819, o controle estatal da educação na Prússia culminou no estabelecimento de um sistema de escolas normais que empregava os métodos de Pestalozzi, o grande líder da educação (HARPER, 1939).

Juntamente com vários líderes defendendo a implantação da escola normal, como visto antes, sendo Carter um grande entusiasta dessa implantação, encontra-se Horace Mann, que havia feito muito pela educação fundamental. Ele não foi apenas o proponente mais ardoroso e dinâmico das escolas normais, mas também quem traduziu os discursos públicos em ações (HARPER, 1939).

Mann foi quem conseguiu levar adiante a implantação das escolas normais nos Estados Unidos e há duas citações dele que mostram todo o seu entusiasmo quando inauguraram um prédio para a escola normal em Bridgewater, Massachusetts, em agosto de 1846. Ambas são do livro *A century of public teacher education: the story of the State teachers colleges as they evolved from the normal schools* (HARPER, 1939, p. 21, tradução nossa):

⁴⁷ "An institution for the education of teachers would form a part, and a very important part, of the free-school system. It would be, moreover, precisely that portion of the system, which should be under the direction of the state, whether the others are or not. Because we should thus secure at once a uniform, intelligent and independent tribunal for decisions on the qualifications of teachers."

Disponível em: <<https://archive.org/details/centuryofpublic00harp/page/16/mode/1up>>.

Acredito que as escolas normais são o novo instrumento no avanço da raça. Acredito que, sem elas, as próprias escolas livres seriam despojadas de sua força e poder de cura e, por fim, se tornariam meras escolas de caridade e, assim, desapareceriam de fato e na forma. Nem a arte da impressão, nem o julgamento por júri, nem a imprensa livre, nem o sufrágio livre podem existir por muito tempo, para qualquer propósito benéfico e salutar, sem escolas para a formação de professores; pois, se o caráter e as qualificações dos professores puderem degenerar, as Escolas Livres se tornarão escolas de pobres, e a imprensa livre se tornará uma imprensa falsa e licenciosa, e eleitores ignorantes, e por meio e disfarce de formas republicanas uma oligarquia de homens vis e mesquinhos governará a terra; ao contrário, a difusão universal e o triunfo final do próprio cristianismo todo glorioso devem esperar o tempo em que o conhecimento será difundido entre os mentores por meio da instrumentalidade de boas escolas. Enrolado nessa instituição, como numa mola, existe um vigor cujo desenrolar pode girar as esferas.⁴⁸

A segunda citação de Mann é curta, mas ilustra a visão e o poder da profecia deste grande estadista educacional e encontra-se em Harper (1939, p. 22, tradução nossa):

Essa capacidade de ver significados em termos de desenvolvimento futuro é o principal traço de destaque em Horace Mann. Considero esse acontecimento como um marco no progresso da educação – que, como todos sabemos, é o progresso da civilização – neste continente ocidental e em todo o mundo. É a conclusão da primeira escola normal erguida em Massachusetts – na União – neste hemisfério. Pertence à classe de eventos que podem acontecer uma vez, mas não podem ser repetidos.⁴⁹

⁴⁸ "I believe Normal Schools to be a new instrumentality in the advancement of the race. I believe that without them, Free Schools themselves would be shorn of their strength and their healing power and would at length become mere charity schools and thus die out in fact and in form. Neither the art of printing, nor the trial by jury, nor a free press, nor free suffrage, can long exist to any beneficial and salutary purpose, without schools for the training of teachers. For, if the character and qualifications of teachers be allowed to degenerate, the Free Schools will become pauper schools, and the free press will become a false and licentious press, and ignorant voters, and through the medium and guise of republican forms an oligarchy of profligate and flagitious men will govern the land. Nay the universal diffusion and ultimate triumph of all-glorious Christianity itself must await the time when knowledge shall be diffused among men through the instrumentality of good schools. Coiled up in this institution, as in a spring, there is a vigor whose uncoiling may wheel the spheres." (A century of public teacher education: the story of the State teachers colleges as they evolved from the normal schools: Harper, Charles Athiel: Free Download, Borrow, and Streaming: Internet Archive). Disponível em: <<https://archive.org/>>

⁴⁹ "This ability to see meanings in terms of future development is the major trait of eminence in Horace Mann. I consider this event as marking an era in the progress of education, which, as we all know, is the progress of civilization – on this western continent and throughout the world. It is the completion of the first normal school-house ever erected in Massachusetts – in the Union – in this hemisphere. It belongs to that class of events, which may happen once, but are incapable of being repeated." A century of public teacher education: the story of the State teachers colleges as they evolved from the normal schools. Harper, Charles Athiel: Free

Finalmente, em julho de 1839, a primeira escola apoiada pelo estado e direcionada, exclusivamente, à preparação de professores foi aberta em Lexington, Massachusetts.

No dia 3 de julho de 1839, três jovens mulheres chegaram a Lexington, Massachusetts, com a esperança de frequentar a primeira escola financiada pelo estado especificamente estabelecida para a formação de professores públicos (o que era então referido como escolas "normais"). Depois de fazer um exame que determinou serem elas satisfatoriamente versadas nas matérias ensinadas pela escola distrital ordinária, elas foram admitidas neste programa experimental, o primeiro do país⁵⁰ (UNIVERSITY OF NOTRE DAME, [s.d.], tradução nossa).

Essa escola normal foi, mais tarde, transferida para West Newton, em 1844. Em 1853, novamente foi transferida para Framington, onde se encontra até hoje como *Framington State University*. A primeira escola normal nos Estados Unidos teve mudanças em seu nome ao longo dos anos. Iniciou como *The Normal School in Lexington*, sendo mudado para *The Normal School in West Newton*. Ao ser transferida para Framington, teve os seguintes nomes⁵¹:

- The State Normal School in Framingham (1853);
- The Framingham Normal School (1855);
- The Framingham State Normal School (1889);
- State Teachers College at Framingham (1932);
- Framingham State Teachers College (1945);
- State College at Framingham (1960);
- Framingham State College (1965);
- Framingham State University (2010).

Outras duas escolas normais foram abertas: Escola Normal de West Barre, em setembro do mesmo ano, e *Bridgewater State College* no ano seguinte.

Download, Borrow, and Streaming: Internet Archive. Disponível em: <<https://archive.org/details/centuryofpublict00harp/page/22/mode/1up?q=James+G.+Carter>>.

⁵⁰ "On July 3, 1839, three young women reported to Lexington, Massachusetts, with hopes of attending the first state funded school specifically established for public teacher education (what were then referred to as 'normal' schools). After taking an examination, which determined they were satisfactorily versed in the subjects taught by the ordinary district school, they were granted admission to this experimental program, the first in the nation." Disponível em: <<https://www3.nd.edu/~rbarger/www7/normal.html>>.

⁵¹ Disponível em:

<https://en.wikipedia.org/w/index.php?title=Framingham_State_University&oldid=1054044420>.

Em 1879, Massachusetts foi o primeiro estado no país a passar uma lei de educação integral e um dos primeiros lugares no mundo a tornar a educação dos jovens uma responsabilidade pública.

1.3 MARCIA BROWN: UMA EDUCADORA PROTESTANTE EM MUITAS FRENTE DE AÇÃO

Apesar de ter sido referenciado na Introdução da pesquisa que Marcia Brown foi convidada por Miss Foster (gerente da Agência de Professores Orientais) a vir para o Brasil para trabalhar na reorganização do ensino brasileiro, Brown era, também, além de uma pessoa voltada à educação, uma mulher muito religiosa, de filiação protestante (embora não tenhamos conseguido identificar se Metodista ou Presbiteriana). Talvez sua aproximação com o grupo protestante, aliada ao fato de ser uma reconhecida professora, tenha sido determinante para sua vinda ao Brasil, uma vez que chegou diretamente para atuar na Escola Americana, uma escola confessional, de matriz presbiteriana, que tinha como objetivo não apenas a educação, mas a disseminação do protestantismo no Brasil. Em 4 de maio de 1889, o jornal *Mirror* (s.p.), de Malden, publicou que Miss Brown havia sido enviada para São Paulo pela Sociedade Presbiteriana de Nova York, que enviava missionários para o Brasil não só para evangelizar, mas também, para educar e que, Marcia Brown estava dando aulas a jovens sobre o sistema americano de educação escolar, o que fortalece que, apesar de sua religião, era reconhecida por sua atuação na educação. É digno de nota que, no projeto protestante educação e religião estão interligadas.

Essa influência religiosa aparece nos seus escritos e pode-se dizer que esta orienta muitas das suas práticas e de seu capital social. Ao longo de sua trajetória, a educadora vai se construindo também por essa marca identitária, que acaba por orientar suas escolhas em relação a determinados projetos tanto no campo educacional quanto no campo religioso, em larga medida, articulados.

Tal tendência pode ter se originado ainda quando era criança, em Springfield, uma vez que a cidade abraçava as causas da temperança e o antiescravismo conforme já afirmado anteriormente.

Isso pode ser observado em um artigo escrito por ela, cujo título era *Temperança na Escola Dominical*⁵², quando morava em Plattsburgh, Nova York. Marcia Brown aborda a questão da temperança e sobriedade no jornal *The Plattsburgh Sentinel*, jornal local da cidade, em 5 de março de 1875,

[...] Nenhum catálogo de graças cristãs é maior, nenhuma lista dos atributos de um coração regenerado é mais brilhante do que aquele em que encontramos temperança. [...] A temperança é um assunto tão amplo, suas divisões e ramificações são tão numerosas que posso fazer pouco mais, no tempo que me foi concedido, do que sugerir três ou quatro de suas aplicações no trabalho da Escola Dominical. [...] ⁵³ (Tradução nossa)

Ela continua mencionando e explicando quais são essas aplicações: [...] Temperança no vestir. Temperança no ensino da palavra de Deus; Temperança no exercício da liberdade de opinião; Temperança no uso de bebidas intoxicantes⁵⁴ [...] (Tradução nossa)

Finalmente, ela termina o artigo, afirmando em tom quase convocatório: “[...] Precisamos de mais homens e mulheres que não vacilem em meio a desânimos, que não questionem as sugestões da Divina Providência, que sigam sem hesitar aonde quer que o Mestre os conduza.”⁵⁵ (BROWN, 1875, tradução nossa).

Essa prática de usar o jornal para não apenas provocar a reflexão das pessoas sobre algumas temáticas, mas para despertá-las para a ação, muitas vezes convocando-as para se envolverem com algum projeto ou causa, era frequentemente utilizada por Marcia Brown. Em outro artigo escrito por ela antes, em 1874, a pedagoga demonstra a preocupação e o cuidado que tinha com as

⁵² Disponível em: <<https://nyshistoricnewspapers.org/lccn/sn85026976/1875-03-05/ed-1/seq->

⁵³ Temperance in the Sunday School.

[...]” No catalogue of Christian graces is grander, no list of the attributes of a regenerate heart is brighter than the one in which we find temperance. [...] Temperance is so broad a subject, its divisions and ramifications are so numerous that I can do little more, in the time allotted me, than to hint at three or four of its applications to Sunday School work.”

⁵⁴ [...] “Temperance in dress

Temperance in teaching God’s word

Temperance in exercising freedom of opinion

Temperance in the use of intoxicating beverages”

⁵⁵ [...] “We need more men and women who do not falter amid discouragements, who do not question the intimations of Divine Providence, but who follow unhesitatingly wherever the Master leads.”

crianças, mas, sobretudo, a partir de uma história inspiradora sobre órfãos no Japão e sobre como as pessoas juntaram-se para organizar um orfanato para aquelas crianças, ela chama a atenção para um problema de ordem social local, neste caso, em nome do “Mestre”, convoca as mulheres cristãs à ação, dizendo:

[...] E agora o Mestre chama novamente – e desta vez para as mulheres cristãs do Condado de Clinton; não do Japão, mas de nossas casas de pobres; não para três mil crianças, mas para um – um bebê indefeso de onze meses. Sua mãe está morta; seu pai é o pior composto de bruto e covarde – um homem que desafia todas as leis, humanas ou divinas, que ousa chamar a existência da criança e depois a deixa durante o período de sua total impotência e dependência, a sofrer em consequência de seu pecado; [...] Essa criança está em um berço, construído de maneira grosseira, à moda dos berços em que alguns de nós fomos balançados pela mão ou pelo pé de uma mãe amorosa.⁵⁶ (BROWN, 1874, tradução nossa).

E ela continua sua escrita encorajando e chamando as mulheres de Plattsburgh para se comoverem e se envolverem com a causa:

[...] A criança está deitada em um saco de algodão muito grosseiro, cheio de palha [...] [...] Nenhuma pessoa estava perto da criança; quando me inclinei sobre o berço, erguei os olhos azuis cheios de admiração e aquele olhar expectante e confiante, tão comum em crianças desamparadas [...] [...] Nenhum motivo de curiosidade me levou a visitar esta instituição pública. [...] [...] Não há mãos de abrigo, mãos de ajuda nesta localidade para casos tão peculiares como esse? [...] Estou ciente de que este não é um caso excepcional; [...] não temos nada a fazer nessa questão? [...] O coração materno da sra. Pruyns ouve o chamado do Japão e podemos fechar os ouvidos e sentir que não há nada para fazer em casa? [...] Corações dispostos, tenho certeza, não estão faltando. Que o céu conceda que mãos prontas sejam encontradas.⁵⁷ (BROWN, 1874, tradução nossa).

⁵⁶ “And now the Master calleth again, -- and this time to the Christian women of Clinton County; not from Japan, but from our Poor Homes; not for three thousand children, but for one -- a helpless babe of eleven months. Its mother is dead; its father is that worst compound of a brute and a coward -- a man bidding defiance to all law, human or divine, who dares call into existence a child, and then leaves it during the period of its utter helplessness and dependence, to suffer in consequence of his sin; [...] This child lies in a cradle, rudely constructed after the fashion of the cradles in which some of us were rocked by a hand or foot of a loving mother.” [...]

⁵⁷ “The child lies on a sack of the coarsest cotton cloth, filled with straw [...] [...] No person was near the child; as I bent over its cradle it lifted its blue eyes full of wonderment, and that expectant, trusting look, so common in helpless children [...] [...] No motive of curiosity led me to visit this public institution. [...] [...] Are there no sheltering hands, no helping hands in this locality for such peculiar cases as this? I am aware that this is not an exceptional case; [...] [...] is there nothing for us to do in this matter? [...] [...] Does the mother heart of Mrs.

Os artigos escritos por Marcia Brown, como professora e atuante na escola dominical para as crianças, mostram o peso da religião em suas práticas, inclusive a discursiva,⁵⁸ e como esses princípios orientavam suas ações.

Após esse artigo de 1874 ser publicado, ao conclamar as mulheres de Plattsburgh para cuidarem das crianças abandonadas, estas fizeram exatamente o que pediu e, sob o comando de Margaret Platt⁵⁹, fundaram uma casa para os destituídos e organizaram uma associação para cuidar daqueles menos afortunados na área de Plattsburgh. No jornal *The Plattsburgh Sentinel*, de 10 de abril de 1874, encontra-se o seguinte trecho escrito por Mrs. Platt:

A pergunta então feita a nós, "... não há nada para fazermos sobre isso?" [...] Logo foi encontrado um lar para a pobre criança abandonada [...] A falta de uma Associação de Mulheres Cristãs, [...] foi apresentada como nunca antes. [...] nós mulheres [...] organizamos uma Associação [...] A associação se chamará "O Lar para os sem amigos do norte de Nova York".⁶⁰ (Tradução nossa)

É interessante notar que essa associação existe até hoje. Durante os anos, foi mudando de nome e hoje é chamada Behavioral Health Services North (Serviços de Saúde Comportamental Norte) e possui vários programas como serviço social, saúde mental, entre outros, atendendo não só crianças, mas também adolescentes e adultos. Aqui, um pouco da história da fundação:

Estabelecido originalmente em 1874, por Margaret Platt, como um lar para órfãos e crianças abandonadas em nossa comunidade, o lar posteriormente evoluiu para o Northern New York Center e cresceu ao longo de seus primeiros 125 anos em resposta às necessidades de nossa região. Desde então, nossa organização se fundiu com a agência que somos hoje, Behavioral Health Services North, Inc. e continuamos a crescer e a servir indivíduos

Pruyns hear the call from Japan, and can we close our ears and feel there is nothing for us to do at home? [...] [...] Willing hearts I am sure are not wanting. Heaven grant that ready hands will be found."

⁵⁸ Nesta pesquisa, entendemos os discursos como práticas, tal como nos propõe pensar Roger Chartier (1990).

⁵⁹ Residente de Plattsburgh e presidente da entidade recém fundada. Não foi possível encontrar maiores informações sobre a Sra. Platt.

⁶⁰ "The question then asked of us, '...is there nothing for us to do in the matter?' [...] A home was soon found for the poor waif [...] The want of an Association of Christian women, [...] was presented as it had never been before. [...] we women [...] have organized an Association [...] The association is to be called 'The Home for the Friendless of Northern New York'. Disponível em: <<https://nyhistoricnewspapers.org/lccn/sn85026976/1874-04-10/ed-1/seq-3/>>. The Plattsburgh Sentinel. (Plattsburgh, N.Y.) 1861-1902, April 10, 1874, Page 3, Image 3 - NYS Historic Newspapers>.

no North Country.⁶¹ (BEHAVIORAL HEALTH SERVICES NORTH, [s.d.], tradução nossa).

Figura 9 – The Northern Home for Friendless Children (1874)



Fonte: Disponível em: Free Library of Philadelphia.

Mas, sobretudo, o que gostaríamos de destacar nesta história é a potência da voz e o espírito de liderança de Marcia Brown. Foi ela quem, pelos jornais, provocou as mulheres cristãs a envolverem-se com a causa por meio de ações mais efetivas, o que se materializou na referida instituição. Essa liderança pode ser vista ao longo de sua vida. Indo de uma escola para outra, não só como professora, mas também como diretora, participando de conferências de professores, sempre se manifestando publicamente, como destacado no artigo *Our Work*, em que ela chamava os professores para se qualificarem melhor e lutarem para introduzir novas formas pedagógicas em suas escolas, como o método seriado, e não mais o unitário.

Outro aspecto interessante sobre Marcia Brown é que ela transitou por várias cidades enquanto estudante e como professora também. Saiu de Springfield, foi para Newbury, Fort Edward, Plattsburgh, Rutland e para Malden, antes de vir para São Paulo. De acordo com o livro *Mulheres em Trânsito* (SILVA, ORLANDO & DANTAS, 2015), as mulheres viajavam pelas mais diversas razões:

⁶¹ "Originally established in 1874, by Margaret Platt, as a home caring for orphans and abandoned children in our community, the home later evolved into the Northern New York Center and grew over its first 125 years in response to the needs of our region. Since that time, our organization has merged into the agency we are today, Behavioral Health Services North, Inc., and we continue to grow and serve individuals in the North Country." Disponível em: <Home | Behavioral Health Services North, Inc. (bhsn.org)>.

missões religiosas, viagens de descoberta, de exploração, de aventura ou de conhecimento. De acordo com o que já foi visto sobre Miss Brown, suas viagens foram, geralmente, de conhecimento. Estudou em outras cidades e ao tornar-se professora, também, transitou por mais de um lugar. Assim, é possível trazer para esta pesquisa mais um aspecto interessante, em que Marcia Brown, provavelmente, gostava de viajar e a isso, ela adicionava mais saberes, informações para o seu desempenho profissional, como professora.

No Brasil, para efeito da implementação das reformas de educação, começou a haver palestras, cursos, correspondência com intelectuais de outros países, assim como educadores brasileiros iam para outros países para estudar, aperfeiçoarem-se. Como exemplo, temos Maria Guilhermina Loureiro de Andrade que ficou quatro anos nos Estado Unidos estudando as novas metodologias de Pestalozzi e Froebel, introduzidas lá por Horace Mann, primeiramente, em Massachusetts e que, como aqui, depois da Reforma de Caetano de Campos, alastrou-se por outras cidades, outros estados.

Marcia Brown também fez isso durante seus estudos e período em que trabalhou como professora e diretora. Saiu de Springfield, Vermont e foi para outros lugares, cidades propagando seus conhecimentos, mas também, adquirindo outros, pois viagens nos dão esta oportunidade até os nossos dias.

De acordo com Mignot e Gondra (2007, p. 8) com a nova República havia a vontade de disseminar o que havia de novo. Assim:

[...] educadores também criaram editoras, coleções de livros, cursos. Assumiram páginas e colunas nos jornais tratando de educação, nas quais denunciavam, criticavam, duvidavam, reclamavam, apontavam alternativas. O discurso produzido acerca dos descaminhos da educação brasileira procurou realçar o que vinha sendo discutido e realizado, internacionalmente, pela infância e, em particular, a escolarização das novas gerações.

É possível dizer que Marcia Brown fez isso de uma certa maneira, pois com suas conferências aos professores, ela propagava suas ideias sobre educação como uma estratégia de fazer circular um modelo pedagógico (MIGNOT & GONDRA, 2007). Com essas viagens dentro do próprio estado de Vermont, Nova York e Massachusetts, ela tornou-se conhecida e pode-se inferir que, talvez, devido a isso ela foi escolhida por Miss Foster a vir para o Brasil para dar aulas na

Escola Americana, o que lhe proporcionou, mais tarde, ajudar Caetano de Campos na reforma da Escola Normal.

1.4 MARCIA BROWN E SUA EXPERIÊNCIA EM MALDEN COMO GESTORA EDUCACIONAL E O TRÂNSITO PARA O BRASIL

Nesse mesmo ano, 1879, Miss Brown vai para Malden, Massachusetts, onde trabalha como diretora de uma escola pública, ensino fundamental, a *Maplewood School*, de acordo com os seguintes jornais da época – *Boston Morning Journal*, de 5 de julho de 1879 (p. 3), e *Malden Mirror*, de 6 de setembro de 1879 (p. 6):

BOSTON MORNING JOURNAL, July 5, 1879

Malden

Conselho Escolar, Miss Marcia P. Brown foi eleita diretora da Escola *Maplewood* no lugar de Miss E. Humphrey, que renunciou. Miss Brown é atualmente residente em Rutland, Vt.⁶² (Tradução nossa)

MALDEN MIRROR, September 6, 1879

Miss M. P. Brown, ex-diretora da escola de ensino fundamental em Rutland, Vt., foi nomeada diretora da Escola de Ensino Fundamental *Maplewood*.⁶³ (Tradução nossa)

Durante o período em que ficou em Malden, Brown foi considerada uma ótima professora e diretora. Ela sempre se envolveu com a escola e alunos e houve alguns acontecimentos publicados nos jornais locais enquanto esteve à frente dos trabalhos.

Em fevereiro de 1881, houve um incidente na escola. Três alunos, que moravam fora da área de abrangência da *Maplewood School*, ali estudavam devido a um acordo firmado anteriormente. De acordo com Miss Brown, essas crianças chegavam atrasadas, não faziam suas tarefas de casa e causavam problemas na escola. Em razão dos problemas, uma dessas três alunas informou Miss Brown que o pai iria retirá-la da escola. Como resposta, a diretora informou que os outros dois irmãos teriam que sair também. O pai não gostou e o caso foi parar na Comissão Escolar. Após algum tempo, as crianças acabaram ficando na

⁶² "School Board, Miss Marcia P. Brown was elected principal of the *Maplewood School* in place of Miss E. Humphrey, resigned. Miss Brown is at present resident at Rutland, Vt."

⁶³ "Miss M. P. Brown, formerly principal of the grammar school at Rutland, Vt., has been appointed principal of the *Maplewood Grammar School*."

escola e a Comissão Escolar encerrou o caso elogiando Miss Brown. Ela havia apresentado sua renúncia ao conselho escolar, mas esta não foi aceita, já que tanto os membros do Comitê quanto o Superintendente das Escolas acreditavam que ela era uma pessoa muito capaz, conscienciosa e meticulosa e, de fato, uma professora superior. Diziam que sua renúncia seria uma perda pública e que seu lugar seria muito difícil de preencher.⁶⁴

Já na época, ela promovia palestras e noites de entretenimento e, certa vez, apresentou um trabalho sobre anatomia, inclusive trazendo parte de um esqueleto para ilustrar sua palestra (*Malden Mirror*, 2 de maio de 1885, p. 5). Esses relatos indicam uma professora que transitava entre o rigor e a inventividade pedagógica e, deste modo, Marcia Brown parecia ter conquistado o afeto e a admiração de seus alunos. De acordo com o *Evening Mail*, de 25 de junho de 1887 (p. 1), Miss Brown recebeu da turma de graduandos da escola um lindo relógio de mármore francês.

Marcia Brown permaneceu em Malden como diretora da escola até junho de 1888, mas havia pedido seu afastamento para mudar-se para São Paulo, em maio. O ocorrido foi noticiado em quatro jornais da cidade: *Malden Mirror*, de 19 de maio de 1888 (p. 8); *The Evening Mail*, de 24 de maio de 1888 (p. 1); *Malden City Press*, de 26 de maio de 1888 (p. 4); e *Boston Morning Journal*, de 28 de julho de 1888 (p. 3).

Quando pediu sua demissão, houve uma pequena polêmica, pois Miss Brown escreveu uma carta para o Conselho Escolar informando o seu desligamento da escola, mas essa só foi entregue em 19 de maio. De acordo com a notícia do jornal *Malden City Press*, a diretora havia pedido que não publicassem a carta antes do Conselho ser informado, mas o *Malden Mirror* publicou exatamente no dia 19, o que deixou Miss Brown muito contrariada pela quebra de confiança.

Em 26 de maio, o *Boston Daily Journal* publicou que, em assembleia, havia votado para que a substituição de Brown fosse feita por um diretor masculino. Apesar disso, os jornais *The Evening Mail* e o *Malden Mirror* (de 16 de junho de 1888) publicaram que os membros do Conselho Escolar gostariam de registrar seu apreço pelos serviços prestados por Marcia Brown durante os nove anos em

⁶⁴ *Jornal City Press*, 12 fevereiro de 1874. Biblioteca Pública de Malden, Ma.

que foi diretora da *Maplewood School* e que fosse transmitido pela secretária à Miss Brown e publicado nos jornais.

O motivo de seu pedido de demissão apareceu no jornal *Boston Morning Journal*, de 28 de julho de 1888, o qual publicou uma matéria sobre a saída de Marcia Brown da *Maplewood School*, informando que ela havia aceitado um emprego na América do Sul. Houve uma recepção pública com alunos e ex-alunos, pais e amigos, o Superintendente das Escolas e membros do governo municipal e do Conselho Escolar. Mrs. M. A. Cummings (não há referências sobre quem seja ela) entregou-lhe um valioso broche de diamantes e um relógio portátil banhado a ouro, mostrando seu apreço pelos anos dedicados à escola, professores, alunos e funcionários. Um presente dessa magnitude é indicativo do peso da professora que viria auxiliar na difusão da pedagogia americana no Brasil. Marcia Brown era, nos Estados Unidos, uma professora estabelecida no campo educacional com reconhecimento, projeção, respeito e admiração pelos seus pares. Um lugar de relevo social conquistado por uma mulher, que é digno de nota.

No mesmo dia, 28 de julho, outros dois jornais publicaram sobre a recepção prestada à Marcia Brown na sua despedida. O *Malden Mirror* descreveu a cerimônia que aconteceu na própria escola e que o Rev. S. A. Severance leu uma bênção a todos. Várias autoridades estiveram presentes e o programa incluiu várias canções, inclusive pela turma graduanda, e um poema foi declamado.

O *Malden City Press*, além de noticiar a mesma matéria, acrescentou que Miss Brown iria para o Brasil, onde iria preparar jovens para serem professoras. O jornal também transcreveu, na íntegra, o poema recitado à Miss Brown. Seguem algumas partes (tradução nossa) (p. 8):

De várias casas, de morro acima e abaixo,
A ala 6 está pronta para recebê-la, Srta. Brown.
Nenhuma direção ou persuasão nos induziu a vir ---
Era simplesmente porque não podíamos ficar em casa.
Sua Excelência, o prefeito Wiggim, está aqui,
Seu semblante irradia boa vontade e bom ânimo.

Mais adiante:

Neste edifício real, onde, por longos e ocupados dias,
Você guiou os pés jovens nos caminhos ásperos do aprendizado.

Há muitas estrelas de graduados em sua coroa?
 Você não se sente orgulhosa deles, apenas um pouco,
 Srta. Browne?
 [...]

 E muitas famílias, aqui e em outros lugares,
 Vão agradecer por não desistir em desespero; [...]

 E assim honrar a quem a honra é devida;
 E esses meninos, quando se tornarem homens finos e nobres,
 Agradecerão sua persistência, novamente e novamente.

E assim termina:

Deixe-nos todos e vá correndo para o Brasil.
 E não podemos fazer nada para ajudar, que eu saiba,
 Mas diga: "Deus esteja com você" e depois se deixe ir.
 [...]

 Quando na América do Sul, espirituosa e sábia,
 Você ver todos os nativos com espanto e surpresa,
 Ensine professores a ensinar outras escolas aos milhões,
 Mas, Miss Browne, não se case com um brasileiro aristocrata.⁶⁵

Em um jornal de Charlotte⁶⁶, North Carolina, foi encontrada a seguinte notícia:

A primeira professora protestante a ser empregada pelo governo brasileiro é a Srta. Marcia P. Browne, recentemente diretora da escola primária Maplewood, em Boston. Ela vai comandar o treinamento de professores na escola normal estadual daquela república do sul.⁶⁷ (Tradução nossa)

É possível verificar que essas viagens eram notícias nos jornais não só locais como nos de outros estados também, reforçando nossa hipótese sobre ela ter vindo para o Brasil contratada pelo governo brasileiro, como professora, para contribuir com a educação no Brasil e não para atuar como missionária, apesar do seu vínculo com a igreja protestante e da marca como “professora protestante” serem evidentes. O protestantismo, no entanto, estava em sua bagagem, resguardado nos princípios que orientavam as ações da professora.⁶⁸ Apesar de

⁶⁵ *Malden City Press*, 28 jul. 1888. Poema original, em inglês, no Anexo B.

⁶⁶ Não foi encontrada a data de publicação da notícia ou o nome do jornal.

⁶⁷ “The first Protestant teacher to be employed by the Brazilian Government is Miss Marcia P. Browne, recently principal of the Maplewood Grammar School in Boston. She will direct the training of teachers in the State normal school in that southern republic.” (*Charlotte News*, Charlotte, N. C.; Volume: IV; Issue 492; Page 3). (O jornal informa que a escola ficava em Boston, mas realmente esta ficava em Malden, subúrbio de Boston.)

⁶⁸ Essa relação entre protestantismo, pedagogia americana nas reformas educacionais de São Paulo já foram exploradas em nossa historiografia por pesquisadores como Maria Lucia Spedo Hilsdorf, Miriam Warde, Peri Mesquida, Ester Fraga Vilas-Bôas Carvalho do Nascimento, Cesar Romero Amaral Vieira, dentre outros. Voltaremos a essa questão no Capítulo 3.

não encontrarmos em nenhum documento oficial que Brown veio a convite do governo brasileiro, isso ficou estabelecido pela notícia publicada no jornal *Malden Evening Press*, de 6 de abril de 1923 (após a sua morte), que escreveu o seguinte:

As autoridades brasileiras procuravam diligentemente alguém especialmente adaptado para o trabalho único exigido. Todo o sistema educacional deve ser reorganizado, adaptado às necessidades do país e depois realizado de forma a interessar e inspirar as pessoas a apoiá-lo. Os cavalheiros em sua busca chamaram a Srta. Foster, [...], que lhes assegurou que conhecia a mulher que estava à altura da situação e suas exigências.⁶⁹ (Tradução nossa)

Com essas recepções e demonstrações de apreço por Marcia Brown, pode-se dizer que, mesmo sendo uma pessoa rígida, de uma moral inquestionável, ela era benquista tanto pelos dirigentes escolares, como por professores, alunos e pais. Embora envolvida em algumas divergências, mesmo com alguém conhecido da sociedade local (como no caso da aluna Edith Perry e seus irmãos), Brown teve o apoio das autoridades, as quais quiseram conservá-la como diretora da escola.

Apesar de sentirem sua perda, por sair da escola para vir ao Brasil, ao mesmo tempo estavam orgulhosos pelo fato de que alguém de uma escola elementar pública estivesse indo para outro país trabalhar com a educação. E, mesmo morando no Brasil, toda vez que ia visitar Malden, Miss Brown era sempre motivo de notícias nos jornais.

No dia 4 de agosto, 1888, o *Malden Mirror* (p. 8) ainda publicou uma pequena notícia sobre Marcia Brown: “Miss Marcia P. Browne deixou Maplewood e foi para Nova York na terça-feira passada. De lá ela embarca para o Brasil no sábado”⁷⁰ (Tradução nossa).

Em 22 de setembro, 1888, o *Malden Mirror* (p. 8) publicou um cartão-postal que Marcia Brown enviou, informando que já se encontrava em Pernambuco e que estava hospedada na Sociedade Missionária Metodista e Presbiteriana. Também que a viagem até então havia transcorrido sem problemas e que ela não

⁶⁹ Notícia completa em inglês no Anexo A.

⁷⁰ *Miss Marcia Browne left Maplewood for New York, last Tuesday. Thence she sails to Brazil on Saturday.*

havia tido nenhum contratempo de saúde. Ela esperava chegar a São Paulo até 1º de setembro. Não se tem a data de quando escreveu o cartão-postal.

Novamente, nos vemos diante do trânsito de Marcia Brown. Para algumas mulheres, as viagens tornaram-se parte constitutiva de suas trajetórias e suas histórias, como foi o caso de Marcia Brown, que sempre viajou no seu ofício de professora. Aqui, como no artigo de Alexandra Lima da Silva (2015), a viagem de Miss Brown para o Brasil teve uma dimensão missionária e formativa. De acordo com Silva (2015, p. 237), “[...] a viagem era um caminho para a inserção no mundo do trabalho via docência”. Assim, ao atentar para o trânsito de Marcia Brown e sua circulação por diversos lugares, enquanto professora, nos dá a ver uma história mais ampliada, pois nos permite problematizar “[...] temáticas, sujeitos e lugares muitas vezes de fora dos manuais de história da educação e recortes consagrados no ensino.” (SILVA, 2015, p. 237).

O próximo capítulo vai tratar do período em que Marcia P. Brown esteve no Brasil, mais especificamente em São Paulo, e da sua presença e atuação na Reforma da Escola Normal de São Paulo de Caetano Campos.

2 MARCIA PRISCILLA BROWN NO CONTEXTO DA REFORMA DA ESCOLA NORMAL EM SÃO PAULO

Um ser humano não alcança todos os seus direitos até que seja educado.
Horace Mann

Através dos séculos, dos anos, uma maneira eficaz e contínua de comunicação entre as pessoas deu-se por meio da correspondência, da troca de cartas. Essas podem ser formais, semiformais ou informais. De acordo com Gomes (2004), as cartas podem ser sobre si, diários, biografias, autobiografias, memórias, entrevistas, histórias de vida. Na história da educação são fontes importantes, pois, muitas vezes, é só por meio de cartas que se pode obter informação sobre uma pessoa, um acontecimento, um lugar.

Marcia Brown, ao longo do tempo em que esteve no Brasil, escreveu algumas cartas, e aqui serão abordadas aquelas que puderam ser pesquisadas por meio de informações obtidas da *Presbyterian Historical Society* e dos jornais de Malden, Ma.

2.1 CHEGADA DE MARCIA BROWN A SÃO PAULO

Marcia Brown chegou a São Paulo em 1º de setembro de 1888, num sábado, e, de acordo com uma carta escrita por ela dois anos depois, em 22 de setembro de 1890, endereçada ao Dr. Mitchell (que a recebeu em 18 de outubro), ela começou a trabalhar imediatamente, na segunda-feira seguinte. Essa carta foi enviada a alguém conhecido, mas de certa importância, pois se refere ao destinatário como “Dr. Mitchell” (doutor). Na carta, Miss Brown relata que o tempo passou rápido, pois já está no país há dois anos; comenta sobre como a mão de Deus, contra a sua própria vontade, enviou-a para São Paulo; dá um apanhado desses dois anos; e conta que tem sob sua tutela 27 jovens para preparar para a introdução de métodos modernos nas escolas públicas do Estado. Segue um trecho da carta:

[...] Cheguei a São Paulo no sábado, 1º de setembro, e comecei a trabalhar imediatamente na segunda-feira seguinte. – durante os

19 meses que aqui estou não fiz apenas o meu próprio trabalho, mas também um tempo considerável com outros ensinamentos e passei as noites e as madrugadas preparando aulas de vários tipos, visto que não existem livros em português para adotar às formas modernas de ensino. – Eu logo aprendi a língua para poder escrever. Esse foi o estilo adaptado para as crianças. Meu único arrependimento é não poder fazer mais.⁷¹ (Tradução nossa).

Apesar de essa carta ter sido escrita dois anos depois, ela informa sobre a chegada de Miss Brown a São Paulo, o que não foi encontrado em outras pesquisas; porém, conforme já dito acima, de fato existe a informação de que ela estava dando aulas durante os dois primeiros anos em São Paulo (1888-1890). Não há menção do nome da escola na carta, apenas que se tratava de uma escola grande. Todavia, como estabelecido em outras pesquisas, Miss Brown lecionava na Escola Americana.⁷² Em 1890, ela foi convidada a ajudar na Reforma da Escola Normal em São Paulo. Um olhar sobre a história das Escolas Normais em São Paulo é fundamental para poder compreendermos um pouco o cenário que Marcia Brown encontrou dois anos após sua chegada no Brasil.

2.2 CAMINHOS DA ESCOLA NORMAL NO BRASIL

A preocupação em formar docentes para o ensino no Brasil vinha de um longo tempo e, mesmo antes de haver instituições para formá-los, já se preocupavam em selecioná-los. Em 6 de novembro de 1772, já havia uma regulamentação para os exames a que os professores deviam submeter-se.

Com o Ato Adicional de 12 de agosto de 1834, a responsabilidade da organização dos sistemas de ensino primário e secundário e a formação de professores foram transferidas para as províncias, assim como as primeiras escolas normais foram estabelecidas, sendo a primeira instalada no Rio de Janeiro, em 1835. As escolas normais começaram a ser criadas durante um período difícil (1822 – 1836) que ficou conhecido como Período da “Ação” (predomínio do princípio democrático; da Independência à queda do Regente Feijó) e do Período da “Reação” (Regresso Conservador – 1836 a 1852) e de

⁷¹ Anexos C e D.

⁷² Sobre esta questão, ver os trabalhos de Cesar Romero Amaral Vieira (2006); José Veloso dos Santos (2011); Ivanilson Bezerra da Silva (2015); e César Guimarães do Carmo (2017)

acordo com Villela (2011, p. 102): “As primeiras experiências com escolas normais no Brasil ocorreram em período instável e tenso”.

O diretor da escola também seria o professor. Com a consagração do método mútuo, o preparo didático e profissional do professor era reduzido à compreensão desse método. A Escola Normal do Rio de Janeiro foi encerrada em 1849. Outras escolas foram estabelecidas, como se vê a seguir: em Minas Gerais, foi criada em 1835 e instalada em 1840; na Bahia, em 1836 e instalada em 1841; em São Paulo, em 1846, que será mais amplamente discutida adiante. Em 1864, criaram escolas normais no Piauí e Pernambuco, que foram instaladas em 1865; em Alagoas também foi criada em 1864 e instalada em 1869; em São Pedro de Rio Grande do Sul, em 1869; no Pará e Sergipe, em 1870 e instaladas em 1871; no Amazonas, em 1872; no Espírito do Santo, também em 1872 e instalada em 1873; no Rio Grande do Norte, em 1873 e instalada em 1874; na Corte, em 1874, sendo particular, mas subvencionada pelo governo. Em 1876, foi criada uma escola normal pública, mas só instalada em 1880; no Paraná foi criada em 1876; em Santa Catarina, em 1880; no Ceará, também em 1880, mas instalada em 1884, assim como outras até 1885. Como pode ser visto, nem sempre as escolas criadas eram inauguradas, ou duravam muito tempo (TANURI, 2000).

Infelizmente, a organização da Escola Normal era muito básica, com somente um ou dois professores para todas as disciplinas, e o currículo também era muito simples. Além dos conteúdos dos estudos primários, foi adicionada uma formação pedagógica elementar: Pedagogia ou métodos de ensino. Os prédios, as instalações e equipamentos também eram precários, assim como a frequência dos alunos era muito baixa. Essas escolas normais não permaneciam abertas por muito tempo; fechavam por falta de alunos, por falta administrativa e outros problemas. De acordo com Tanuri (2000, p. 65), “...nos primeiros 50 anos do Império, as poucas escolas normais do Brasil, pautadas nos moldes de medíocres escolas primárias, não foram além de ensaios rudimentares e malsucedidos”.

Em 1867, somente quatro escolas normais existiam no país: no Piauí, em Pernambuco, na Bahia e no Rio de Janeiro, mas em 1883 foi registrada a existência de 22 escolas normais. O Decreto nº 7.247, de 1879, criou a Reforma Leôncio de Carvalho que autorizou o Governo Central a criar ou subsidiar escolas normais nas províncias, porém não aconteceu. Os projetos Rui Barbosa (12 de

setembro de 1882), Almeida de Oliveira (18 de setembro de 1882) e Cunha Leite (24 de agosto de 1886) também concediam o poder de subsidiar as escolas normais nas províncias. A partir da República, um novo acento e um novo olhar foram dados para essas instituições, pois havia um maior investimento por parte do Estado na educação, sob a ótica do moderno como caminho necessário ao progresso (TANURI, 2000).

2.3 A ESCOLA NORMAL DE SÃO PAULO

Em 1846, foi fundada a primeira Escola Normal de São Paulo, que aconteceu em decorrência do Ato Adicional de 12 de agosto de 1834 que

[...] conferiu às então criadas Assembleias Legislativas Provinciais, entre outras atribuições, a de legislar sobre a instrução pública, cabendo às Províncias o dever de criar estabelecimentos próprios para promovê-la. Diante disso, para formar professores para essa “instrução pública”, as primeiras escolas normais brasileiras foram estabelecidas por iniciativa das Províncias, [...]”⁷³ (SÃO PAULO, [s.d.]).

Assim, a criação da Escola Normal deu-se com a Lei nº 34, de 16 de março de 1846, a primeira lei de instrução primária da Província de São Paulo: “Art. 31º O governo estabelecerá na capital da Província uma escola normal de instrução primária [...]”⁷⁴ (SÃO PAULO, 1846).

⁷³ Escola Normal de São Paulo Atual: EE Caetano de Campos São Paulo – SP. Disponível em: <<http://www.crmariocovas.sp.gov.br>.

⁷⁴ Disponível em: <<https://www.al.sp.gov.br>.

Figura 10 – Escola Normal de São Paulo de 1846



Edifício contíguo à catedral da Sé.
 Fonte: Poliantéia⁷ comemorativa: 1846 - 1946;
 Primeiro centenário do ensino normal de São Paulo, s. d.
 Fonte: Caetanistas 78 (2011).⁷⁵

O curso recém-fundado tinha duração de dois anos e o seguinte currículo: Lógica, Gramática Geral e da Língua Nacional, Teoria e Prática da Aritmética, Noções Gerais de Geometria Prática, Caligrafia, Princípios da Doutrina e Religião do Estado, Os Métodos e Processos de Ensino (MONARCHA, 1999) e, entre 1846 e 1867, o primeiro e único professor foi o Dr. Manuel José Chaves.

Apesar de Manoel J. Chaves afirmar que ensinava os métodos especiais de ensino como o *singular*, o *mútuo* e o *simultâneo*, não foi isso que Diogo Pinto encontrou. De acordo com Monarcha (1997, p. 48), acontecia o seguinte:

“Todavia, o estado de coisas não corresponde às aspirações do inspetor geral: falta uma “ciência da pedagogia”; os estudantes são meros ouvintes livres; as lições não são de ciências e de método, mas mera vulgarização de alguns lugares-comuns; inexiste a dimensão prática de ensino; a função da Escola Normal é imprecisa. Perante esse quadro de insuficiências, diminui-se o potencial da instrução e da educação públicas, já que os professores são incapazes de traduzir às crianças a consciência do país e incentivar o amor à verdade e o senso da ordem, imprimindo um caráter cívico e nacionalista ao ensino. Enfim, são incapazes de formar um homem esclarecido.”

Entre 1851 e 1872, Diogo de Mendonça Pinto foi inspetor-geral da Instrução Pública da Província e integrante da comissão redatora do Código de

⁷⁵ Disponível em: <<http://caetanistas78.blogspot.com/>>.

Instrução Pública da Província de São Paulo em 1851 (MONARCHA, 1997). Pinto também foi diretor da primeira escola normal e era o responsável pelos professores públicos, estabelecimentos públicos e privados de instrução primária e secundária para meninos e meninas. Existiam as seguintes modalidades de ensino: escolas, ensino de matérias pertinentes à instrução primária; aulas, ensino de uma arte ou ciência pertencente à instrução secundária; seminários, internatos públicos; colégios, internatos particulares; e qualquer tipo e espécie de instrução.⁷⁶

Em 1864, houve uma proposta de uma reforma da instrução pública e um ensino mais ampliado foi aventado. Continuará sendo de dois anos, mas com dois professores. As aulas permaneceriam sendo de uma hora e meia e aconteceriam dois dias por semana, e os alunos fariam exercícios práticos nas escolas públicas da capital, sob orientação do professor da turma. Contudo, infelizmente, a reforma não foi implementada e a Escola Normal foi fechada pela Lei nº 6, de 10 de julho de 1867.⁷⁷

A escola passou por várias denominações, como Escola Normal, Escola Normal de São Paulo, Escola Normal da Capital, Escola Normal Secundária, Escola Normal Primária, Instituto Pedagógico, Instituto de Educação, Escola Caetano de Campos e outros. Suas instalações também mudaram várias vezes, bem como houve alterações em sua grade curricular. O primeiro local em que funcionou, um prédio ao lado da Catedral da Sé, não possuía condições físicas apropriadas. Da mesma forma, não tinha mobiliário e utensílios, como dicionários, modelos de caligrafia e instrumentos para trabalhos de Geometria prática. Tudo faltava no prédio que abrigava a escola normal, começando pelos regulamentos até material didático, e também mestres qualificados. Além disso, a escola não respondia às urgências sociais, culturais e políticas da época.⁷⁸

Após a saída de Diogo de Mendonça Pinto, em 1873, o Dr. Francisco Aurélio de Souza Carvalho foi nomeado inspetor da Instrução Pública na Província de São Paulo e ficou no cargo até 1885. A sua principal tarefa era implantar a Reforma da Instrução Pública pela Lei nº 9, de 22 de março de 1874. De acordo com a lei, a escola normal continuou sendo de dois anos e o ensino

⁷⁶ IBID, 1997, p-35 e 36.

⁷⁷ IBID, 1997.

⁷⁸ IBID, 1997.

primário era obrigatório para meninos de 7 a 14 anos e para as meninas de 7 a 11 anos.

Durante a década de 1870, o número de escolas diminuiu, e os alunos, no fim do ano, passavam por exames administrados por homens de “boa vontade”, “sob a presidência do respectivo inspetor literário” (PENTEADO, 1923, p. 333, apud MONARCHA, 1999, p. 85-86), para verificar o esforço e a capacidade dos professores e o adiantamento dos alunos examinados. Os candidatos a professor primário eram submetidos a exames realizados na Assembleia Provincial por uma comissão composta pelo presidente da Província e pelo inspetor-geral da Instrução. É possível observar que não havia nenhuma formação para esses professores e eram examinados por pessoas que também não tinham a formação adequada.

Após esses anos de estagnação, a reabertura da escola, atribuída ao instrutor da Instrução Pública, Dr. Souza Carvalho, aconteceu em 16 de fevereiro de 1875, na Sala dos Graus da Faculdade de Direito. “Naquela sala estão presentes as aspirações da época, condensadas em discursos que traduzem nostalgia do futuro” (MONARCHA, 1997, p. 94). Apesar de os professores precisarem ser admitidos por meio de concurso, os dois primeiros foram nomeados interinamente. A intenção implícita da Escola Normal era garantir a formação profissional e moral de professores da instrução primária.

Em 1876, foi instalada no andar térreo do Seminário de Nossa Senhora da Glória a seção feminina da Escola Normal, que funcionava em horário diverso da masculina, e os mesmos professores atendiam a parte masculina e feminina. Em 1877, é instituído o diretor, escolhido entre os professores já atuantes na escola. Em 1878, foi fechada novamente, pois não havia, na lei do orçamento provincial, previsão para os gastos de criação e manutenção da Escola Normal. As despesas eram pagas por meio de uma verba do orçamento denominada *despesas legislativas*. Durante o período em que funcionou, havia 124 alunos matriculados, mas somente 27 rapazes foram habilitados e, na seção feminina, houve 90 alunas matriculadas e apenas 17 habilitaram-se.

Em 2 de agosto de 1880, a Escola Normal foi reaberta, definitivamente, por um egresso da escola e presidente da Província, Dr. Laurindo Abelardo de Brito, de acordo com a Lei nº 130, de 25 de abril de 1880. Reabriu na Rua do Tesouro

e, em 1881, mudou-se para a Rua da Boa Morte, 39, e hoje está na Rua do Carmo. O Imperador D. Pedro II fez uma visita na época e, devido às condições precárias da instalação, classificou como “pardieiro” (MONARCHA, 1997, p. 112). Apesar das más condições do prédio da Escola Normal, estabilizou-se institucionalmente e até ganhou projeção no ambiente cultural da Província. Inclusive, em certos momentos, chegou a ofuscar a Faculdade de Direito e o Seminário Episcopal.

Na última reabertura, a Escola Normal continha um regimento próprio, sendo autônoma e tendo um grupo de professores. O professor precisava fazer um estudo especial e aprofundado sobre as matérias que iria lecionar. Era também a única instituição de ensino secundário para o sexo feminino e, originalmente, a organização didático-pedagógica era composta de cinco cadeiras: 1 – Gramática e Língua Nacional; 2 – Aritmética e Geometria; 3 – História e Geografia; 4 – Pedagogia e metodologia; 5 – Francês, Física e Química⁷⁹

Em 1884, o programa foi desdobrado em 6 cadeiras, adicionando Elementos de Cosmografia à cadeira 3. A cadeira 4 também foi modificada com a adição de Metodologia, Instrução Religiosa e Cívica, e a cadeira 5 tornou-se Noções de Física e Química. A cadeira 6, que foi adicionada, era Gramática e Língua Francesa. Em 1887, outras modificações ocorreram. As matérias de Caligrafia e Desenho foram adicionadas e o programa continha, então, 8 cadeiras. Entretanto, o corpo docente era formado por bacharéis em direito, engenheiros civis, médicos e farmacêuticos, que ministravam algumas matérias, e por um padre que regia a cadeira de Pedagogia, Metodologia e Religião, sendo que nenhum deles possuía formação pedagógica para lecionar.⁸⁰

A Escola Normal de São Paulo⁸¹, em 1888, era dirigida pelo cônego Manoel Vicente da Silva e, em abril do mesmo ano, um edital foi publicado para

⁷⁹ IBID, 1997.

⁸⁰ IBID, 1997.

⁸¹ A maioria das informações a seguir foi obtida do blog Caetano de Campos, de Wilma Schiesari-Iegris, paulista e residente em Paris, França. Ela foi professora de Português por mais de 25 anos em Paris e hoje é escritora, além de cuidar de seu blog. Estudou no Instituto de Educação Caetano de Campos, entre 1957 e 1968. No blog ela compartilha suas memórias da época em que estudou no Instituto de Educação e conta um pouco da história da escola.

Atualmente, pesquisar na internet é algo bem mais comum que há alguns anos (TOMAZI, 2013). É possível usar as páginas da internet como um local de pesquisa, mas ainda isso é visto com certa estranheza uma vez que os sites podem não ser muito duradouros e desaparecer depois de um tempo causando desconfiança em

cargos de professores para a Escola Normal. Durante o ano houve alguns episódios que fizeram dois professores pedir demissão depois de desentendimentos com o diretor. Em 8 de novembro de 1888, o jornal *A Província de São Paulo* publicou que o cônego Manoel Vicente recusava-se, pela terceira vez, a comparecer na presença do juiz para fazer um exame de sanidade.⁸²

Durante a direção da Escola Normal pelo cônego houve vários incidentes. Como já citado acima, dois professores pediram demissão em julho de 1888, devido a tumultos criados pelo diretor; em novembro, houve “irregularidades” cometidas pelo professor bacharel Carlos Lessa. O cônego, apesar de ser acusado de mal dirigir a Escola Normal, acusou três professores de “estragarem a inteligência dos alunos nas consciências e crescendo o espírito de discussão e amargura”.⁸³ Ainda, em novembro, um jornalista acusou-o de obrigar os alunos a lerem obras inúteis como *Grammatica Franceza*, *Postillas* e *A pedagogia e Methodologia*.

O cônego Manoel Vicente acusou o Dr. Carlos Lessa de casos libidinosos e escabrosos com algumas normalistas, acusando-o de sedutor e imoral ao tratar com as alunas, demitindo-o. Em um editorial publicado no blog *Caetano de Campos*, Wilma Schiesari-legris (2017) critica a instrução pública da época informando que

a reforma deveria limpar a Educação de certos vícios que vão contra os interesses do povo. Deveria ela ser descentralizada, obedecer a uma rigorosa fiscalização com a criação de conselhos municipais e superiores eletivos, propondo melhores salários aos professores, dividindo as escolas por categorias e criando taxas escolares, que foram suspensas pela saída de liberais e a entrada de conservadores no governo provincial.

Esses homens conservadores pediram mudanças da Reforma por considerar que elas eram anticonstitucionais, o que resultou na

quem os usa, devido à sua volatilidade. Há uma infinidade de sites e informações e o cuidado deve ser redobrado, sendo necessário certificar-se de que as informações são verdadeiras.

Nesta dissertação, as informações do blog de Wilma Schiesari-legris vão ser utilizadas. De acordo com Filipe Arnaldo Cezarinho (2018), esse material é chamado de documento primário digital, pois é somente encontrado na internet, não havendo nada impresso sobre este. Tal blog servirá como recurso de informação neste trabalho uma vez que conta a história da Escola Caetano de Campos via memória da autora. Além disso, haverá o acréscimo de alguns documentos dando veracidade ao relato aqui constituído.

⁸² Disponível em: <<https://acervo.estadao.com.br>>.

⁸³ Disponível em: <<https://ieccmemorias.wordpress.com>>.

criação de conselhos diretores subordinados aos interesses de partidos ou de seitas.⁸⁴

Em 1º de dezembro de 1888, o professor José Estácio Correia de Sá e Benevides assumiu interinamente a direção da Escola Normal e, em 13 de dezembro, o cônego Manoel Vicente voltou à direção.

Com a Proclamação da República em 1889, uma das maiores preocupações no Estado de São Paulo era o ensino público. Em 4 de janeiro de 1890, o jornal *O Estado de São Paulo* publicou o artigo “A Grande Reforma”⁸⁵ (p. 1), em que são enfatizados pontos importantes e necessários para a reforma:

Há uma outra reforma, importante, urgente, que deve ser feita nesse período de transformação – a da instrução pública. [...] [...] Ora, não serão os velhos mestres, formados na escola de abusos, de patronato, do cortesismo oficial que hão de desempenhar a nova missão. Transigindo tanto quanto possível com os direitos adquiridos, é fora de dúvida que a República precisa formar novos mestres. O ensino normal exige profunda reforma, e antes de tudo é necessário que seja formal, que tenha as condições de normal.

O artigo encerra dizendo que “[...] A reforma do ensino no Estado não deve ter nenhum fim eleitoral. [...] A escolha se é difícil não nos parece duvidosa. A República é uma organização do patriotismo”.

Além desse artigo, em 10 de janeiro de 1890, outro foi publicado, “Reforma Correlata”⁸⁶ (p. 1):

Hoje, mais do que nunca, a questão do ensino popular deve merecer sérios cuidados do Governo Provisório e os Governadores dos Estados. [...] Não, cumpre ter coragem, porque está provado serem produtivas as despesas com a instrução pública. [...] Em alguns Estados a compreensão e execução da grande reforma que emancipou a consciência nacional determinarão a reforma do ensino público como medida correlata. [...] Todo o aperfeiçoamento da instrução será impossível se não tivermos bons mestres, e estes só poderão sair de escolas normais organizadas em condições de prepará-los.

⁸⁴ Disponível em: <1888 – (c e d) – Medíocre administrador, desonesto, sedutor de batina, caluniador, produtor de documentos falsos sobre seus perseguidos: o cônego Manoel Vicente dirigiu a Escola Normal. | Caetano de Campos (wordpress.com).

⁸⁵ O Estado de São Paulo, 4 de janeiro de 1890. Disponível em: <https://acervo.estadao.com.br>.

⁸⁶ O Estado de São Paulo, 10 de janeiro de 1890. Disponível em: <https://acervo.estadao.com.br>.

O artigo reafirma a relevância da formação de professores e finaliza enfatizando a importância da reforma, repetindo o que já havia sido dito no artigo anterior: “[...] O que está fora de dúvida é que o serviço de instrução pública no Estado de São Paulo pede reforma e reforma profunda”.

Com o Governo Provisório, o Grêmio do Professorado Paulista solidarizou-se, e o plano previa, para o ensino secundário, uma escola normal para preparar os professores para lecionarem na escola primária e secundária. O plano não possuía uma justificativa ou fundamentação, mas representava o pensamento dos intelectuais da educação que estavam na disputa pelo campo educacional, incluindo aí a formação de professores, como parte do projeto republicano de nação, recém- instaurado.

2.4 MARCIA BROWN ANTES DA REFORMA CAETANO DE CAMPOS (1888-1890)

Enquanto isso, os jornais em Malden, de tempos em tempos, continuavam publicando notícias sobre Marcia Brown. Em 4 de maio de 1889, o jornal *Malden Mirror* publicou que uma amiga (não fornecem o nome) de Miss Brown, havia recebido uma carta, na qual Marcia Brown dizia estar bem de saúde e que se sentia contente em São Paulo. O jornal ainda escreveu que Brown foi enviada ao Brasil pela Sociedade Presbiteriana de Nova York, para ensinar às jovens o sistema americano de educação escolar, e que ela deveria ficar no Brasil por três anos, tempo de seu contrato. No dia 25 de maio (s.p), outro jornal, *Leavenworth Advocate*, publicou que ela estava em uma escola em São Paulo, em nome dos interesses da Missão Presbiteriana.

No mesmo ano, em 20 de julho, o jornal *City Express* (p. 1) publicou partes de uma carta que Marcia Brown enviou, contando o que estava fazendo no Brasil:

Parece difícil que se passaram dez meses desde que deixei Maplewood, mas é esse o caso. Nunca me arrependi de ter vindo ao Brasil. O campo aqui é amplo; a educação pública é controlada inteiramente pelos jesuítas. O governo estabeleceu escolas normais e tentou de várias maneiras melhorar as escolas. Mas,

tão grande é a preponderância da influência romana que nenhum resultado bom aconteceu. A escola onde estou está rapidamente se tornando uma potência no Império. Das 175 crianças inteiramente sob minha supervisão, não mais de 26 são protestantes. [...] Estou fazendo o possível para tornar o departamento da escola primária igual a Maplewood. Os professores que estou treinando ensinam nela; só faltam equipamentos para trabalhar, e eles estão sendo feitos aqui, ou são importados dos Estados Unidos. [...] Entre os jovens há um índio puro; mas nunca ensinei uma mente mais perspicaz e analítica. Ele é tímido e desconfiado, mas me trata com carinho, e me ajuda muito no livrinho de leitura que estou escrevendo em língua portuguesa. [...] Estou dando uma aula de latim, uma de geometria, uma de álgebra e uma de inglês. Nada disso é meu trabalho, mas estou feliz em fazer o que posso para ajudar a promover o interesse da escola até que mais professores cheguem.⁸⁷ (Tradução nossa)

Com essa carta, é possível saber um pouco mais sobre o período em que Marcia Brown passou no Brasil. Ela supervisionava 175 crianças, provavelmente como professora, enquanto formava outras alunas para serem professoras. Na carta, ela também comenta que dava algumas aulas, apesar de não ser esse o seu trabalho como forma de colaboração. Portanto, apesar de se ter algumas informações sobre o seu dia a dia, realmente não se sabe qual era sua ocupação na escola. Ela também menciona que a escola em que trabalhava estava se tornando “uma potência no Império”, e talvez estivesse se referindo à Escola Americana (mais tarde, Mackenzie).

Em contato com a *Presbyterian Historical Society*, foi possível conseguir três relatórios anuais (1889, 1890, 1891) sobre a Missão Presbiteriana no Brasil. O primeiro, de 1889, foi o *19º Relatório anual do Conselho de Mulheres das missões estrangeiras da Igreja Presbiteriana*, em Nova York. Tal conselho era uma corporação de mulheres da Igreja Presbiteriana Unida. Esse relatório publicou o seguinte sobre a vinda e trabalho de Marcia Brown no Brasil:

A nomeação da Srta. Marcia P. Browne de Malden, Mass. para a Escola de São Paulo, Brasil, nos traz mais uma vez em conexão com a obra missionária na América do Sul. Essa escola tornou-se familiar para nós por meio do Sr. e da Sra. Chamberlain, que muito identificam-se com a Missão, e também por meio da Srta. Kuhl, da sociedade de Filadélfia, que sempre nos apresentou suas necessidades durante o início do inverno. Foi fundada em 1882,

⁸⁷ Carta completa do jornal e transcrição em inglês encontram-se no Anexo E.

tem um departamento de internato e diurno e conta com cerca de 250 alunos. Eles são meninos e meninas. Cada um tem seu prédio, os meninos sob a supervisão de Dr. Lane, e as meninas com a senhorita Kuhl, que voltou ao Brasil em janeiro. Os deveres da Srta. Browne serão principalmente entre as meninas mais velhas, treinando-as como professoras.⁸⁸ [...] (Tradução nossa)

No relatório, quando se fala da nomeação de Marcia Brown para a Escola de São Paulo, refere-se à Escola Americana, pois Dr. H. Lane, que também é citado, era o seu diretor na época.

Em 4 de janeiro de 1890, o jornal *Mirror* (p. 5) publicou uma carta que Marcia Brown havia escrito em 2 de dezembro do ano anterior. Essa carta falava sobre o desenrolar da Proclamação da República e sobre os elogios que ela prestou ao povo brasileiro. A seguir algumas partes da carta:

Caro editor:

A maneira digna e pacífica como se operou uma mudança completa e radical no governo do Brasil é algo maravilhoso para um cidadão dos Estados Unidos que tomou consciência da amargura e das injúrias que costumam acompanhar a eleição de um presidente, um governador de um estado e, às vezes, um vereador de Malden. No dia 15 de novembro de 1889, sob as mãos magistras do General Deodoro da Fonseca, o Exército e os cidadãos da capital proclamam o fim da monarquia e o nascimento da República. Não há insurreição, nem turba, nem queima do imperador ou de qualquer membro da família real em efígie e, com uma única exceção, não há derramamento de sangue.⁸⁹ (Tradução nossa)

Mais adiante ela continua: “Contra o imperador, a quem os brasileiros sempre amaram, desde criança com seis anos que lhe foi confiado aos cuidados,

⁸⁸ “The appointment of Miss Marcia P. Browne of Malden, Mass. to the São Paulo School, Brazil, brings us once more into connection with the Mission work in South America. This school has become familiar to us through Mr. and Mrs. Chamberlain, who are so identified with the Mission, and also through Miss Kuhl of the Philadelphia society, who has brought its needs so often before us during the early Winter. It was established in 1882, it has a boarding and day department, and numbers some two hundred and fifty pupils. They are boys and girls. Each has their own building, the boys under the supervision of Dr. Lane, and the girls with Miss Kuhl, who returned to Brazil in January. Miss Browne’s duties will be principally among the older girls, training them as teachers. [...]” Nineteenth Annual Report of the Women’s Board of Foreign Missions of the Presbyterian Church. (Anexo F)

⁸⁹ “Dear Editor:

The dignified and pacific way in which a complete and radical change has been brought about in the government of Brazil, is something marvelous to a citizen of the United States who has taken cognizance of the bitterness and vituperation that often attend the election of a president, a governor of a state, and sometimes a Malden Alderman.

The 15th of Nov, 1889, under the masterly hand of Gen. Deodoro da Fonseca, the army and citizens at the capital proclaim the end of the monarchy and the birth of the Republic. There is no insurrection, no mob, no burning of the emperor or any of the royal family in effigy, and, with a single exception, no bloodshed.” (Parte da carta, em inglês, encontra-se no Anexo G)

só se lamenta que ele não pudesse ter morrido como viveu por quase 50 anos, imperador do Brasil. Mas as exigências do governo eram tais que ele não podia.”⁹⁰ (Tradução nossa).

Brown segue descrevendo a saída de D. Pedro II e sua família e a tristeza do imperador. Continua escrevendo, que ele não queria sair à noite, pois dizia que não era fugitivo, mas explicaram que seria melhor para todos e cita que: “Ele e a imperatriz foram conduzidos em carruagem fechada à lancha a vapor que os transportou até o navio Alagoas. A princesa e outros membros da família foram a pé”⁹¹ (Tradução nossa). Marcia Brown encerra a carta com os seguintes dizeres: “Assim a última monarquia do hemisfério ocidental terminou, e um país de área quase igual à dos Estados Unidos tem a oportunidade de estabelecer um governo com a base mais ampla para escolher”.⁹² (Tradução nossa).

Brown participou, de alguma forma, de dois acontecimentos muito importantes no desenvolvimento do Brasil como República. Chegou logo após a Abolição da Escravatura, que aconteceu em 13 de maio de 1888, e da Proclamação da República em 1889, que mudou em alguns aspectos o futuro do Brasil. Por meio de sua carta, é possível observar que ela estava atenta às manifestações que aconteciam no país, apesar de não ter o conhecimento político dos desdobramentos que levaram à Proclamação da República.

Em 24 de janeiro de 1890, ela escreveu mais uma carta que foi publicada no jornal *City Press*, em 15 de março (p. 3), conforme segue:

Considero um grande privilégio estar no Brasil nestes dias em que está fazendo história tão rapidamente, e só lamento não poder falar sua língua com a mesma facilidade com que falo a minha. Brasileiros são ótimos admiradores de nosso país e suas instituições, e em sua reconstrução que está acontecendo aqui política e socialmente, estão copiando muito mais amplamente de nós do que de outras repúblicas da América do Sul ou França, embora a influência francesa seja muito forte.⁹³ (Tradução nossa)

⁹⁰ “Against the Emperor, whom the Brazilians have always loved since a child of six years he was confided to their care, one hears only regrets that he could not have died as he had lived for nearly fifty years, Emperor of Brazil. But the exigencies of the government were such that he could not.”

⁹¹ “He and the empress were taken in a close carriage to the steam launch, which conveyed them to the ship Alagoas. The princess and other members of the family walked.”

⁹² “Thus has passed away the last monarchy of the western hemisphere, and a country of nearly equal area to the United States has the opportunity to establish a government on as broad a basis as it chooses.”

⁹³ “I count it a great privilege to be in Brazil in these days when she is making history so rapidly, and only regret that I cannot speak her language with the same facility that I can my own. Brazilians are great admirers of our country and her institutions, and in the re-construction that is going on here politically and socially they

Por meio de suas cartas, é possível saber sobre alguns acontecimentos no Brasil sob o olhar de uma estrangeira e também perceber o quanto ela gostava do Brasil e se interessava pelo país. Entre essa carta e a próxima, escrita em 1893, que será mencionada mais adiante, não se sabe muito sobre o que Marcia Brown estava fazendo em São Paulo, além do que é publicado nos relatórios anuais da Missão Estrangeira da Igreja Presbiteriana.

Em 1890, foi escrito o *20º Relatório anual do Conselho de Mulheres das missões estrangeiras da Igreja Presbiteriana*, em Nova York, onde se encontrou o seguinte:

Em São Paulo, a Srta. Browne continua encarregada da turma de treinamento da escola normal do internato feminino. Ao término do curso, que tem duração de três anos, essas meninas deverão ocupar cargos de professoras, sendo sempre dada preferência às escolas responsáveis pela Missão. A presente turma tem 15 alunas⁹⁴ (Tradução nossa).

Um pouco antes de Marcia Brown ser “emprestada” para o governo de São Paulo para ajudar na Reforma da Escola Normal, Horace Lane escreveu uma carta para os Estados Unidos, em 26 de maio de 1890, e, pelo teor dessa carta, ele estava respondendo a um questionamento da Missão Presbiteriana. Não foi possível entender o nome da pessoa, pois a cópia obtida não tinha muita clareza. O título da carta era *A aptidão de Miss Brown para trabalhar*. Seguem abaixo algumas partes do escrito:

Lamento que a questão da aptidão da Srta. Brown para trabalhar em uma escola missionária presbiteriana tenha surgido em Nova York. Sempre achei que os secretários estavam muito sobrecarregados com assuntos de caráter mais amplo e geral para se preocuparem com as questões pessoais, que infelizmente parecem ser inevitáveis na Missão; portanto, sempre me refiro a assuntos pessoais com grande relutância. A Srta. Brown era simplesmente uma funcionária da escola, obtida por meio de uma agência de professores em Boston e não deveria ser confundida com assuntos da Missão. Ela é membro da Igreja Congregacional de Rutland, Vt. Eu acredito, uma mulher de natureza profundamente devocional e religiosa, mas que infelizmente

are copying much more largely from us than from other S. American republics or France, though the French influence is pretty strong.”

⁹⁴ “At São Paulo, Miss Browne is still in charge of the normal training class in the girls' boarding school. At the expiration of the course, which covers three years, these girls are expected to take positions as teachers, a preference always being given to those schools in charge of the Mission. The present class numbers 15.” [...] Twentieth Annual Report of the Women's Board of Foreign Missions of the Presbyterian Church. Anexo H.

entrou em teosofias espiritualistas e outros “ismos” prevalecentes na vizinhança de Boston, onde viveu e lecionou nos últimos 20 anos. De modo que ela é uma espécie de espiritualista unitarista – que defende os pontos de vista de Tolstoi, Emerson etc. e tem alguns pontos de vista muito originais, que não resistiriam ao teste presbiteriano. Desde o início, um forte antagonismo se manifestou entre a Srta. Brown e a Srta. Kuhl – acho que se não fosse por isso, as visões peculiares da Srta. B. teriam sido deixadas em segundo plano e poderíamos ter tido o benefício de sua grande experiência e indubitável habilidade no trabalho da escola primária. Uma mulher de tremenda energia e força de caráter. Ela se rebelou contra o que chamou de sentimentalismo anticristão da escola das meninas, encarregou-se de muitas mulheres da classe normal, enquanto a Srta. Kuhl tinha controle total do resto do estabelecimento. Acredito que ambas as mulheres pretendiam fazer exatamente o que era certo, mas elas se sentiam desconfortáveis uma com a outra, e a brecha aumentou. Os pontos de vista peculiares da Srta. Brown começaram a se destacar em alto-relevo, evidenciado pelo antagonismo entre as duas. Temi sua influência sobre as jovens. O que devo fazer? Conversei muitas vezes sobre o assunto com o Sr. Kolb e com nosso pastor aqui. Ambos pensaram que eu deveria me livrar da Srta. Brown. Como fazer e ser justo com ela? Eu senti que muito de sua teoria da filosofia era pura bravata para colocar em relevo os esforços fracos da Srta. Kuhl e, assim, desmoralizá-la – ainda estou convencido disso. [...] A Srta. Kuhl é uma missionária com muitos anos de serviço, uma mulher cristã devota que lutou a luta nobremente desde os pequenos começos – uma mulher de profunda espiritualidade; uma serva dedicada ao Mestre. [...] O problema estava aumentando. [...] Fui consultado pelo governo a respeito de cuidar da reorganização das Escolas Normais, o que, naturalmente, estava totalmente fora de questão. Parece-me uma oportunidade para a Srta. Brown sair [...]. Garanto para ela uma boa posição como chefe do departamento de treinamento da Escola Normal em conexão com uma Srta. Andrade que passou algum tempo em Nova York e poderia complementar o pobre português da Srta. Brown. A senhorita Andrade foi minha aluna em 1859 e veio do Rio a meu convite e agora está engajada com a Srta. Brown no trabalho aludido. Teria sido crueldade colocar a Srta. Brown nesse trabalho, muito mais difícil do que ela reconhece, sozinha; e se não fosse pela Srta. Andrade eu não o teria feito, e deveria ter a próxima pergunta sobre como reconciliar as duas mulheres, Miss Kuhl e Miss Brown, ambas valiosas à sua maneira.⁹⁵ (Tradução nossa).

O Sr. Lane continuou a carta tratando de outros assuntos referentes à Missão Presbiteriana no Brasil. O que se percebe novamente é que Miss Brown veio ao Brasil como professora para dar aulas; primeiramente na Escola

⁹⁵ A carta integral, em inglês, encontra-se no Anexo I.

Americana e, só depois, por incompatibilidade de ideias com outra colega e com a própria doutrina presbiteriana, foi indicada para ajudar na Reforma da Escola Normal de São Paulo. Essa foi uma forma de resolver a querela com a outra professora de forma justa para Miss Brown, já que a Reforma da Escola Normal se constituía como outro espaço de atuação à sua altura, segundo Horace Lane. É importante enfatizar aqui que a vinda de Miss Brown pode ter sido facilitada por pertencer à Missão Presbiteriana. Vir por meio da Missão teria sido uma saída, uma vez que a República recém-formada não tinha ainda condições financeiras de trazer especialistas para as escolas.

2.5 A REFORMA CAETANO DE CAMPOS E A PARTICIPAÇÃO DE MARCIA BROWN

Rangel Pestana havia se comprometido com Prudente de Moraes, governador do Estado de São Paulo, de indicar alguém competente para assumir a direção da Escola Normal, pois continuava na função de redator do capítulo sobre a Instrução Pública e de orientador da reforma da educação paulista. Assim, o Dr. Antonio Caetano de Campos foi convidado e, em 13 de janeiro de 1890, Campos foi nomeado diretor da Escola de São Paulo e sua “incumbência era reformá-la, como primeiro passo da Reforma Geral da Instrução Pública do Estado de São Paulo”⁹⁶ (REIS FILHO, 1981, p. 35).

⁹⁶ A Educação e a Ilusão Liberal. Casemiro dos Reis Filho, 1981, p. 35.

Figura 11 – Escola Normal de São Paulo na Rua da Boa Morte, depois estabelecida na Rua do Carmo



Fonte: Portfólio Acadêmico Digital – Gracielle Mendes Abuchaim.⁹⁷

O Decreto nº 27, do Estado de São Paulo, de 12 de março de 1890, reformou a Escola Normal e converteu em escolas-modelo as escolas anexas. Algumas provisões do decreto estabeleceram que matérias deveriam fazer parte do currículo e também determinaram que o ensino seria gratuito para ambos os sexos, tendo a duração de três anos. Da mesma forma, determinaram que as escolas anexas seriam duas escolas-modelo, uma para cada sexo, para os alunos do terceiro ano praticarem na regência das cadeiras. Esse mesmo decreto afirmou na terceira diretriz: “Considerando que sem professores bem preparados, praticamente instruídos nos modernos processos pedagógicos e com cabedal científico adequado às necessidades da vida atual, o ensino não pode ser regenerador e eficaz”⁹⁸. Portanto, evidencia-se que a reforma do programa da Escola Normal de São Paulo vinha antes de qualquer reforma geral do ensino, pois seria com ela que os professores seriam preparados para o ensino primário.

Em 30 de março de 1890⁹⁹, Caetano de Campos enviou uma carta ao *O Estado de São Paulo* (p. 1, Anexo J), com o intuito de esclarecer vários pontos da reforma que vinham sendo “deturpados em seus fins ou mal compreendidos em seu conjunto [...]”. Na carta, Campos (1890, p.1) argumenta:

⁹⁷ Disponível em: <<https://graciellimendes.blogspot.com/>>.

⁹⁸ Decreto Nº 27 de 12 de março de 1890 (SP). Disponível em: <<https://www.al.sp.gov.br>>.

⁹⁹ Escola Normal. O Estado de São Paulo, 30 de março de 1890. Disponível em: <<https://acervo.estadao.com.br>>. (Carta completa encontra-se no Anexo J).

Compreende-se facilmente que um tal país ocupado por homens empreendedores, com espírito de iniciativa e sabendo o que a terra pode dar, não teria ficado tanto tempo no estado em que se acha – Essa iniciativa, essa energia para conquistar o desconhecido, esse desejo de alargar esses horizontes tanto da posse física como da posse moral, o brasileiro os teria manifestado se outra fosse sua educação.

Disso culpei eu sempre os governos do nosso país, e foi por reiteradamente manifestado esse meu modo de pensar que hoje me acho no lugar de diretor da Escola Normal.

É da escola, é do ensino primário, dos métodos bem entendidos e bem ensinados que pode sair o cérebro adaptado à conquista da verdade.

Mais adiante, ele menciona Pestalozzi:

Os da nossa geração tiveram a felicidade de vir depois de Pestalozzi. O que fez esse sublime reformador do ensino, ajudado pelo mais vigoroso espírito pela mais luminosa clarividência, é a obra tão grandiosa que para dar-lhe a medida basta dizer que todas as nações cultas deixaram-se seduzir por ela.

Uma reforma social, que no século 19 avassala todas as inteligências e todos os corações, desde os mais notáveis estadistas e soberanos até o mais humilde operário, desde os filósofos mais eminentes, até o mais desconhecido escrevinhador de aldeia, e em menos de meio século infiltra-se em toda a parte, e tanto mais profundamente quanto mais civilizado é o país, é mais do que uma reforma, é uma revolução. (CAMPOS, 30 de março de 1890, p. 1)

Campos insiste na importância de haver mestres bem treinados e ensinados:

[...] Como estamos longe da pedagogia ensinada até hoje na Escola Normal! Como estamos longe da compreensão do verdadeiro papel do mestre escola.

No entanto, não pode haver ensino primário sem o professor educado na arte de ensinar, e não pode haver ensino produtivo sem a adoção dos métodos que estão transformando agora em toda a parte o destino das sociedades.

É para melhorar o ensino que se reforma atualmente a Escola Normal, e não se poderá reformar toda a instrução pública no Estado sem possuir o professor preparado para instituir novos processos escolares. (1890, p. 1)

Ele comenta ainda como Prudente de Moraes estava ansioso para que tal reforma acontecesse imediatamente e que o decreto tinha sido promulgado baseado nos estudos de Rangel Pestana. Discorre também sobre o treinamento

dos professores: “Para aperfeiçoar o candidato ao professorado e fazê-lo senhor desse método, só um recurso se deparava: era o de mandar vir do estrangeiro mestres hábeis nessa especialidade” (CAMPOS, 1890, p. 1).

Campos continua expondo o que outros países fizeram para melhorar o sistema de educação: “Assim procederam os Estados Unidos aceitando mestres que lhes vieram da Alemanha onde já Pestalozzi e Froebel haviam implantado o seu modo de ver”.¹⁰⁰ Relata que a Argentina já havia implantado os novos métodos e informa também que o governo de São Paulo havia conseguido contratar professoras formadas nos Estados Unidos. Afirma que o estudo dos métodos, suas modificações e adaptações ao meio em que se vive, os livros e os meios empregados iam ser exibidos pela primeira vez em uma escola pública brasileira por professores notáveis e em razão de um grande esforço que o governador havia conseguido obter.

Explica ainda que os livros e materiais estavam a caminho, vindo dos Estados Unidos, e que a Escola Normal seria instalada em um amplo e moderno prédio. Por fim, encerra da seguinte maneira: “É tal a consciência da força que o ensino bem dirigido traz às sociedades modernas, que hoje se percebe claramente que só ele produz a conquista de todas as liberdades”.¹⁰¹

Assim, no primeiro trimestre de 1890, a Escola Normal passou por reformas e informava-se que as aulas teriam início em 31 de março. Em julho iniciaram os trabalhos nas duas escolas-modelo que funcionavam em um prédio contíguo à Igreja do Carmo. Quanto a isso, foi publicado na época:

Os trabalhos começaram às 11 em ponto da manhã, na escola do sexo masculino de que é diretora Miss Browne, professora norte-americana contratada pelo Governo para realizar o ensino intuitivo adotado como o melhor em todas as nações cultas e generalizado com extraordinário resultado, principalmente nos EUA.

Foram desempenhados, merecendo os justos aplausos de todos os assistentes, os primeiros exercícios da lição das coisas, que versaram sobre cores, números, solfejo, ginástica, leitura e canto coral, tudo isso auxiliado por objetos apropriados que falam à associação de ideias nas crianças (...)

Foram repetidos os mesmos trabalhos na Escola Modelo do sexo feminino, dirigido pela senhora dona Maria de Andrade, professora brasileira que tem o seu curso feito nos EUA.

¹⁰⁰ IBIDEM, 1890, p.1

¹⁰¹ IBIDEM, 1890, p.1

O Dr. Governador e os demais assistentes puderam verificar a vantagem do ensino intuitivo, hoje obrigado pela reforma importantíssima do Dr. Prudente de Moraes, e foram todos unânimes em louvar as distintas professoras e em congratular-se com o Dr. Caetano de Campos, ilustrado Diretor da Escola Normal e, cuja provada competência está entregue, por assim dizer, o futuro deste Estado.¹⁰² (OESP – *O Estado de São Paulo*, 12/07/1890)

Em 17 de outubro de 1890, foi lançada a pedra fundamental da nova Escola Normal. Houve uma celebração e, além do presidente da República, o Sr. Prudente de Moraes, governador da Província, o secretário do governo, Antonio Mercado, e o diretor da Escola Normal, Antonio Caetano de Campos, vieram em bondes especiais e acompanhados por bandas de música.

O Decreto nº 91, de 13 de novembro de 1890¹⁰³, para a construção do novo prédio da Escola Normal, foi publicado em *O Estado de São Paulo* (18/10/1890, s.p.). Abaixo, seguem algumas partes do projeto¹⁰⁴:

Decreto do Governador de São Paulo sobre a construção da nova Escola Normal com o produto da loteria anteriormente destinado à nova catedral. [...]

Considerando que a instrução pública bem dirigida e eficaz é elemento de progresso, e que de todos os fatores da instrução popular o mais poderoso e indispensável é a educação primária, largamente difundida e convenientemente ministrada;

Considerando que, sem professores bem preparados, praticantes instruídos nos modernos processos pedagógicos, e com um cabedal científico às necessidades da vida atual, o ensino não pode ser eficaz e regenerador;

Considerando-se que a Escola Normal do Estado é o estabelecimento profissional destinado a dar aos candidatos à carreira do magistério primário.

[...]

Considerando que a escola Normal e as Escolas Modelo [...] não poderão preencher convenientemente seus fins, enquanto não forem instaladas em edifício apropriado, [...] ficando então incompleta a reforma; [...] Considerando, finalmente, que a municipalidade da capital compenetrada dessa urgente necessidade, cedendo ao governo uma parte do Largo da República para a construção de um edifício com aquele destino. (OESP, 18/10/1890, s.p.)

¹⁰² Disponível em: <<https://ieccmemorias.wordpress.com>>.

¹⁰³ Decreto nº 91, de 13 de novembro de 1890. Disponível em: <<https://www.al.sp.gov.br>>.

¹⁰⁴ Disponível em: <<https://ieccmemorias.wordpress.com>>.

A quantia de 2 mil contos foi destinada à construção da Escola Normal e das escolas-modelo. De acordo com Reis Filho (1981, p. 44), a escola-modelo, anexa à Escola Normal, “é a base de toda reforma da Instrução Pública Paulista, nos primeiros anos da República”. Esta foi dedicada à prática do ensino para os alunos do terceiro ano, porém não havia mudanças substanciais no curso Normal, com exceção do maior número de disciplinas e a retirada do Francês. As aulas continuaram sendo dadas da mesma maneira de antes da reforma.

A busca de Caetano de Campos por professores especializados para implementar o programa não se fez sem dificuldades e o levou a duas especialistas na pedagogia americana. É nesse momento que duas mulheres entram no cenário: Maria Guilhermina Loureiro de Andrade e Marcia Priscilla Brown, a última objeto de estudo desta pesquisa. Em 20 de março de 1890, Caetano de Campos já havia entrado em contato com as duas professoras, de acordo com carta enviada a Rangel Pestana, que vem a seguir:

Depois de uma luta que talvez lhe possa contar um dia, descobri por intermédio de Dr. Lane, da Escola Americana – a quem ficarei eternamente grato, pelo muito que se tem interessado pelo êxito da nossa reforma – uma mulher que mora aí no Rio, adoentada, desconhecida, e que esteve quatro anos estudando nos Estados Unidos. É uma professora, diz o Lane, como não há segunda no Brasil e como não há melhor na América do Norte. Estudou lá, sabe todos os segredos do método, escreve compêndios, sabe grego, latim, em suma é a *avis-rara* que eu buscava. Escrevi-lhe. Mostrou-se boa alma, com grande família a sustentar e não podendo vir para cá senão com 500\$000 mensais. No mais, muito entusiasmada pela reforma. Consegui do Prudente o contrato. Aqui começa o Prudente a brilhar. Confesso que estou cativo dele. Como vê, não é sem razão. A mulher do Rio (D. Maria Guilhermina Loureiro de Andrade) vem, pois, reger a aula de meninas da escola-modelo. Chegará aqui antes do fim do mês. Faltava-me, porém, um homem para os meninos, e isto é que é absolutamente impossível. Nova luta e peripécias para mim. Achei, por fim, não um homem, mas uma mulher-homem. Eis sua fé de ofício: Miss Browne, 45 anos, solteira, sem parentes nem aderentes, sem medo dos homens, falando ainda mal o português, ex-diretora de uma Escola Normal de senhoras em Saint Louis (Massachusetts) possuidora de 250 contos, ensinando crianças por prazer e vocação (...) e, finalmente trabalhando como dois homens, diz ela, quando o ensino o necessita. Tinha vindo para São Paulo, contratada pela Escola Americana, que m'a concede cinco dias por semana, para ajudar-me a realizar a reforma, que ficaria impossível sem ela. (CAMPOS, 1891 apud REIS FILHO, 1981, p. 48)

Em 1891, Caetano de Campos enviou um relatório ao governador e escreveu sobre a reforma do programa da Escola Normal de São Paulo:

Novas cadeiras foram criadas. Às matemáticas juntou-se o estudo da álgebra e escrituração mercantil; às ciências físico-químicas adicionaram-se as ciências biológicas; o estudo da língua materna foi ampliado; e a parte artística profundamente modificada no estudo do desenho, foi alargada com a cadeira de música (solfejo e canto escolar); a educação física foi criada com as aulas de calistenia, ginástica e exercícios militares; finalmente a geografia foi separada da cadeira de história, para maior latitude do ensino; e as ciências sociais contempladas com o acréscimo da cadeira de economia política e educação cívica, na qual se dão noções de direito e administração. (CAMPOS, 1891 apud REIS FILHO, 1981, p. 42).

Ainda no relatório de 1891, Caetano de Campos mostrava-se muito entusiasmado com a escola-modelo conforme trecho abaixo:

Esta preciosa instituição vai ser o coração do Estado. É do cultivo dado à infância, da sua direção nos primeiros anos, que advirá a formação do caráter e da mentalidade da geração que nos há de suceder. Todo o nosso zelo está empenhado em que o nome da Escola-Modelo, dado mais ao tipo de ensino que à aparência material do edifício, seja uma realidade. Não podíamos ser mais felizes nesse empenho do que fomos com a obtenção das duas dignas Diretoras dessas escolas. (CAMPOS, 1891 apud REIS FILHO, 1981, p. 47)

A Escola Modelo do Carmo foi a primeira escola-modelo – fundada em 7 de julho de 1890, iniciando suas atividades em 1º de setembro do mesmo ano. Miss Marcia Brown assumiu a direção a partir da inauguração até 1894¹⁰⁵, quando Oscar Thompson a substituiu.

De acordo com o site do portal do governo de São Paulo, a história da Escola Normal de São Paulo, atualmente Escola Estadual Caetano de Campos, refere-se às escolas-modelo:

[...] as escolas-modelo foram concebidas nos moldes de um ensino primário de longa duração, integral, graduado, e conforme as ideias de Pestalozzi acerca dos processos intuitivos de ensino.

¹⁰⁵ De acordo com o site Caetano Campos: A escola que mudou o Brasil, Marcia Brown foi diretora da Escola Modelo do Carmo de 1890 a 1894. Disponível em: | CAETANO DE CAMPOS. <www.caetanodecampos.com.br.

A escola preliminar anexa à escola Normal, que funcionou primitivamente em compartimentos contíguos à Igreja do Carmo, converteu-se em escola-modelo.¹⁰⁶ (ESCOLA NORMAL DE SÃO PAULO, 1846)

Sob a direção de Marcia Brown, a Escola Modelo do Carmo, após a morte de Caetano de Campos, adquiriu uma certa autonomia assim como as ideias e práticas pedagógicas de Miss Brown, que foram convincentes e duradouras, influenciando o ensino da Escola Normal. Por fim, em 1891, Miss Brown já estava trabalhando nas escolas-modelo e o último relatório das Missões da Igreja Presbiteriana traz uma pequena informação sobre Marcia Brown: “A Srta. Marcia Brown deixou São Paulo¹⁰⁷ para ensinar em uma escola do governo”¹⁰⁸ (Tradução nossa).

As outras escolas que eram anexas à Escola Normal transformaram-se em escolas-modelo sob a direção do Dr. Caetano de Campos. Mais tarde, o restante da reforma estendeu-se para todo o ensino público do Estado, de acordo com a Lei nº 88, de 8 de setembro de 1892, que estabeleceu o seguinte:

Artigo 6º. § unico. - No regulamento que fôr expedido para execução desta lei, serão minuciosamente éspecificadas em programmas as materias que constituem o ensino, e sua distribuição, conforme o desenvolvimento intellectual dos alumnos, observando-se com rigor os principios do methodo intuitivo. (LEI N. 88, DE 8 DE SETEMBRO DE 1892)

Essa nova metodologia espalhou-se pelas escolas públicas primárias do Estado, tornando-se uma referência pedagógica. A escola-modelo anexa à Escola Normal da Capital foi muito importante para toda a educação paulista, como pode ser visto no regimento interno de 1894, que estabelecia que todos os professores deviam frequentá-la e aplicar o que aprenderam nas suas escolas. As *Lições de coisas*, de Norman A. Calkins, que foram traduzidas por Rui Barbosa em 1886, baseadas no método intuitivo, eram as sugeridas para se aplicar no ensino. A implementação dos trabalhos, no entanto, não parece ter seguido exatamente o plano inicial, como pode ser visto a seguir:

¹⁰⁶ Disponível em: <<http://www.escoladeformacao.sp.gov.br>>.

¹⁰⁷ Marcia Brown já estava em São Paulo. Deve ter sido um erro de impressão.

¹⁰⁸ São Paulo: Miss Marcia Brown has left Sao Paulo to teach in a government School. Twenty First Annual Report of the Women's Board of Foreign Missions of the Presbyterian Church.

No Anuário do Ensino de 1907/1908, consta que, no início, em virtude da dificuldade com a nossa língua, Miss Browne, que iniciou suas funções em 7 de julho de 1890, ficou encarregada da “parte propriamente técnica e prática”, enquanto a professora Maria Guilhermina se encarregou da parte administrativa dessa escola. Em março de 1892, Miss Browne pôde assumir também a parte administrativa.¹⁰⁹

Em 3 de maio de 1893, houve a instalação do Conselho Superior de Instrução, de acordo com publicação do jornal *Correio Paulistano* de 5 de maio de 1893. Várias autoridades estiveram presentes, inclusive Marcia Brown, diretora da escola-modelo.

A Lei Ordinária nº 169 para o Conselho Superior de Instrução foi decretada em 7 de agosto de 1893 e instituiu os seguintes sete membros:

- 1.º- O secretario do Interior;
 - 2.º- O director geral;
 - 3.º- O director da Escola Normal da capital;
 - 4.º- O director da Escola Modelo annexa à Escola Normal da Capital
 - 5.º- Um professor eleito pelos professores primarios;
 - 6.º- Dous delegados das municipalidades;
 - 7.º- Um professor eleito pelo corpo docente dos gymnasios.
- Parágrafo Único. O secretario do Interior será o presidente do Conselho e o director geral o vice-presidente.¹¹⁰

De acordo com o quarto item da lei, provavelmente, Marcia Brown fez parte desse conselho como diretora da escola-modelo. Nesse mesmo ano (1893), houve a *Feira Mundial de Chicago* e o Brasil participou enviando algumas autoridades – Marcia Brown também esteve presente. A feira comemorou os 400 anos do descobrimento do continente por Cristóvão Colombo e era um incentivo à cidade de Chicago que havia sido completamente destruída por um incêndio, em 1871. Foi importante para o Brasil também, pois o pavilhão foi elaborado por um arquiteto brasileiro, Francisco Marcelino de Souza Aguiar. Na cúpula do prédio havia muitas bandeiras brasileiras representando o espírito republicano do momento.

¹⁰⁹ Disponível em: <<https://ieccmemorias.wordpress.com/>>.

¹¹⁰ Disponível em: <[Lei Ordinária 169 1893 de São Paulo SP \(leisestaduais.com.br\)](http://leisestaduais.com.br)>.

Figura 12 – Pavilhão brasileiro na *World's Fair* de 1893, em Chicago



Fonte: Exposição Universal de 1893, Wikipedia.¹¹¹

O jornal *Malden Evening News*, datado em 21 de setembro de 1893 (p. 1, 3), registrou a saída de Marcia Brown do Brasil em 26 de junho e sua chegada aos Estados Unidos em 25 de julho. A reportagem aborda, de modo amplo, o trabalho que a professora faria no evento. Na matéria, o jornal informa que ela deveria voltar ao Brasil em fevereiro e que fazia parte do Conselho Estadual Escolar, ressaltando sua importância no referido país. Apresenta uma entrevista com a professora, com o intuito de dar visibilidade às ações que vinha desenvolvendo no campo educacional brasileiro.

Na entrevista, o jornal ressalta que Miss Brown já estava fora por cinco anos e que se fazia presente naquele momento nos Estados Unidos por pedido expresso do governo brasileiro. Ela deveria visitar e examinar a exibição dos sistemas escolares dos Estados Unidos, Alemanha, França e Portugal. O propósito era para o Brasil preparar o seu sistema escolar no Rio de Janeiro e São Paulo a fim de se tornar um dos melhores do mundo. O jornal afirma ser Miss Brown a primeira e única mulher no Conselho de Educação e diretora da escola-modelo em São Paulo.

Seguem algumas partes da entrevista:

¹¹¹ Disponível em: <<https://pt.wikipedia.org/>>.

O objetivo do governo brasileiro ao designar a Srta. Brown para este trabalho é preparar um sistema de escolas na cidade de São Paulo, que não será superado por ninguém no mundo, exceto este país.

A Srta. Brown está bem preparada para este trabalho, e é membro do Conselho de Educação do estado de São Paulo. Esse conselho é composto por cinco, e ela tem a distinção de ser a única mulher que já esteve no comitê.¹¹² (*Malden Evening News*, datado em 21 de setembro de 1893, p. 1, 3) (Tradução nossa)

Continuando, Marcia Brown fala de seu entusiasmo com a jovem República do Brasil: “Tenho fé o suficiente no Brasil para afirmar que antes que muitas gerações passem e o país estará a par da república no norte. Espero ver apenas duas bandeiras no continente ocidental, as estrelas e as listras, e a verde e amarela.”¹¹³ (*Malden Evening News*, datado em 21 de setembro de 1893, p. 1 -3 - tradução nossa). Ao terminar seu depoimento ela enuncia: “Você pode dizer a meu respeito que terei completado meu tour do sistema escolar daqui seis meses e espero estar de volta o mais tardar em meados de fevereiro de 1894¹¹⁴ (*Malden Evening News*, datado em 21 de setembro de 1893, p. 1, 3 (tradução nossa). Porém, infelizmente nada foi achado em livros ou jornais da época, no Brasil, sobre a ida de Brown aos Estados Unidos como representante do Brasil para a *Feira Mundial de Chicago*. Relata-se aqui somente o que foi encontrado no jornal americano.

A Escola Normal continuou no mesmo endereço da Rua da Boa Morte e permaneceu lá até 1894, quando o novo prédio na Praça da República foi inaugurado em 2 de agosto daquele ano. Infelizmente, Caetano de Campos não conseguiu ver seu sonho realizado, pois em 12 de outubro de 1891 ele faleceu de problemas cardíacos. A idealização da Escola Normal da Praça da República foi incluída como parte do discurso de Bernardino de Campos, então governador do Estado de São Paulo: “Encontra-se essa ideia consignada em lei, pela vez primeira de 16 de março de 1846. [...] Em 1890, por decreto de Prudente de

¹¹² “The purpose of the Brazilian government in detailing Miss Brown for this work is to prepare a system of schools in the city of San Paulo, which shall be excelled by none in the world save this country. Miss Brown is well fitted for this work, and is a member of the board of education of the state of San Paulo. This board is composed of five, and she enjoys the distinction of being the only lady, that has ever been on the committee.”

¹¹³ “I have faith enough in Brazil to assert before many generations are passed and she will be the peer of the republic in the north. I hope to see but two flags in the west continent, the stars and the stripes and the green and the yellow.”

¹¹⁴ “You can say for me I will have completed my school system tour inside of six months, and expect to be back at the latest in the middle of February 1894.”

Moraes, passou por grande reforma, tendo enorme expansão ao influxo das mais adiantadas ideias em termos de Educação” (CAMPOS, 1894).

A construção da Escola Normal da Praça, como ficou conhecida, foi algo inusitado e muito importante para a época, sendo um projeto arquitetônico destinado à construção da Escola Normal de São Paulo, da escola-modelo preliminar Antonio Caetano de Campos, da escola-modelo complementar e do Jardim de Infância, que foi inaugurado em 1897. De acordo com Monarcha (1997), segue a descrição do Jardim de Infância:

Único em seu gênero no Brasil, o Jardim de Infância tem por finalidade a “educação dos sentidos” de crianças com idade entre quatro e sete anos. Teoricamente fundamentado no pensamento de Friedrich Wilhelm August Froebel – “despertar o divino que existe no interior da alma humana” –, é organizado segundo as diretrizes desse pedagogo alemão: jogos, cantos, danças, marchas, narrações de contos e pinturas com a finalidade de propiciar a educação dos sentidos das crianças. (MONARCHA, 1997, p. 198)

Em 16 de abril de 1895, o *Correio Paulistano* publicou o *Relatório do Secretário do Interior* descrevendo o novo prédio da Escola Normal da Praça, suas escolas-modelo e outras escolas normais que podiam ser construídas no interior do Estado. Marcia Brown foi mencionada como quem montou a primeira escola-modelo do Estado, introduzindo o método intuitivo. Foi declarado, também, que os professores ficavam obrigados, por deliberação do Conselho Superior de Instrução, a visitar as escolas-modelo, colhendo os resultados práticos destas.

Miss Marcia Brown assumiu a direção da Escola Modelo da Luz a partir de 1895 e, como diretora, foi recepcionada no dia 15 de maio, conforme divulgado no *Correio Paulistano*:

A distinta professora, Miss Marcia Brown, digna directora da Escola Modelo da Luz, foi hontem agradavelmente surpreendida por uma expontanea manifestação de apreço do corpo docente e alumnos daquela eschola que, à sua entrada, formaram allas, desde o portão do edificio até ao seu gabinete de trabalho, de antemão preparado e ornado de flores.¹¹⁵

A matéria ainda fez menção à recepção e ao agradecimento de Miss Brown, assim como ressaltou a presença de várias autoridades, incluindo o

¹¹⁵ Gazeta de Notícias, 15 de maio de 1895. Disponível em: <<http://memoria.bn.br>>.

presidente do Estado, Dr. Bernardino Campos, o secretário do Interior, Dr. Cesario Motta, e a Sra. M. Paião, que entregou um estandarte à escola: esta explicou que as cores nacionais daquele representavam o patriotismo dos brasileiros, os emblemas, a força e a perseverança na obra de ensino e a pureza de intenções com que Miss Brown se tornara merecedora do reconhecimento e afeição das professoras da escola e do Estado, ao qual prestava inestimáveis serviços. De acordo com o jornal, teve também apresentações de ginástica e entoação de hinos.

Em 12 de dezembro de 1895, houve exames na Escola Modelo da Luz “sob a hábil direcção de Miss Marcia Brown”, o que foi publicado no *Correio Paulistano*. Logo depois, Marcia Brown pediu exoneração, a qual lhe foi concedida em 4 de março de 1896, conforme divulgado na *Gazeta de Notícias*: “O governo concede exoneração pedida pela diretora da Escola Modelo da Luz, Miss Brown”.¹¹⁶

Entre o reconhecimento e o esquecimento que se instaurou na luta de representações em torno da escola moderna paulista, a memória de Marcia Brown é tanto apagada quanto reivindicada. O jornal *A Notícia*, do Rio de Janeiro, publicou em 21 de novembro de 1896 uma carta de um leitor que escrevia sobre um artigo que havia sido publicado no dia anterior. Nessa carta, o leitor enaltecia tal artigo que elogiava a Instrução Pública em São Paulo. Porém, ele reclamava que alguns nomes não tinham sido mencionados, como o do Dr. Cezario Mota, Dr. Horácio Lane, Dra. Marie Rennotte e o da professora Marcia Brown que, de acordo com ele, foram tão importantes ou, talvez, até mais do que os mencionados no artigo. Na opinião do leitor, “[...] têm todos eles seus nomes ligados à evolução do ensino paulista e que esquecer os mesmos seria ignorar o próprio ensino”.

O leitor continua: “Foi Miss Marcia Brown, uma americana muito grande, feia e impertinente, mas ilustrada, quem transportou com grande felicidade os methodos americanos de pedagogia moderna para o Estado de S. Paulo, onde floresceram e estão dando os fructos que o Sr. Redactor já conhece.”¹¹⁷

¹¹⁶ *Gazeta de Notícias* (RJ) 4 mar. 2021. Disponível em: <<http://memoria.bn.br>>.

¹¹⁷ Disponível em: <<http://memoria.bn.br/>>.

A última notícia encontrada sobre Marcia Brown e sua estada no Brasil foi a publicada no *Malden Evening Mail* de 22 de abril de 1896 (p. 1) informando que Miss Brown havia retornado aos Estados Unidos na semana anterior e que estava descansando no estado de New Hampshire.

Assim, sua estada se encerrou neste país, sem grandes alardes, e ela retornou a Malden onde ficou até morrer e onde está enterrada.

A Reforma da Escola Normal de São Paulo em 1890 estabeleceu também as escolas-modelo, que eram escolas anexas às escolas normais. A primeira escola-modelo foi a Escola Modelo do Carmo, depois a Escola Modelo Caetano de Campos. Entre 1894 e 1895, foram criadas ainda a Escola Modelo Prudente de Moraes e a Escola Modelo Maria José, onde os alunos-mestres praticavam e experimentavam o que haviam aprendido na Escola Normal.

A Escola Modelo do Carmo foi dirigida por Marcia Brown e Maria Guilhermina Loureiro de Andrade. Miss Brown era diretora da ala masculina e Miss Andrade, da ala feminina. Após um curto período, Miss Andrade desligou-se e Miss Brown assumiu ambas as alas. A Escola Modelo do Carmo era parte integrante da Escola Normal e sua função era demonstrar os procedimentos didáticos, observar e favorecer que os alunos do terceiro ano também praticassem as técnicas fundamentadas no método intuitivo. Essa escola serviu de base para a Reforma da Instrução Pública com o intuito de fixar um padrão e poder, assim, produzir diretrizes para a Reforma Geral da Instrução Pública mais tarde.

2.6 GRUPOS ESCOLARES

Com a reforma da Escola Normal de São Paulo de Caetano de Campos em 1890, a educação pública tornou-se imperativa na cidade e, para Campos, era um dever do governo formar escolas para a educação do povo, pois só assim haveria prosperidade da nação e uma verdadeira democracia. Para isso foi preciso fundar uma escola com novas finalidades, outra concepção educacional e organização de ensino. A educação usava o método individual e mudou para o simultâneo. Era uma escola unitária, onde uma sala ampla abrigava muitos alunos com diferentes necessidades de ensino. Aos poucos, isso foi mudando para a divisão de turmas,

com estudantes da mesma idade e aqueles com as mesmas dificuldades. Finalmente, os alunos foram divididos em turmas, cada uma com um professor, e o método mútuo começou a ser aplicado.

Nesse contexto, os grupos escolares surgiram a partir da reforma de 1890 transformando não só a educação em São Paulo, mas em todo o país. Essas escolas centrais ou graduadas, mais tarde chamadas de grupos escolares, já estavam sendo difundidas em outros países, de acordo com as peculiaridades de cada um. As escolas graduadas agrupavam os alunos pela idade cronológica – havia professores para cada grau; equivalência entre um ano escolar do aluno e um ano de progresso instrutivo; divisão prévia de conteúdos por matéria para cada ano escolar; o rendimento do aluno era de acordo com o seu aproveitamento no nível em que se encontrava; a promoção dos alunos era rígida e inflexível grau a grau.

Entretanto, para que isso acontecesse, era necessário ter professores habilitados, o que na época era ainda muito precário. O trabalho feminino para esse campo foi firmando-se mais e mais, não só pelo ideário fabricado de uma natureza feminina voltada para o cuidado e afeto com a criança, assim como sua guarda “natural” no espaço doméstico, mas também, pela necessidade de recrutar um número grande de trabalhadores e trabalhadoras para uma atividade pouco remunerada. De acordo com Souza (1998, p. 64):

A formação foi um dos aspectos prioritários na proposta inicial de reforma da instrução pública em São Paulo. De fato, pela Escola Normal iniciou-se o processo da reforma, como já foi assinalado anteriormente; por isso, a importância dessa escola como centro de formação do magistério e divulgadora de ideias e processos de renovação do ensino não pode ser subestimada.

Porém, somente as escolas normais da capital proviam uma formação mais completa às normalistas. Outras cidades e o interior tinham as escolas complementares com um ensino não tão completo. Havia uma disputa entre as escolas normais e as escolas complementares, onde, nas primeiras, o ensino era considerado superior. Assim mesmo, o aumento na formação docente elevou-se consideravelmente no começo do século XX. Para ingressar na profissão de professor/a, a exigência de formação como tal aumentou. Para as escolas

preliminares e isoladas havia concurso e, para ingressar nos grupos escolares, os critérios eram outros. O corpo docente era formado pelos professores vindos das escolas isoladas quando estas foram unificadas, e os professores tornavam-se “adjuntos do diretor”. Os professores adjuntos eram os professores dos grupos escolares e “...o acesso e a ascensão na carreira não validavam a competência profissional certificada por critérios racionais como o concurso, e sim a indicação e o privilégio político e pessoal” (SOUZA, 1998, p. 71).

Os grupos escolares foram idealizados em 1893, e o termo foi assim criado porque reunia várias escolas que estivessem em um mesmo local. Estas seriam reunidas e funcionariam em um prédio amplo construído ou adaptado para esse fim. Os grupos escolares poderiam reunir de quatro a dez escolas, de acordo com o número de alunos. Cada turma de 40 alunos seria regida por um professor e poderia haver adjuntos, se necessário. As escolas seriam para meninos e meninas, porém com completa separação entre eles. O programa de ensino dos grupos escolares era o mesmo que o das outras escolas primárias, mas enriquecido e enciclopédico e com a adição de algumas matérias. As escolas deviam seguir as mesmas regras quanto ao material didático, disciplina, calendário, exames, matrículas, frequência e higiene. A escola-modelo teve um papel importante na organização, pois não só era um modelo para os alunos da Escola Normal, mas também para os grupos escolares, que deviam seguir sua organização e método.

De acordo com Souza (1998, p. 49),

A reunião das escolas trazia todos os princípios fundamentais que propiciaram as mudanças no ensino primário: a racionalização e a padronização do ensino, a divisão do trabalho docente, a classificação dos alunos, o estabelecimento de exames, a necessidade de prédios próprios com a consequente constituição da escola como lugar, o estabelecimento de programas amplos e enciclopédicos, a profissionalização do magistério, novos procedimentos de ensino, uma nova cultura escolar.

Na época, houve certa resistência por parte de alguns em relação aos grupos escolares, pois, muitas vezes, ficavam longe da residência do aluno. Entretanto, a revista *A Escola Pública* noticiou com muito entusiasmo a criação e inauguração do primeiro grupo escolar na capital, em 1895. Apesar do apoio

pelos grupos escolares, muitos problemas continuavam, tais como: a falta de recursos financeiros, pagamento dos professores, construção de prédios adequados, a dificuldade para o treinamento adequado dos professores para a aplicação do método intuitivo e a baixa alfabetização no primeiro ano. Mesmo assim, o modelo difundiu-se e o padrão paulista foi um exemplo, expandindo-se para os outros estados, trazendo-nos até parte da década de 1960.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A palavra das mulheres, durante muito tempo influente nas camadas superiores da sociedade, passou primeiro pelo domínio da conversação.

Michelle Perrot

Esta pesquisa foi desenvolvida no contexto da pandemia de Covid-19, o que dificultou muito o processo e tornou difícil a pesquisa *on-site*, pois, especialmente, não eram possíveis as viagens.

Marcia Priscilla Brown, nascida em 1835, em Springfield, Vermont, USA, teve uma longa trajetória em seu país, transitando por várias cidades até vir para o Brasil, em 1888. Aqui ficou oito anos e voltou para Malden, Massachusetts, USA, em 1896, de onde havia saído. Faleceu nessa mesma cidade em 1923, no *New England Sanitarium*, em Spot Pond, de um choque que havia sofrido uns dias antes (não foram dados maiores detalhes). Apesar de não ter retornado ao trabalho depois de sua volta do Brasil, ainda foi lembrada nos jornais da cidade: noticiaram sua morte e continuou sendo notícia até mesmo em 1939, quando o jornal *Malden Evening News*, de 22 de junho de 1939, publicou que haviam dado o nome de Marcia Browne a uma escola em São Paulo, de acordo com um ex-aluno que estudara na *Maplewood School*, Frank P. Wakefield.

Outras notícias foram apuradas, em 1906, quando Miss Brown enviou uma carta ao jornal *Malden Evening News*, com memórias póstumas a duas pessoas, David Ayers e John W. Allen, que haviam trabalhado no comitê escolar durante o período em que ela foi diretora da *Maplewood School*. Também, em 1913, o mesmo jornal divulgou que a escola *Broadway*, em Malden, seria renomeada Marcia Browne, uma forma de homenageá-la.

Novamente, em 1919, foi noticiado que a casa de Miss Brown havia sido arrombada enquanto ela dormia e que levaram dinheiro, joias e lembranças de suas viagens. Finalmente, em 1923, houve várias notícias sobre a morte de Marcia Brown, seu obituário, sobre seu trabalho no Brasil, considerando-a uma grande influência na reforma da educação naquele país. Também noticiaram sobre seu extenso trabalho como diretora da *Maplewood School*, transformando uma escola com vários problemas em uma escola muito respeitada e que, por meio dos esforços dela, a escola, que era de madeira, foi reconstruída para o

prédio atual. Da mesma forma, na sua volta a Malden, ela participava das reuniões da escola, envolvida nas questões de educação.

Após sua trajetória acadêmica e profissional nos Estados Unidos, onde ela transitou por várias cidades, ou estudando, ou dando aulas, ou fazendo ambas as coisas, Marcia Brown veio para o Brasil. Desde sua chegada a São Paulo, em 1º de setembro de 1888, um sábado, Marcia trabalhou dando aulas. De acordo com informações em uma carta enviada por ela ao Dr. Mitchell, nos Estados Unidos, começou a trabalhar já na segunda-feira, assumindo a educação como sua trajetória.

O Brasil, uma República que iniciava, tinha muitas questões pendentes, sendo uma delas a educação. Na época, o eixo Rio-São Paulo era o mais avançado em todas as áreas, e a educação era um dos assuntos mais importantes para a Nova República, especialmente em São Paulo, onde se encontravam grandes figuras influentes na política, apesar de o Rio de Janeiro ser a capital do novo país. Nesse contexto, pessoas como Rangel Pestana, Prudente de Moraes, Antonio Caetano de Campos e outros buscavam uma reforma educacional, que era imperativa, e priorizaram começar pela Reforma da Escola Normal de São Paulo, que mais tarde foi implantada em todo o estado, alastrando-se também para outros estados da União. Foi nesse cenário que Marcia Priscilla Brown participou, ajudando Caetano de Campos na reforma tão importante.

Outra pessoa influente na reforma foi Maria Guilhermina Loureiro de Andrade; porém, por motivos de saúde, ela precisou voltar ao Rio de Janeiro, não ficando muito tempo em São Paulo. Então, Marcia Brown assumiu a direção das escolas-modelo de ambos os sexos, pois na época, meninos e meninas estudavam separadamente.

A reforma trouxe para a Reforma da Escola Normal de São Paulo a metodologia de Pestalozzi e Froebel, assim como um laço estreito com a pedagogia americana, o que Campos e outros intelectuais envolvidos nesse projeto queriam introduzir aqui. Tanto Maria Guilhermina como Marcia Brown eram as pessoas indicadas para esse trabalho, pois a primeira havia estudado por quatro anos essa metodologia nos Estados Unidos e dava aulas na Escola Americana. Brown, por sua vez, veio para o Brasil para esse propósito, como visto

anteriormente, pois aprendera os métodos de Pestalozzi e Froebel sob os ensinamentos de Horace Mann que os havia propagado em Massachusetts, estado natal de Brown. Ela também lecionava na mesma escola e assim, as duas estavam prontas para assumir esse desafio.

Por todo o trabalho realizado, é possível afirmar que Marcia Brown teve um papel relevante na divulgação e circulação de saberes e práticas da pedagogia americana, no Brasil, no começo da República, tanto por sua atuação na Escola Americana como por sua atuação na educação pública paulista, por meio das escolas-modelo.

Essas escolas formavam os novos professores para poderem replicar os saberes adquiridos, os quais foram apropriados por ela durante a sua curta trajetória profissional em São Paulo. Seu trabalho na reforma e nas escolas-modelo, formando professores para as escolas primárias, foi de muita importância, especialmente, com a instituição dos grupos escolares, os quais foram resultado da formação de professores após a reforma de Caetano de Campos. As mudanças conquistadas perduraram não só no estado, mas também no resto do país, até a década de 1960, nas escolas normais. É possível dizer que os resultados da reforma permanecem até nossos dias, de uma maneira ou outra, embora a metodologia tenha passado por atualizações; porém, o ensino básico continua sendo um ensino de método intuitivo.

O papel de Marcia Brown como missionária e como educadora foi importante na Reforma da Escola Normal, trazendo para São Paulo e, mais tarde, para o Brasil a modernização da educação, que já estava acontecendo nas escolas de denominação Presbiteriana em São Paulo. Essas escolas, em especial a Escola Americana, onde tanto Maria Guilhermina como Marcia Brown já lecionavam, eram baseadas nos novos métodos de Pestalozzi e Froebel, que era o que tanto Caetano de Campos queria trazer e introduzir nas escolas de São Paulo. A veiculação e divulgação dos conhecimentos e experiências de Marcia Brown durante o tempo em que esteve no Brasil, conforme já descrito anteriormente, foi importante não só no momento da reforma, mas também no período em que trabalhou nas escolas-modelo tanto como professora quanto diretora, repassando aprendizados e formando novos professores que eram normalistas.

É possível constatar que Marcia Priscilla Brown, vindo de Springfield, uma pequena cidade no interior do estado de Vermont, no nordeste do país, alçou voos não só nos Estados Unidos, mas também em São Paulo. Sua trajetória acadêmica e profissional no país de origem a levou a muitas conquistas, como a divulgação do método intuitivo e a classificação de alunos por idade e avanço acadêmico. Apesar de ser uma mulher fechada e rigorosa, era benquista por alunos, professores e pais de alunos. Isso se confirma quando da sua saída de Malden: alunos, pais de alunos, professores e autoridades reuniram-se para despedir-se de Miss Brown com canções, poemas e presentes em sua homenagem.

Como mulher, no fim do século XIX e início do século XX, Brown conseguiu conquistar seu espaço e firmou-se como uma figura feminina independente em uma época em que mulheres eram praticamente proibidas de circular como os políticos, judiciários, intelectuais e até esportivos.¹¹⁸ Foi na área da educação que as mulheres começaram a aparecer e Marcia Brown, nesse aspecto, pôde impor-se tanto nos Estados Unidos como no Brasil, por meio de sua inteligência e conhecimento, sendo respeitada por sua participação atuante na Reforma da Escola Normal de São Paulo de Caetano de Campos.

No Brasil, Miss Brown, apesar de sua contribuição, não parece ter sido tão benquista da mesma forma que em seu país, destacando-se, por exemplo, os episódios sobre seu envolvimento em algumas desavenças com Maria Guilhermina Loureiro de Andrade e quando Horace Lane teve que defendê-la em resposta a uma carta vinda da Missão Presbiteriana, em Nova York. O título da carta era *A aptidão de Miss Brown para trabalhar*, em que um dos pontos levantados foi o desentendimento de Miss Brown com Miss Kuhn, missionária e educadora presbiteriana em São Paulo já de longo tempo. Não obstante os conflitos, Marcia Brown é conceituada por sua inteligência e competência do trabalho realizado com as escolas-modelo. Sua personalidade, como indicada algumas vezes, não era muito agradável, mas seu conhecimento e desempenho profissional nunca deixaram comentários negativos. Nesse sentido, arrisco a compará-la a Horace Mann, nos Estados Unidos, que, da mesma forma, levou a mudança das novas metodologias para Massachusetts, as quais posteriormente

¹¹⁸ Perrot, Michelle. *Mulheres Públicas*. 1997.

alastraram-se por todo o país. Talvez seja um pouco ousado de minha parte fazer tal comparação, mas o desequilíbrio nessa representação e o estranhamento que isso pode causar em princípio, em termos das contribuições de cada um, não são acentuados pelo fato de Marcia Brown ser uma mulher?

Pode-se afirmar que seu legado tanto em Malden como em São Paulo foi duradouro, apesar de não ser conhecida na história da educação americana ou brasileira. As escolas normais, professores e alunos devem muito a essa mulher que muitos chamavam de feia, sisuda e grande, mas de um admirável conhecimento.

Evidentemente, deve ter havido muitas outras mulheres que trilharam o caminho da educação e demarcaram um espaço próprio no campo, mas que, infelizmente, ainda permanecem anônimas e desconhecidas na historiografia. Logo, com a realização deste trabalho, espera-se incentivar outras pesquisas sobre mulheres que ainda se encontram obscuras na história da educação no Brasil, para que possamos melhor compreender seus modos de participação nos projetos educacionais do país.

REFERÊNCIAS

ALCÂNTARA, Wiara Rosa Rios. Produção e Distribuição do Mobiliário Escolar: uma história econômica do investimento na escola pública paulista (1854-1895). **Revista Brasileira de História da Educação**. Maringá, v. 18, 2018.

ALMEIDA, Jane Soares de. O movimento missionário e educacional protestante na segunda metade do século XIX: para cada igreja uma escola. **Educar em Revista**. Curitiba, v.18, nº 20, p. 185-207, 2002.

_____. Missionárias norte-americanas na educação brasileira: vestígios de sua passagem nas escolas de São Paulo no século XIX. **Revista Brasileira de Educação**. Rio de Janeiro, v. 12, nº 35, p. 327-342, 2007.

_____. Educadoras protestantes em São Paulo no século XIX. **Quaestio Revista de Estudos em Educação**. Sorocaba, v. 20, nº 3, p. 761-777, dez. 2018.

BASTOS, Maria Helena Câmara. O ensino monitorial/mútuo no Brasil (1827-1854). In: STEPHANOU, M., BASTOS, Maria H. C. (org.) **Histórias e memórias da educação no Brasil, vol. II: século XIX**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2005, p. 34-51, 179 p.

BOTO, Carlota. **Instrução Pública e Projeto Civilizador: o Século XVIII como Intérprete da Ciência, da Infância e da Escola**. 2011. Tese (Doutorado em Livre Docência) – Universidade de São Paulo, São Paulo, S.P. Disponível em: <<https://teses.usp.br/teses/disponiveis/livredocencia/48/tde-12092011-152740/publico/teseBotoCarlotaLD.pdf>>. Acesso em: 20 out. 2021.

BOURDIEU, Pierre. L'illusion biographique. In: **Actes de la recherche en sciences sociales**. Vol. 62-63, pp. 69-72, juin 1986. Tradução de Olívia Alves Barbosa. Disponível em: <https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/5644125/mod_resource/content/1/BOURDIEU%2C%20Pierre.%20A%20ilusa%CC%83o%20biogra%CC%81fica.pdf>. Acesso em: 15 out. 2021.

BOURDIEU, Pierre. **O Poder Simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.

BRUCE, Tina. **Early Childhood Education**. London: Hodder Education, 2015. Disponível em: <<https://www.early-education.org.uk/about-froebel>>. Acesso em: 8 jun. 2021.

BRUGGER, Niels; MILLIGAN, Ian (org.). **The SAGE handbook of web history**. SAGE Publications Limited, 2018. 672 p. Rev. Dig. Bibliotec e Ci. Info. / RDBCI: Dig. J. of Lib. and Info. Sci. | Campinas, SP., v.19, e021010, 2021.

CALKINS, N. A. **Primary Object Lessons: for a Graduated Course of Development**. New York: Harper and Brothers, Publishers, 1861. Disponível em:

<<https://archive.org/details/primary/objectles00cal/page/n11/mode/2up>>. Acesso em: 24 abr. 2021.

CALKINS, Norman A. **Primary object lessons, for training the senses and developing the faculties of children: a manual of elementary instruction for parents and teachers**. New York, NY: Harper & Bros., 2011.

CARMO, Cesar G. do. **A Práxis Reformada e o Desenvolvimento Educacional do Brasil na Segunda Metade do século XIX**. 2012. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) – Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, SP.

_____. **A Escola Americana: A idealização e construção de uma estratégia pedagógica protestante na província de São Paulo (1870 a 1912)**. 2017. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade do Estado de Minas Gerais, Belo Horizonte, MG.

CARVALHO, Laerte Ramos de. **As Reformas Pombalinas da Instrução Pública**. São Paulo: Universidade de São Paulo, 1978.

CARVALHO, Marta Maria Chagas de. Reformas da Instrução Pública. *In*: LOPES, Eliane Marta T.; FARIA FILHO, Luciano M.; VEIGA, Cynthia G. (org.). **500 Anos de Educação no Brasil**. Belo Horizonte, MG: Grupo Autêntica, 2011, p. 225-251, 608 p.

CEZARINHO, Filipe Arnaldo. História e fontes da internet: uma reflexão metodológica. **Temporalidades – Revista de História**, ISSN 1984-6150, Edição 26, V. 10, N. 1 (jan./abril. 2018).

CHAMON, Carla S. **Maria Guilhermina Loureiro de Andrade: a trajetória profissional de uma educadora (1869-1913)**. 2005. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, MG.

CHAMON, Carla S. A trajetória profissional de uma educadora: Maria Guilhermina e a pedagogia norte-americana. **Revista História da Educação**. Porto Alegre, RS, v. 12, nº 24, p. 73 – 99, jan./abr. 2008.

CHARTIER, Roger. **A história ou a leitura do tempo**. Tradução: Cristina Antunes. B.H.: Autêntica Editora, 2009. 79 p. Título original: La historia o la lectura del tiempo.

_____. **A aventura do livro: do leitor ao navegador**. Tradução: Reginaldo Carmello Corrêa de Moraes. S.P.: Editora UNESP, 1988. 107 p. Título original: Le livre en révolutions: Entretiens avec Jean Lebrun.

CLARK, Jorge Uilson. **A Imigração Norte-Americana para a Região de Campinas: Análise da Educação Liberal no Contexto Histórico e Educacional Brasileiro**. 1998. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, S.P.

CLARK, Francieli Silva. CLARK, Jorge Uilson. **A ideia pedagógica de Horace Mann e sua influência na Educação Pública Paulista.**

COMPAYRÉ, Gabriel. **Horace Mann and the Public School in the United States.** New York: Thomas Y. Crowell & Co., 1907. Disponível em: <<https://ia800908.us.archive.org/0/items/horacemannpublic00compuoft/horacemannpublic00compuoft.pdf>>. Acesso em: 15 out. 2021.

CREMIN, Lawrence A. Horace Mann's Legacy. *In*: CREMIN, L. A. (org.). **The Republic and the School – Horace Mann on the Education of Free Men.** New York: Teachers College Press, 1957. p. 3-28. Disponível em: <<https://archive.org/etails/republicschoolho00lawr/mode/1up>>. Acesso em: 6 jun. 2021.

DANTAS, Maria José. **Mulheres em Trânsito.** Curitiba: Editora CRV, 2015. 245 p.

DARNTON, Robert. **O Beijo de Lamourette: Mídia, Cultura e Revolução.** Tradução: Denise Bottmann. S.P.: Companhia das Letras, 1990. 203 p. Título original: *The kiss of Lamourette: Reflections in cultural history.*

FARIA FILHO, Luciano Mendes de. Instrução elementar no Século XIX. *In*: LOPES, Eliane Marta T.; FARIA FILHO, Luciano M.; VEIGA, Cynthia G. (org.). **500 Anos de Educação no Brasil.** Belo Horizonte, MG: Grupo Autêntica, 2011, p. 135-150, 608 p.

FERREIRA, Valdinei A. **Protestantismo e modernidade no Brasil.** 2008. Tese (Doutorado em Sociologia) – Universidade de São Paulo, São Paulo, S.P.

FORT EDWARD COLLEGIATE INSTITUTE. Disponível em: <<https://www.wgpfoundation.org/historic-markers/fort-edward/>>. Acesso em: 15 out. 2021.

FRANÇA, Sebastião F. Uma visão geral sobre a educação brasileira. **Revista Integração UPIS.** Brasília, DF, v. 1, 2008. P. 75-88.

FREIRE, P. **Educação e mudança.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.

GOIS JUNIOR, Edivaldo. BATISTA, José Carlos Freitas. A Introdução da Gymnastica na Escola Normal de São Paulo (1890-1908). **Movimento Revista de Educação Física da UFRGS.** Porto Alegre, RS, v. 16, nº 3, p. 69-85, 2010.

GOMES, Angela de Castro (org.). **Escrita de si escrita da história.** Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

GRENDLER, Paul F. **Education in Europe – Nineteenth-and-Twentieth-century-Education.** Disponível em: <https://science.jrank.org/pages/9080/Education-in-Europe-Nineteenth-Twentieth-Century-Education.html>. Acesso em: 6 jun. 2021.

HACK, Osvaldo. H. **Protestantismo e Educação Brasileira**. São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2000.

HARPER, Charles A. **A Century of Public Teacher Education**. Washington D.C.: The Hugh Birch-Horace Mann Fund for the American Association of Teachers colleges, 1939. Disponível em: <<https://archive.org/details/centuryofpublict00harp/page/16/mode/1up?q=James+G.+Carter>>. Acesso em: 8 jun. 2021.

HILSDORF, Maria Lucia S. **História da Educação Brasileira: leituras**. São Paulo: Thomson, 2003.

HONORATO, Tony. A Escola Complementar Paulista para a Formação de Professores. **Revista Educação e Fronteiras**. Dourados, MS, v. 3, nº 9, p. 58-72, 2013.

HORACE MANN. **Six Principles to a Good Education**. Disponível em: <<https://horacemannaira.weebly.com/manns-six-principles.html#:~:text=Horace%20Mann%20believed%20that%20there%20were%20six%20principleshav%20to%20pay%20for%2C%20control%2C%20and%20maintain%20education>>. Acesso em: 15 out. 2021.

HOROWITZ, Helen Lefkowitz. **Alma Mater**. Amherst: University of Massachusetts Press. 1993. 2e. Disponível em: <https://books.google.com.br/books?id=Z3qWLyDZ8PsC&lpg=PA11&dq=female+seminaries&pg=PA11&redir_esc=y#v=onepage&q=female%20seminaries&f=false>. Acesso em: 8 maio 2021.

HUBBARD, Horace. DARTT, Justus. **History of the Town of Springfield: Vermont with a Genealogical Record (1752 – 1895)**. Boston: Geo. H. Walker & Co. 1895, 754 p. Disponível em: <<https://babel.hathitrust.org/cgi/pt?id=nyp.33433100817166&view=1up&seq=4&size=125>>. Acesso em: 5 maio 2021.

LADUE, Daniel. OK-OK-OK-Marcia Brown. *In*: LADUE, Daniel. **Bold and Courageous: Twenty-Five North Country New York Women and the Exceptional Legacies They Left Behind**. No prelo.

LECTURES in Reading Room at Maplewood. **Malden Mirror**, Malden, Mass., V. 14, n. 51, p. 5, 2 maio 1885.

LOPES, Leandro de P. **Educação, Protestantismo e Sociedade: um estudo sobre o seminário teológico de São Paulo**. 2013. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Nove de Julho, São Paulo, S.P.

LUZURIAGA, Lorenzo. **História da Educação e da Pedagogia**. Tradução de: PENNA, Luiz Damasco; PENNA, J. B. Damasco. 15. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1984, 292p. Título original: *Historia de la educación y de la pedagogía*. ISBN85-04-00044-3.

MARTINS, Ana Luiza. LUCA, Tania Regina de. **História da imprensa no Brasil**. São Paulo: Editora Contexto, 2015.

MENDES, Gabriela da S. **Aspectos da Educação nos Estados Unidos: A formação de Professores no Século XIX**. Disponível em: <<http://www.webartigos.com/artigos/aspectos-da-educacao-nos-estados-unidos-a-formacao-de-professores-no-seculo-xix/111895/>>. Acesso em: 5 jun. 2021.

MESQUIDA, Peri. **Hegemonia Norte-Americana e Educação Protestante no Brasil**. São Paulo: Instituto Metodista de Ensino Superior, 1994.

MIGNOT, Ana Chrystina Venâncio. GONDRA, José Gonçalves. **Viagens Pedagógicas**. São Paulo: Cortez Editora, 2007. 320 p.

MONARCHA, Carlos. **Escola Normal da Praça: o lado noturno das luzes**. Campinas: Editora Unicamp, 1999.

MONDALE, Sarah, PATTON, Sarah (Ed). **School: the story of American public education**. Boston: Beacon Press, 2001. Disponível em: <<https://arhive.org/details/school00sara/page/29/mode/1up>>. Acesso em: 8 jun. 2021.

MONROE, Paul. **História da Educação**. Tradução de: BECKER, Idel. 12. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1977. 394 p. Título original: A Brief Course in the History of Education.

MORTATTI, Maria do Rosário Longo. **Os Sentidos da Alfabetização**: São Paulo (1876-1994). São Paulo: Editora UNESP, 1999. 372 p.

NASCIMENTO, Ester Fraga Vilas-Bôas Carvalho do. **Origens da Educação Protestante em Sergipe: 1884 a 1913**. 2000. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, SE.

NASCIMENTO, Ester Fraga Vilas-Bôas Carvalho do. **A Escola Americana: Origens da Educação Protestante em Sergipe (1886-1913)**. Sergipe: Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Sergipe (FAP-SE), 2004.

_____. **A Escola Americana: Origens da Educação Protestante em Sergipe (1886-1913)**. 1ª. ed. Aracaju: UFS, 2004. v. 1.

NEVES, Fátima Maria. **O Método Lancasteriano e o Projeto de Formação Disciplinar do Povo (São Paulo, 1808 – 1889)**. 2003. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal Paulista, Assis, SP.

PAIVA, José Maria de. **Educação Jesuítica no Brasil Colonial**. In: LOPES, Eliane Marta T.; FARIA FILHO, Luciano M.; VEIGA, Cynthia G. (org.). **500 Anos de Educação no Brasil**. Belo Horizonte, MG: Grupo Autêntica, 2011, p. 43-59, 608 p.

PAVILHÃO BRASILEIRO NA WORLD'S FAIR DE 1893, EM CHICAGO. Fotografia.

PEDAGOGIA Educação Infantil. Disponível em: <https://www.members.tripod.com/pedagogia/infantil/pestalozzi1.htm>. Acesso em: 8 jun. 2021.

PEREIRA, Laura Sanchez. **Nísia Floresta**: Memória e história da mulher intelectual oitocentista. Foz do Iguaçu: Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE-PR), 2017.

PEREIRA, Mara Dias. FERREIRA, Nilson Gomes. SOUZA e SILVA, Simone Lucia. SILVA, Rosângela Lemos da. **O Empirismo e a sua relevância para o processo ensino e aprendizagem**. Recanto das Letras. Disponível em: <<https://www.recantodasletras.com.br/artigos-de-educacao/5105263>>. Acesso em: 31 jan. 2021.

PERROT, Michelle. **Mulheres Públicas**. São Paulo: UNESP, 1998.

PLATT, M. K.; NORTON, C. F. **The Home for the Friendless**: To the Women of Clinton County and northern New York. **The Plattsburgh Sentinel**, Plattsburgh, NY, V. 19, n. 44, p. 3, 10 abr. 1874. Disponível em: <<https://nyshistoricnewspapers.org/lccn/sn85026976/1874-04-10/ed-1/seq-3/>>. Acesso em: 20 mai 2021.

POLLAK, Michael. Memória e Identidade Social. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, 1992, p. 200-212.

PRESBYTERIAN HISTORICAL SOCIETY. Disponível em: <<https://www.history.pcusa.org/collections/research-tools/church-record-surveys/new-york/new-york-madison-square-presbyterian#:~:text=The%20Presbyterian%20Historical%20Society%20holds%20the%20following%20records,17171961.%2012%20cubic%20feet.%20%28Call%20number%3A%20RG%20413%29>>. Acesso em: 13 maio 2021.

REIS FILHO, Casemiro dos. **A Educação e a Ilusão Liberal**. São Paulo: Cortez Editora, 1981.

RODRIGUES, Pedro Eurico. A teia, a tela e o tempo: internet e história do tempo presente. **Revista Tempo e Argumento**, Florianópolis, v. 6, n. 12, p. 131 - 150, mai./ago. 2014.

SANTOS, Barbara da Silva. Usos da palavra impressa: o papel dos intelectuais nos jornais brasileiros. In: ORLANDO, Evelyn de Almeida; MESQUIDA, Peri. (org.). **Intelectuais e Educação**: contribuições teóricas à História da Educação. Porto Alegre: Editora Fi, 2021. 176 p.

SANTOS, Barbara da Silva; FERRONATO, Cristiano de Jesus. Professores, Redatores e Políticos: o lugar de Justiniano de Mello e Silva na imprensa

periódica oitocentista. **Revista de História e Historiografia da Educação**, Curitiba, v. 1, n. 1, p. 102-116, jan./abr. 2017.

SANTOS, José V. dos. **As Contribuições de Horace Lane na Instrução Pública Paulista (1890-1910)**. 2011. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita filho”. Marília, SP.

SCHELBAUER, Anaete Regina. RELATÓRIO DA ESCOLA AMERICANA. SÃO PAULO (1887) Horace Lane. **Revista HISTEDBR On-line**, Campinas, nº 17, p. 138 - 140, mar. 2005.

SCHIESARI-LEGRIS, Wilma. 1888 – (c e d) – Medíocre administrador, desonesto, sedutor de batina, caluniador, produtor de documentos falsos sobre seus perseguidos: o cônego Manoel Vicente dirigiu a Escola Normal. **Caetano de Campos**, 10 maio 2017. São Paulo. Disponível em: <<https://ieccmemorias.wordpress.com/>>. Acesso em: 20 nov. 2021.

SEARLS, Paul M. **Vermont in the Nineteenth Century: Community, Identity, and Society. The Flow of history**. Disponível em: <<https://www.flowofhistory.org/vermont-in-the-nineteenth-century/>>. Acesso em: 15 out. 2021.

SILVA, Alexandra Lima da. ORLANDO, Evelyn de Almeida. DANTAS, Maria José. **Mulheres em Trânsito**. Curitiba: Editora CRV, 2015. 245 p.

SILVA, Alexandra Lima da. **Histórias Cruzadas: Mulheres viajantes e o ensino de história da Educação**. In: SILVA, Alexandra Lima da. ORLANDO, Evelyn de Almeida.

SILVA, Ivanilson Bezerra da. **A Figura de Horace Lane: lutas de representações e a formação da rede de Escolas Americanas no Brasil (1885-1912)**. 2015. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade de São Paulo, SP.

_____. **HORACE LANE: CONSULTOR DA INSTRUÇÃO PÚBLICA PAULISTA E PARTICIPAÇÃO NA EXPOSIÇÃO INTERNACIONAL DE ST. LOUIS (1885-1912)**. Revista da Educação, Porto Alegre, V. 22, nº 56, p. 59-79, set-dez. 2018.

SOUZA, Rosa Fátima de. **Templos de Civilização: a implantação da escola primária graduada no Estado de São Paulo: (1890-1910)**. São Paulo: Editora UNESP, 1998.

TANURI, Leonor M. História da Formação de Professores. **Revista Brasileira de Educação**. Rio de Janeiro, nº 14, p. 61-88, ago. 2000.

TOMAZI, Julia Massucheti. **“Eternamente Off-Line”**: As Práticas Do Luto Na Rede Social Do Orkut No Brasil (2004-2011). 2013. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC), Florianópolis, S.C., 2013.

VEIGA, C. G. **História da Educação**. São Paulo: Ática, 2007.

VENÂNCIO FILHO, Francisco. Contribuição Norte Americana à Educação no Brasil. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**, Ministério da Educação e Cultura, Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos, v. IX, n. 25, p. 229 – 266, nov./dez. 1946.

VERAS, Loyde Anne C. Silva. **Memórias da Terra de Beulá: A Construção de uma Vida e Produção de um Lugar nas Autobiografias de Eva Mills**. 2017. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Católica do Paraná, Curitiba, PR.

VIEIRA, Cesar Romero Amaral. **Protestantismo e Educação: a Presença Liberal Norte Americana na Reforma Caetano de Campos – 1890**. 2006. Tese (Doutorado em Educação) – Imep, Piracicaba, 2006. Disponível em: <<https://www.yumpu.com/pt/document/read/12935805/protestantismo-e-educacao-a-presenca-unimep>>. Acesso em: 5 jun. 2021.

_____. **Protestantismo e Educação: a presença liberal norte americana na reforma Caetano de Campos**. 2006. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Metodista de Piracicaba. Piracicaba, S.P.

_____. Contribuição protestante à reforma da educação pública paulista. **Comunicações. Revista do Programa de Pós-Graduação da Unimep**, Piracicaba, v. 9, n. 1, p. 256 - 274. 2002.

_____. Americanismo X Iberismo: a influência do modelo educacional norte-americano no final do século XIX. **Revista Horizontes**, Bragança Paulista, S.P., v. 26, n. 1, p. 21 – 30, jan./jun. 2008.

VILAS-BÔAS, Ester Fagundes. A Influência da Pedagogia Norte-Americana na Educação em Sergipe e na Bahia: reflexões iniciais. **Revista Brasileira de História da Educação**, Maringá, PR, n. 2, p. 9 – 38, jul./dez. 2001.

VILLELA, Heloisa de O. S. O mestre-escola e a professora. In: LOPES, Eliane Marta T.; FARIA FILHO, Luciano M.; VEIGA, Cynthia G. (org.). **500 Anos de Educação no Brasil**. Belo Horizonte, MG: Grupo Autêntica, 2011, p. 95-134, 608 p.

WORLDCAT. Disponível em: <<https://www.worldcat.org/title/primary-object-lessons-for-training-the-senses-and-developing-the-faculties-of-children-a-manual-of-elementary-instruction-for-parents-and-teachers/oclc/695174894>>. Acesso em: 24 abr. 2021.

ZINKINA, J., KOROTAIYEV, A., ANDREEV, A. Mass Primary Education in the Nineteenth Century. **Globalistics and Globalization Studies**. Disponível em: <https://www.sociostudies.org/almanac/articles/mass_primary_education_in_the_nineteenth_century/>. Acesso em: 30 out. 2021.

FONTES COMPLEMENTARES

ACERVO da EEPG Miss Marcia Browne (fotografia). Disponível em: <<https://ieccmemorias.wordpress.com/2017/06/05/1889-c-3-trimestre-a-criacao-das-escolas-modelo-com-miss-browne-guilhermina-loureiro-e-horace-lane/>>. Acesso em: 6 jun. 2021.

A GRANDE REFORMA. **O Estado de São Paulo**. 04 de jan. 1890. P. 1. Disponível em: <<https://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/18900104-4428-nac-0001-999-1-not>>. Acesso em: 20 maio 2021.

AMERICAN BOARD BLOG. **11 Facts about the History of Education in America**. Disponível em: <<https://www.americanboard.org/blog/11-facts-about-the-history-of-education-in-america/>>. Acesso em: 15 out. 2021.

ASSEMBLEIA LEGISLATIVA DO ESTADO DE SÃO PAULO. Secretaria Geral Parlamentar. Departamento de Documentação e Informação. **LEI Nº 34, DE 16 DE MARÇO DE 1846**. Disponível em: <<https://www.al.sp.gov.br/repositorio/legislacao/lei/1846/lei-34-16.03.1846.html>>. Acesso em: 19 mai 2021.

BEHAVIORAL HEALTH SERVICES NORTH, INC. (BHSN). Disponível em: <<https://bhsn.org/about-us/>>. Acesso em: 8 maio 2021.

BOSTON Latin School. **Fotografia**. Disponível em: <https://bls.org/apps/pages/index.jsp?uREC_ID=206116&type=d>. Acesso em: 20 maio 2021.

BOSTON Latin School. **Fotografia atual**. Disponível em: <https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/thumb/e/e5/Boston_Latin_School.jpg/200px-Boston_Latin_School.jpg>. Acesso em: 20 maio 2021.

BREACH of Faith. **Malden City Press**, Malden, Mass., V. VIII, n. 36, p. 4, 26 maio 1888.

BRASIL. [**Constituição (1824)**] Constituição do Império do Brasil de 1824. Rio de Janeiro: Secretaria de Estado dos Negócios do Império do Brasil, [1824]. Disponível em: <https://ideg.com.br/constituicao-do-imperio-do-brazil-1824/>. Acesso em: 6 jun. 2021.

BROWN, Marcia. To the Christian Women of Clinton County. **The Plattsburgh Republican**, Plattsburgh, NY, p. 1, 14 fev. 1874. Disponível em: https://www.nyshistoricnewspapers.org/lccn/sn83031979/1874-02-14/ed-1/seq-1/#date1=01%2F01%2F1873&index=2&date2=12%2F31%2F1900&words=Arms+Sheltering&to_year2=1900&searchType=advanced&sequence=0&from_year2=1873&proxdistance=5&page=1&county=Clinton&rows=20&ortext=&proxtext=are+sheltering+arms&phrasertext=&andtext=&dateFilterType=range&SearchType2=prox5. Acesso em: 20 maio 2021.

BROWN, Marcia P. Temperance in the Sunday School. **The Plattsburgh Sentinel**, Plattsburgh, NY, v. 20, n. 39, p. 1, 5 mar. 1875. Disponível em: https://www.nyshistoricnewspapers.org/lccn/sn85026976/1875-03-05/ed-1/seq-1/#date1=01%2F01%2F1873&index=0&date2=12%2F31%2F1900&words=BROWN+MARCIA&to_year2=1900&searchType=advanced&sequence=0&from_year2=1873&proxdistance=5&page=1&county=Clinton&rows=20&ortext=&proxtext=Marcia+Brown&phrasertext=&andtext=&dateFilterType=range&SearchType2=prox5. Acesso em: 20 maio 2021.

_____. Our Work. **The Rutland Daily Globe**, Rutland, Vt., 6 feb. 1877. Disponível em: <https://chroniclingamerica.loc.gov/lccn/sn84022473/1877-02-06/ed-1/seq-2/>. Acesso em: 20 maio 2021.

BURLINGTON High School, 1900. Burlington, Vt. Fotografia. Disponível em: <http://www.familyoldphotos.com/files/images/1107b/VTburlington-hs-r.preview.jpg>. Acesso em: 10 jun. 2021.

CAMPOS, Antonio Caetano de. Escola Normal. **O Estado de São Paulo**. 30 de mar. 1890. P. 1. Disponível em: <https://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/18900330-4512-nac-0001-999-1-not>. Acesso em: 20 maio 2021.

CARTAS e Comunicados. **A Notícia**, Rio de Janeiro, ano III, p. 3, 21/22 nov, 1896. Disponível em: <http://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=830380&pagfis=2178>. Acesso em: 22 maio 2021.

DECRETO Nº 7.247, DE 19 DE ABRIL DE 1879. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1824-1899/decreto-7247-19-abril-1879-547933-publicacaooriginal-62862-pe.html>. Acesso em: 25 nov. 2021.

EDUCATION IN EARLY AMERICA. **1800'S Education**. Disponível em: <https://educationinearlyamerica.weebly.com/1800s-education.html>. Acesso em: 15 out. 2021.

ESCHNER, Kat. A Little History of American Kindergartens. **Smithsonian Magazine**. Disponível em: <https://www.smithsonianmag.com/smart-news/little-history-american-kindergartens-180963263/>. Acesso em: 10 jun. 2021.

ESCOLA NORMAL DE SÃO PAULO (1846): um pioneirismo na educação da cidade de São Paulo. Fotografia. **Laboratório de Ensino e Material Didático** (fflch). Disponível em: <http://lemad.ffe.usp.br/node/5336>. Acesso em: 10 jun. 2021.

ESCOLA NORMAL DE SÃO PAULO NA RUA DA BOA MORTE. **Fotografia**. Disponível em: <http://caetanistas78.blogspot.com/2011/11/criacao-da-escola-normal.html>. Acesso em: 10 jun. 2021.

ESCOLA NORMAL DE SÃO PAULO ATUAL: EE Caetano de Campos São Paulo – SP. Disponível em: <http://www.crmariocovas.sp.gov.br/pdf/neh/1897-1903/1846_Escola_Normal.pdf>. Acesso em: 10 jun. 2021.

EXAMES ESCHOLARES. Eschola Modelo da Luz. **Correio Paulistano**. Anno XLII, n. 11.749, p. 1, 12 dez. 1895.

EXPOSIÇÃO UNIVERSAL DE 1893. **Fotografia**. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Exposi%C3%A7%C3%A3o_Universal_de_1893>. Acesso em: 15 maio 2021.

FRAMINGTON STATE UNIVERSITY. Disponível em: <https://en.wikipedia.org/wiki/Framingham_State_University>. Acesso em: 8 jun. 2021.

FROEBEL TRUST. **The Power of Play**. Disponível em: <<https://www.froebel.org.uk/about-us/the-power-of-play>>. Acesso em: 08 jun. 2021.

GAZETA DE NOTÍCIAS. **Cartas e Comunicados**.

GAZETA DE NOTÍCIAS. **Telegramas**, São Paulo 3. Rio de Janeiro, ano XXII, n. 64, 04 mar. 1896. Disponível em: <http://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=103730_03&pagfis=13741>. Acesso em: 20 maio 2021.

HALFCENTURY CELEBRATION: Former Principals, Teachers, Alumni and Pas Students of Springfield High School Have Reunion. **The Springfield Reporter**, Springfield, Vt., p. 8, 8 jul. 1920.

LADUE, Daniel. **Túmulo Marcia Brown**. 2020. 1 fotografia. Arquivo particular.

LECTURES in Reading Room at Maplewood. **Malden Mirror**, Malden, Mass., V. 14, n. 51, p. 5, 2 maio 1885.

LEI DE 15 DE OUTUBRO DE 1827. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/LIM/LIM..-15-10-1827.htm>. Acesso em: 11 out. 2021.

LEI Nº 16 DE 12 DE AGOSTO DE 1834. DISPONÍVEL EM: <<https://legislacao.presidencia.gov.br/atos/?tipo=LIM&numero=16&ano=1834&ato=2ec0TP31UeFRVT351>>. Acesso em: 20 nov. 2021.

LEI Nº 34 DE 16 DE MARÇO DE 1846. Disponível em: <<https://www.al.sp.gov.br/repositorio/legislacao/lei/1846/lei-34-16.03.1846.html>>. Acesso em: 10 jun. 2021.

LEI Nº 88, DE 8 DE SETEMBRO DE 1892. Disponível em: <<https://www.al.sp.gov.br/norma/?id=64173>>. Acesso em: 20 nov. 2021.

LEI Nº 130, DE 25 DE ABRIL DE 1880. Disponível em: <<https://www.al.sp.gov.br/norma/?id=139470#:~:text=A%20Assembleia%20Legislativa%20do%20Estado%20de%20S.%20Paulo,investigar.%20Lei%20n%C2%B0%20130%2C%20de%2025%2F04%2F1880%20%28Lei%20130%2F1880%29>>. Acesso em: 20 nov. 2021.

LEI ORDINÁRIA Nº 169, de 7 de Agosto de 1893. Disponível em: <<https://leisestaduais.com.br/sp/lei-ordinaria-n-169-1893-sao-paulo-adita-diversas-disposicoes-a-lei-n-88-de-8-de-setembro-de-1893>>. Acesso em: 10 jun. 2021.

LETTER of Resignation from Maplewood School. **Malden Mirror**, Malden, Mass., V. 18, n. 2, p. 8, 19 maio 1888.

LETTER of Resignation from Maplewood School. **The Evening Mail**, Malden, Mass., V. III, n. 43, p. 1, 24 maio 1888.

LETTER of Resignation from Maplewood School. **Boston Morning Journal**, Boston, Mass., V. LV, n. 18119, p. 3, 28 jul. 1888.

MALDEN HISTORICAL SOCIETY. Disponível em: <https://www.maldenhistoricalsociety.org/>. Acesso em 1 ago. 2018.

MALDEN PUBLIC LIBRARY. Disponível em: <<https://maldenpubliclibrary.org/>>. Acesso em: 6 ago. 2018.

MARCIA Brown writes from Pernambuco. **Malden Mirror**, Malden, Mass., p. 8, 22 set. 1888.

MARCIA Browne's Career in Brazil Due to Efforts of Miss Emma F. Foster. **Malden Evening News**, Malden, Mass., V. XVIII, n. 19, p. 9, 6 abr. 1923.

MARCIA P. Brown Appointed Principal of Maplewood School. **Malden Mirror**, Malden, Mass., V. 9, n. 15, p. 4, 6 set. 1879.

MARCIA P. Browne dies at Sanitarium. **Malden Evening News**, Malden, Mass., V. LXIII, n. 17, p. 1, 5, 4 abr. 1923.

MARCIA P. Browne's Funeral Attended by Former Students and Teachers. **Malden Evening News**, Malden, Mass., V. LXIII, n. 20, p. 1, 6, 7 abr. 1923.

MARCIA P. Browne succeeds Emily Humphrey as principal of Maplewood School. **Boston Morning Journal**, Boston, Mass., V. XLVIII, n. 15278, p. 3, 5 jul. 1879.

MISS Brown's Reception. **Malden Mirror**, Malden, Mass., V. 18, n. 12, p. 8, 28 jul. 1888.

MISS Marcia Brown left Maplewood. **Malden Mirror**, Malden, Mass., V. 18, n. 13, p. 8, 4 ago. 1888.

NORMAL SCHOOL. Disponível em: <<https://www3.nd.edu/~rbarger/www7/normal.html>>. Acesso em: 08 jun. 2021.

NORTHERN Home for Friendless Children (1874). Fotografia. **Digital Collections.** Disponível em: <<https://libwww.freelibrary.org/digital/item/44314>>. Acesso em: 20 maio 2021.

OLD FORT HOUSE MUSEUM. Fort Edward, NY. Disponível em: <<http://www.oldforthousemuseum.com/fort-edward-historical-association/>>. Acesso em: 16 maio 2021.

PAVILHÃO BRASILEIRO NA WORLD'S FAIR DE 1893, EM CHICAGO. Fotografia.

PEDAGOGIA Educação Infantil. Disponível em: <https://www.members.tripod.com/pedagogia/infantil/pestalozzi1.htm>. Acesso em: 8 jun. 2021.

PLATT, M. K.; NORTON, C. F. The Home for the Friendless: To the Women of Clinton County and northern New York. **The Plattsburgh Sentinel**, Plattsburgh, NY, V. 19, n. 44, p. 3, 10 abr. 1874. Disponível em: <<https://nyshistoricnewspapers.org/lccn/sn85026976/1874-04-10/ed-1/seq-3/>>. Acesso em: 20 maio 2021.

PRESBYTERIAN HISTORICAL SOCIETY. Disponível em: <<https://www.history.pcusa.org/collections/research-tools/church-record-surveys/new-york/new-york-madison-square-presbyterian#:~:text=The%20Presbyterian%20Historical%20Society%20holds%20the%20following%20records,17171961.%2012%20cubic%20feet.%20%28Call%20number%3A%20RG%20413%29>>. Acesso em: 13 maio 2021.

PRESENTED with Marble Clock. **The Evening Mail**, Malden, Mass., V. 1, n. 69, p. 1, 25 jun. 1887.

PRINCIPAL Prostrated by Overwork. **Malden Mirror**, Malden, Mass., V. 13, n. 27, p. 5, 17 nov. 1883.

PROCESSOS MANSOS. **O Estado de São Paulo.** 08 de nov. 1888. Disponível em: <<https://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/18881108-4081-nac-0001-999-1-not/busca/C%C3%B4nego%20Manoel%20Vicente>>. Acesso em: 20 maio 2021.

RECEPTION to Miss Marcia P. Browne. **Malden City Press**, Malden, Mass., V. VIII, n. 45, p. 8, 28 jul. 1888.

REFORMA CORRELATA. **O Estado de São Paulo.** 10 de jan. 1890. Disponível em: <<https://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/18900110-4434-nac-0001-999-1-not>>. Acesso em: 20 maio 2021.

RELATORIO DO SECRETARIO DO INTERIOR. **Correio Paulistano**. 16 abr. 1895. Disponível em: <http://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=090972_05&Pesq=relatorio+do+secretario+do+interior&pagfis=6224>. Acesso em: 20 maio 2021.

RESOLUTIONS of the School Committee. **The Evening Mail**, Malden, Mass., V. III, n. 62, p. 1, 16 jun. 1888.

RESOLUTIONS of the School Committee. **Malden Mirror**, Malden, Mass., V. 18, n. 6, p. 4, 16 jun. 1888.

ROGERS, Tony. **Here Is a Brief History of Print Journalism in America**. Disponível em: <<https://www.thoughtco.com/here-is-a-brief-history-of-print-journalism-in-america-2073730>>. Acesso em: 10 jun. 2021.

SCHOOL house em Springfield, Vt. **Fotografia**. Arquivos Presbyterian Historical Society. Filadelfia, Pa. Ago. 2020.

SMITH, M. K. (1996, 2008). **Johann Heinrich Pestalozzi**: pedagogy, education and social justice, The encyclopedia of pedagogy and informal education. Disponível em: <<https://infed.org/mobi/johann-heinrich-pestalozzi-pedagogy-education-and-social-justice/>>. Acesso em: 4 maio 2021.

SOUTO, Dominic. **Horace Mann**. A.I.R.A. Project. (N I), 2013. Disponível em: <<https://horacemannaira.weebly.com/manns-six-principles.html#:~:text=Horace%20Mann%20believed%20that%20there%20were%20six%20principles,have%20to%20pay%20for%2C%20control%2C%20and%20maintain%20education>>. Acesso em: 8 jun. 2021.

SPRINGFIELD Academy, Springfield, Vt. **Fotografia**. Arquivos Presbyterian Historical Society, Filadelfia, Pa. Ago. 2020.

THE WALDEN FONT CO. Disponível em: <<https://www.waldenfont.com/OnPrintinginAmerica.asp>>. Acesso em: 30 maio 2021.

VASSAR Encyclopedia. Disponível em: <<http://vcencyclopedia.vassar.edu/curriculum/preparatory-school.html>>. Acesso em: 8 maio 2021.

VASSAR Info. **Fotografia**. Entrada Principal da universidade. Disponível em: <<http://info.vassar.edu/about/vassar/history.html>>. Acesso em: 20 maio 2021.

VERMONT NEA. **The Union of Vermont Educators**. Disponível em: <<https://www.vtnea.org/about>>. Acesso em: 20 maio 2021.

Wikipedia contributors. (2021, November 7). Framingham State University. In *Wikipedia, The Free Encyclopedia*. Retrieved 12:42, November 14, 2021,

from https://en.wikipedia.org/w/index.php?title=Framingham_State_University&oldid=1054044420.

WILLIAM G. POMEROY FOUNDATION. **Fort Edward Collegiate Institute**. Disponível em: <<https://www.wgpfoundation.org/historic-markers/fort-edward/>>. Acesso em: 16 maio 2021.

ANEXO A – A CARREIRA DE MARCIA BROWNE DEVIDO AOS ESFORÇOS
DE MISS EMMA F. FOSTER (MALDEN EVENING NEWS, 6 ABR. 1923)

Marcia Browne's Career in Brazil Due to Efforts of Miss Emma F. Foster

So much interest centres about the late Marcia P Browne that it may be well to note that it was through another Malden woman, Miss Emma F Foster, 436 Pleasant st, that the opportunity was opened to Miss Browne to do her remarkable work in Brazil.

The Brazilian authorities were seeking diligently for somebody specially adapted for the unique work required. The entire educational system must be reorganized, adapted to the requirements of the country and then carried out in such a way as to interest and inspire the people to support it. The gentlemen in their search called upon Miss Foster, manager of the Eastern Teachers' Agency, who assured them that she knew the woman who was equal to the situation and its requirements.

At first Miss Browne was reluctant to leave her work here, but as the needs were presented, the very difficulties appealed to her and she recognized the unusual opening for education and for progress.

The first school was held in a forsaken monastery. The work was difficult, but she never failed to meet its requirements. She reorganized the entire system, writing herself many of the text books which she needed, frequently being only a lesson or two ahead of her classes. She not only taught the pupils but she made them desirous to learn. In the early days at Brazil she shocked the sensibilities of some in the community by walking to and from the schools carrying an armful of books herself, but soon Brazil recognized the genius of the woman and the whole-hearted way in which she was carrying on the work, the forgetfulness of self, and she received the full measure of honor due her.

Brazil and Brazilian institutions will never lose the impress which was given them in those days by this remarkable woman who went to them from from the public schools of Malden.

ANEXO B – POEMA PARA MARCIA BROWN DURANTE A RECEPÇÃO NA SUA DESPEDIDA PARA A VIAGEM AO BRASIL (MALDEN CITY PRESS 1888)



Reception to Miss Marcia P. Brown.

On Thursday evening a public reception was tendered to Miss Marcia P. Brown, late Principal of the Maplewood Grammar School, who leaves next week for Brazil, where she has accepted an engagement to prepare young ladies for positions as teachers.

There was a very large gathering of present and past pupils, with their parents and friends, the majority of whom were ladies present. Among the more prominent citizens were, Revs. S. A. Beverance, H. C. Cary, W. F. Oyster, and Mrs. Cummings, Superintendent of Schools Daniels, Dr. C. B. Harris, E. B. Powers, F. E. Woodward, George L. Gould, E. F. Hawley, L. W. Rockwood, Erasmus A. Smith, George Cox, Jr., S. M. Spencer, Hattie Ayers, James F. Eaton, Thomas Gill, J. T. Blackwood, A. B. Wadsworth, John Potter, Moses Robinson, A. B. Hastings, F. F. Harrison, H. M. Hartshorn, Dr. E. A. Cooke, Captain Arthur Shepard.

The exercises opened with a prayer by Rev. S. A. Beverance, and Mr. George L. Gould, chairman, followed with a brief introductory address. The Maplewood Grammar School Quartette rendered a selection, and Mrs. M. A. Cummings then stepped forward and presented to Miss Brown a handsome gold-plated eight-day travelling clock, in a leather case, and an elegant silver-plated pin, set with diamonds, accompanied with the following address:

From various houses, from up hill and down,
Wand' a is assembled to meet you, Miss Brown,
No driving or pushing induced us to come—
It was simply because we could not stay at home.
His Excellency, Mayor Wilson, is here,
His watchman bearing good will and good cheer,
Our superintendant, serene and upright,
Is leading us with his presence to-night.
We look to be here, and a soldier guard the way,
We nod and bow, and acknowledge the power
In this royal building, where, now, every day,
You've guided young and less learning's rough way.

Are a great many graduates here to pay you
Hail you the proud of them, look a little, Miss Brown!

See the citizens, neighbors and friends, were
Assembled—far and near, for a call upon you!
To give you a group of the ladies, and to say
How sorry we feel that you're going away.
To thank you for things you have taken on charge
To benefit our city, as Teacher at large.
Not only for teaching to you, I write and speak,
And under such knowledge, imparted to you,
But for labor, regard and care of our school,
For things ever better and higher than gold.
With gratitude, measure your share with mine—
To keep happy dear little ones pure and clean,
And reap a harvest, here and elsewhere,
Will thank you for not giving up in despair.
For taking the load to us through your night,
And wishing the day for the year and the night,
What is every day, to us such a night,
When watched with the words of our gifts and hope!

There may be some people who live on the street,
A little of some smiles from the boys whom
You save,
But Maplewood, Linden and Fairview streets,
And would be treated with respect,
Our boys and girls talk on the public square,
And wish as a testimonial and pleasant "Good-
day."
And the carriage will be so packed and so packed—
That going to school, or coming home,
This change for the better we always come to
You.
And we're ever loyal to whom love is true,
And these boys, who know how to love, know you,
Will thank your performance, again and again.

Well—what shall we say? If you will, why you
say.
Look at all, and go something of so proud,
And we can be willing to look that I know,
But why, "Good-bye with good-bye," and then let you go,
If say large testimonial, (which we don't expect),
They'll be sent to you, thank you for you in heaven,
They are very polite, now, and won't mind, you
know.

The children are all, a good time ago,
And as you'll have plenty of time to trouble,
By the grace of your eye, all the signs from
Ward and
We'll thank you, all our folks in the matter you'll
say.
And give them some good, saying for all the
day.

Will it be too much trouble to take day with you,
And save us the cost of exchanging it through?
If you come, please, but we hardly dare
To send it to you, it is too early a day,
On the journey you'll probably in very good,
But it can make a note, if you don't think so,
Try it.

Find the key to the life, and it is so short,
And use it if it doesn't speak and for that!
It may be to some service he look as you like
But it's well it will show us off on a "certific"
I see you, Miss Brown, it is something good,
This day-day, good-bye, "your" possible
Good!

We don't want to see you too heavy a load,
But this is so small, it seems like to ask,
(As long as we people to stand in line, why)
Then you'll have day, day, then with every,
A light some testimonial from would cheer,
The day would fall in an such respect,
A witness of goodness, pure and bright,
It speaks of our share as a teacher and light,
May it be a reminder of Fidelity's clear glow,
That will light up your journey wherever you
go.

And if, some day night, you should want to see
A swanky lamp, of light and glow,
Remember your testimonial, and the who say,
The key to be "happy" your happiness that!

When, in South America, why and why,
You'll all the nations with you and surprise,
Don't they all say, but you are there, like a
And make them believe you are all just as smart,
The word of advice, they're present or rather,
In all your little things, do best as you please,
Then I can see to make other schools, by the
same,
But, Miss Brown, don't hurry with the
Miss Brown accepted the gifts and
imposed in feeling and grateful lan-
guage,
Chief remarks, complimenting Miss
Brown on her success and ability as a

teacher, and wishing her abundant pros-
perity in her new field of labor were made
by Supt. Daniels, Dr. Shute, Secretary
Woodward, David Ayers, A. D. Crombie
and Rev. S. C. Cary.

During the evening the following pro-
gramme was rendered:

Song....."The Artillerist's Oath"
Maplewood G. S. Quartette.
Song....."Love's Old, Sweet Song"
Miss E. Maud Kinman.
Violin Solo....."La Belle Clara Waltz"
Miss Clara Garfield.
Song....."When the Mist has Cleared"
Miss E. Maud Kinman.
Song....."The Soldier's Farewell"
Grammar School Quartette.
Song....."Home, Sweet Home"
Miss E. Maud Kinman.
Song....."Auld Lang Syne"
By the Audience.
Accompanist—E. Willie Spencer.

Miss Kinman sang "The Pride of Kil-
dare" as an encore for her first number,
and was presented with a large and hand-
some bouquet.

At the close of the reception nearly
every one present took the opportunity to
shake hands with Miss Brown and wish
her a safe and pleasant voyage to and a
happy and contented life in her new
home.

Miss Brown goes to New York next
Monday or Tuesday, and on Wednes-
day will sail in the steamer "Finance" for
Rio, en route to her destination. She cer-
tainly carries with her the heartiest
wishes of the people of Maplewood, who
have learned to love her during her resi-
dence of nearly ten years among them,
for all the blessings which can be be-
stowed upon an honorable, kind-hearted
and conscientious woman.

**ANEXO C – CARTA DE MARCIA BROWN PARA DR. MITCHELL, ENVIADA
EM 22 DE SETEMBRO DE 1890**

Algumas palavras não foram possíveis de serem decifradas, pois a carta original é manuscrita. (1890)

Relation to school
Miss Browne

Rcd. Oct 18th
No. 33 Rua do Santo Antonio
São Paulo, Brasil
Sept. 22, 1890

Dear Dr. Mitchell:

I have been intending for several weeks to write to you a few lines, but my life is so full of work that I find little time for anything else. I wrote you last year about the time you left for China, but the letter was returned to me unopened, as I requested it should be in case you were absent. I can hardly believe that two years have passed since I reached Brazil, and still more difficult it is for me to realize what work the Lord was preparing here for me when his hand was laid upon me and against all my inclinations I was sent to Brazil. The twenty seven young Brazilians whom the governor of the state has entrusted to me to prepare for introducing modern methods into the public schools of the state or as a fine set of young men as I have ever known, they are much superior in intellectual ability and culture to the young men in the American school (Mission School). Here are three married men among them. They are from 18 to 33 years of age. Several of them belong to families of honorable record. They are a class of earnest thinkers, - it is a great pleasure to work with and for them. The professors in the Normal School say they are an exceptionally fine class. If I were twenty years younger, I should feel that the shaping of the public schools in this part of Brazil was largely in my hands. As it is I am glad to help this great nation struggling with a mighty effort to brake the chains of religious superstition that have made its schools simply nesting places for propagating ignorance and superstition. If the principles that we recognized among modern educators, as being fundamental in the evolution of the human minds can be introduced and carried out in the public schools of Brasil, Romanism must die, or so modify itself that it can meet the spirit _____ needs of humanity, which is only another way of saying, that when the fetters are removed from human souls they will not be satisfied with the _____, but must have the cornels of the truth. I think the Jesuits feel this, and private school

under the care of the church are being organized in every corner of the state. Part of the work I am doing under the reform was begun, been in the hands of a very bigoted priest. Everything that money can buy is furnished me, and I have every reason to believe my work is regarded favorably by the prominent, progressive caterers of the city. I have wanted to write you about my _____ to the Mission School from the financial standpoint. When I came to Brasil I did not intend to take any remuneration for my services, but it has seen to me best to accept the \$50 per month offered.

I reached Sao Paulo, Saturday, Sept 1, and commenced work immediately the following Monday. – during the 19 months that I was there I did not do only my own work, but considerable other teaching and spent the evenings _____ a late hours preparing lessons of various kinds, as there are no books in Portuguese that we adopted to modern ways of teaching. – I very soon got hold of the language so I could write it.

That is the sample style that was adapted to children. My only regret was that I could not do more. Before I left I received \$200 from Mr. Ha---- which was called outfit money. This I have paid to Dr. Lane, - the 1st of Oct after coming I recd. \$50 – as the money I brought with me was good - and was at a discount amount. After that I recd. nothing until the 1st of March. Four months service went to pay the \$200. I am particular about this matter because I have run in my life considerable carelessness about things of this kind. For 19 months service I received \$200 from Mr. H and \$50 from Dr. Lane or from the _____ of the school where is very large. I do not intend to remain in Brasil very long, as I had had it in mind to found a school under the _____ Ed. Security of the Congressional church for young women, - into which I could put the small amount of means that is at my disposal and the rest of my life. When I came to Brasil I thought perhaps my field was here, but the Lord has not so led my footsteps. He has shown me my work here, and gone before me in ways that have sowed me that I must follow the path. He marks out.

On the left side:

Trusting that you will understand the spirit in which
this letter is written, and pardon me for taking your
valuable time

I am very truly

Marcia P. Browne

ANEXO E – CARTA ENVIADA POR MARCIA BROWN DEZ MESES APÓS TER
CHEGADO AO BRASIL (CITY PRESS 1889)

Marcia P. Brown in Brazil.

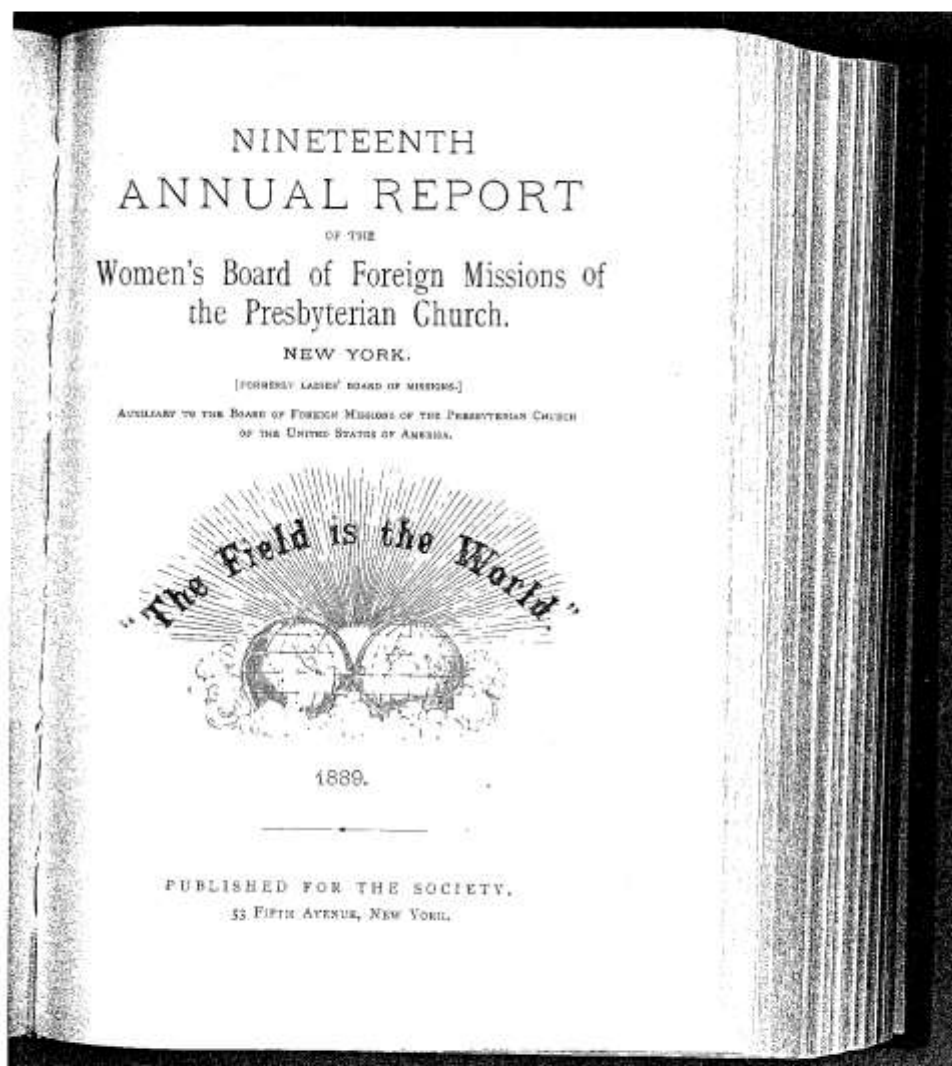
EXTRACTS FROM A LETTER FROM A FORMER
MALDEN SCHOOL TEACHER.

The many friends of Miss Marcia P. Brown, late principal of the Maplewood Grammar School, will read with interest the following extracts from a letter just received from her, dated San Paulo, Brazil, June 1st, 1889:

"It hardly seems to me that it is ten months since I left Maplewood, but such is the case. I have never regretted coming to Brazil. The field here is wide; public education is controlled entirely by the Jesuits. The government has established Normal Schools, and tried in various ways to improve the schools, but so great is the preponderance of Romish influence that no good results have followed. The school where I am is rapidly becoming a power in the empire. Of the 175 children entirely under my supervision not more than 25 are Protestant. The others belong to nominally Romish families; some of the best families of the city. We have the children of the president of the Province, and also those of several counts and barons. They are told always if they put their children into school that the Bible and its teachings will be taught. In some cases they are indifferent, in others they demur somewhat, and in some cases they do not send them. I am doing my utmost to make the Primary department equal to Maplewood. The teachers that I am training teach in it; we only lack appliances to work with, and those are being made here, or imported from the United States. The gentleman who had charge of the young men who are fitting for the ministry was obliged to go the first of April to Scotland, on account of failing health, and I am obliged to teach two of his classes until a new man comes from the United States. Among the young men is a full-blooded Indian; but a keener, more analytical mind I never taught. He is shy and suspicious, but takes kindly to me, and helps me a great deal in the little reading-book I am making in the Portuguese language. Another is a finely-educated man, thirty-five years old, and formerly a Romish priest and chaplain in the Brazilian army. He knows the dark lanes of Romanism, and from his former relations to the church and state will be able to do much toward the uplifting of Brazil into that condition of intellectual and spiritual freedom that will make her a great nation. He is a mulatto.

I am teaching a class in Latin, one in Geometry, one in Algebra, and one in English. None of this is my work, but I am glad to do what I can to help forward the interest of the school until more teachers come."

ANEXO F – 19º RELATÓRIO ANUAL DO CONSELHO DE MULHERES DAS
MISSÕES ESTRANGEIRAS DA IGREJA PRESBITERIANA (1889)



ANEXO G – CARTA DE MARCIA BROWN ENVIADA APÓS A
PROCLAMAÇÃO DA REPÚBLICA (MIRROR 1890)

Letter from Brazil.

SAO PAULO, BRAZIL, Dec. 2, 1889.

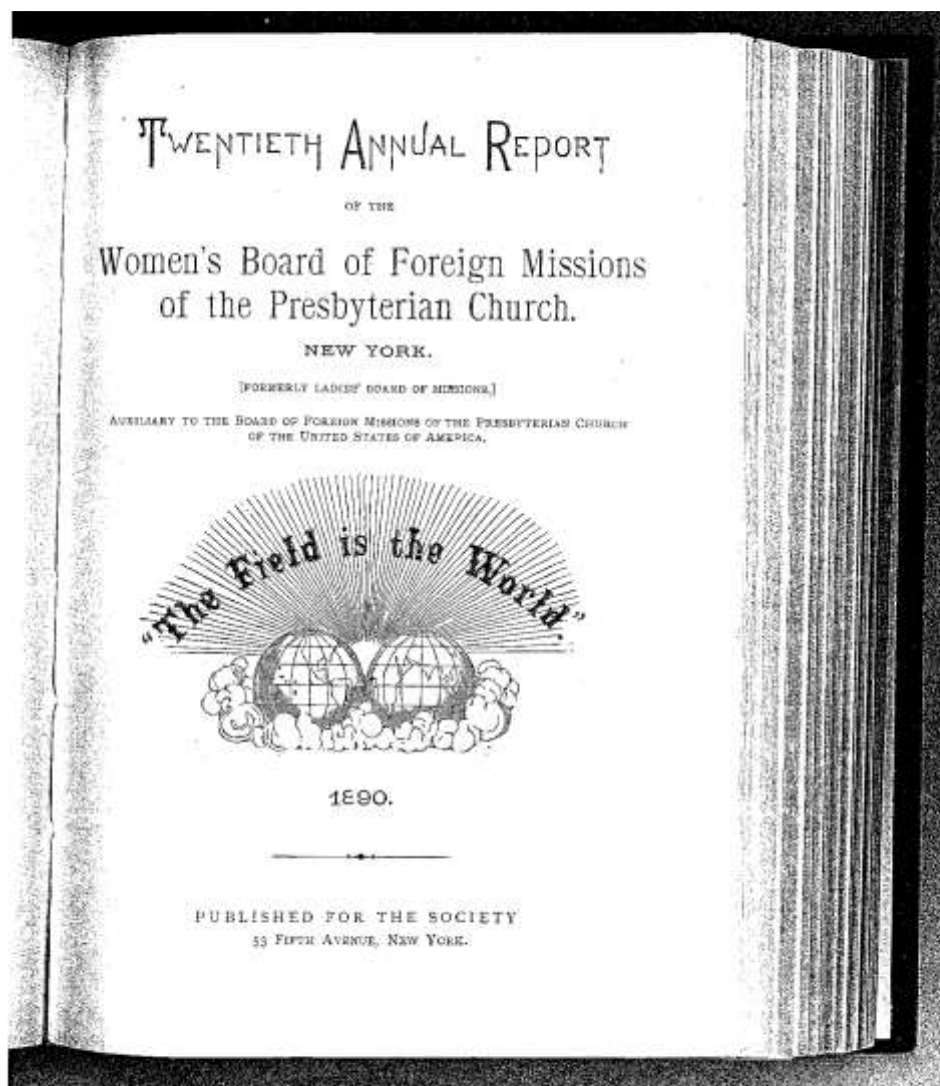
Mr. EDITOR:—The dignified and pacific way in which a complete and radical change has been brought about in the government of Brazil, is something marvelous to a citizen of the United States who has taken cognizance of the bitterness and vituperation that often attend the election of a president, the governor of a state, and sometimes a Malden alderman.

The 15th of Nov., 1889, under the masterly hand of Gen. Deodoro da Fonseca, the army and citizens at the capital proclaim the end of the monarchy and the birth of the Republic. There is no insurrection, no mob, no burning of the emperor or any of the royal family in effigy, and, with a single exception, no bloodshed. Dom Pedro II. becomes simply citizen Pedro de Alcantara; and the heir-apparent to the throne, the Princess Isabel, and her husband, the Count d'Eu, are henceforth private individuals. The telegraph flashes the news to twenty different provinces, covering an extent of territory greater than the United States, excluding Alaska. These, one after another, in an enthusiastic, but

These, one after another, in an enthusiastic, but orderly manner, declare themselves in favor of the long desired change. The officers of the old governments retire and new ones are elected by the municipal governments of the several capitals, or by the republican clubs, to serve provisionally. Bands of music are everywhere playing the Marseillaise, the air is filled with the blaze of rockets, and even the children salute one with "Vivi Republica!" There is no suspension of business, no fall in the exchange, which is decidedly in favor of Brazil, so far as England, France and the United States are concerned. Both parties of monarchists, the liberals and conservatives, accept the inevitable gracefully, and express a willingness to join with the republicans in the reconstruction of the government upon the basis of a federal republic. Could the most astute opponent of war or the most ardent promoter of peace organizations desire anything more indicative of the good time coming when "the nations shall know war no more?" But then this is the people that, on the 13th of May, 1863, freed its slaves by a stroke of the pen, while, for the same act of justice toward an oppressed race in the United States, a million of white men had down their lives on southern battlefields and the government spent untold sums of money. And we Anglo-Saxons boast of our superiority to the Latin races, and send missionaries among them!

Against the emperor, whom the Brazilians have always loved since a child of six years he was confided to their care, one hears nor reads no accusations. One hears only regrets that he could not have died as he had lived for nearly fifty years, Emperor of Brazil. But the exigencies of the government were such that he could not. Dom Pedro really had no successor,—the princess royal is a bigoted woman entirely under the control of the priests and greatly disliked by the people, while her husband is a hated prince of the unfortunate Orleans family. The great fear was that the emperor, in his present weak state of body and mind, would abdicate in her

ANEXO H – 20º RELATÓRIO ANUAL DO CONSELHO DE MULHERES DAS
MISSÕES ESTRANGEIRAS DA IGREJA PRESBITERIANA (1890)



**ANEXO I – PARTE DA CARTA ENVIADA POR HORACE LANE
RESPONDENDO A UM QUESTIONAMENTO QUANTO À APTIDÃO DE
TRABALHAR DE MISS BROWN**

Miss Brown's fitness to work

São Paulo, May 26th, 1890

My dear Mr. _____ (nome ilegível)

Yours of April 21st is received. I am sorry the question of Miss Brown's fitness for work in a Presbyterian mission school has come up in New York. I have always felt that the secretaries were too heavily burdened with matters of a larger and more general character to be worried with the personal questions, which unfortunately seem to be inevitable in the mission; hence, I always refer to personal matters with great reluctance. Miss Brown was simply an employee of the school, obtained through a teacher's agency in Boston and should not have been mixed up with mission matters. She is a member of the Congregational Church of Rutland, Vt. I believe, a woman of deeply devotional and religious nature, but who unfortunately has gone off into spiritualistic theosophies and other 'isms' prevalent in the neighborhood of Boston, where she has lived and taught for the past 20 years. So that she is a sort of a Unitarian Spiritualist – who espouses the views of Tolstoi, Emerson etc, and has some very original views of her own, that would not stand a Presbyterian test. From the very first, a strong antagonism showed itself between Miss Brown and Miss Kuhl – I think had it not been for this, Miss B peculiar views would have been left in the background and we might have had the benefit of her great experience and undoubted ability in primary school work. A woman of tremendous energy and force of character. She rebelled against what she termed the unchristian sentimentality of the girl's school, gave her charge of the many women of the normal class, while Miss Kuhl had complete control of the rest of the establishment. I believe both of these women meant to do exactly what was right, but they were uncomfortable with each other, and the breach widened.

Miss Brown's peculiar views began to stand out in bold relief brought out by the antagonism between the two. I feared their influence upon the young ladies. What should I do? I talked the matter over often with Mr. Kolb and with our pastor here. They both thought I should get rid of Miss Brown. How to do it and be just to her? I felt that much of her theory of philosophy was sheer bravado to throw into bolder relief Miss Kuhl's weak efforts and thus demoralize her – I am still convinced of that. [...] Miss Kuhl is a missionary of many years' service, a devout Christian woman who has fought the fight nobly in the day of small beginnings - a woman of deep spirituality; a devoted servant of the Master. [...] The trouble was increasing.[...] I was consulted by government concerning the reorganization of the Normal Schools to take charge of it, which was of course quite out of the question. It seems to me an opportunity for Miss Brown out, after hours work. I secure for her a good position as head of the training department of the Normal School in connection with a Miss Andrade who has spent some time in New York,

and could supplement Miss Brown's poor Portuguese. Miss Andrade was a pupil of mine in 1859 and came from Rio at my invitation and is now engaged with Miss Brown in the work alluded to. It would have been cruelty to put Miss Brown into this work, far more difficult than she acknowledges alone, and had it not been for Miss Andrade I should not have done it, and should have the next question on how to reconcile the two women, Miss Kuhl and Miss Brown, both valuable in their way.

**ANEXO J – CARTA DE CAETANO DE CAMPOS DE 30 DE MARÇO DE 1890
ESCLARECENDO PONTOS DA REFORMA (O ESTADO DE SÃO PAULO, 10
MAR. 1890)**



Escola Normal

Escola Normal... (faded text)

Escola Normal... (faded text)

Escola Normal... (faded text)

Escola Normal... (faded text)

Escola Normal... (faded text)

Escola Normal... (faded text)

Escola Normal... (faded text)

Escola Normal... (faded text)

Escola Normal... (faded text)

Escola Normal... (faded text)

Escola Normal... (faded text)

Escola Normal... (faded text)

Escola Normal... (faded text)

Escola Normal... (faded text)

Escola Normal... (faded text)

Escola Normal... (faded text)

Escola Normal... (faded text)

Escola Normal... (faded text)

Escola Normal... (faded text)

Vertical text on the right margin, likely a page number or index.

ANEXO K – 21º RELATÓRIO ANUAL DO CONSELHO DE MULHERES DAS
MISSÕES ESTRANGEIRAS DA IGREJA PRESBITERIANA (1891)

